



**QUANDO DEUS
SUSSURRA O SEU NOME**

Max Lucado

LANÇAMENTO

**SEMEADORES
da PALAVRA**

(c) 1995 EDITORIAL CARIBE, INC.
9200 S. Dadeland Blvd., Suite 209
Miami, FL 33156, EE.UU.

Título do original em inglês:
When God Whispers Your Name
(c) 1994 por Max Lucado
Publicado por *Word Publishing*

Tradutora do inglês ao espanhol: Erma Ducasa

ISBN: 0-88113-377-9

Reservados todos os direitos.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a devida autorização dos editores.

Tradução do espanhol ao português por Daniela Raffo
Terminada em domingo, 27 de janeiro de 2008, 17:08:13

Revisão final e formatação: SusanaCap

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

<http://semeadoresdapalavra.queroumforum.com>

DEDICATÓRIA.....	4
RECONHECIMENTOS.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
A CANÇÃO DO TROVADOR.....	8
A VOZ PROVENIENTE DO BALDE DE LIMPEZA.....	10
POR QUE JESUS IA A FESTAS.....	16
HERÓIS OCULTOS.....	22
VOCÊ PODERIA TER ESTADO NA BÍBLIA.....	28
MÁXIMAS.....	32
OS CARTÕES DE NATAL DE DEUS.....	35
ATRÁS DA CORTINA DO BANHEIRO.....	38
AS PERGUNTAS DE GABRIEL.....	41
QUAL É SEU PREÇO?.....	44
PROVISÕES E GRAÇA.....	51
A DECISÃO.....	53
O PROFETA.....	55
O TOQUE DO MESTRE.....	59
QUANDO OS GRILOS O IRRITEM.....	60
COMO VER O QUE O OLHO NÃO VÊ.....	67
COMO VENCER A HERANÇA.....	71
O DOCE SOM DO SEGUNDO VIOLINO.....	77
O SEU SACO DE PEDRAS.....	81
SOBRE OZ E DEUS.....	85
UM TRABALHO INTERNO.....	89
AS BOAS NOTÍCIAS DA MEIA-NOITE.....	94
HÁBITOS SAUDÁVEIS.....	98
DFW E O ESPÍRITO SANTO.....	102
O DEUS QUE PELEJA POR VOCÊ.....	106
O HÓSPEDE DO MAESTRO.....	115
O DOM DA INFELICIDADE.....	118
COMO VER A DEUS.....	122
ÓRFÃOS DIANTE DA PORTA.....	128
A PAISAGEM DAS TERRAS ALTAS.....	131
O NOME QUE SÓ DEUS CONHECE.....	135
GUIA DE ESTUDO.....	139

DEDICATÓRIA

Denalyn e eu gostaríamos de dedicar este livro à universidade na qual nos graduamos: Abilene Christian University. Saudamos o conselho de direção, à administração, a equipe de professores e outros funcionários. Por tudo o que fizeram e fazem, os aplaudimos.

"Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor" (1 Coríntios 15:58, ACF).

RECONHECIMENTOS

As seguintes pessoas aportaram o necessário quanto ao estímulo, lembranças, elogios e pontapés no traseiro, para completar este trabalho.

Obrigado a:

Karen Hill, minha assistente. Você sabe o que preciso antes de que eu o peça. Sabe onde está quando o perdi. Sabe o que é necessário quando não o posso reparar. Você é humana ou anjo?

Liz Heaney, minha editora. Eis aqui um brinde aos bons livros, longas horas e manuscritos acabados. Obrigado por outro trabalho grandioso.

À família Word. A cada um de vocês. Sinto-me honrado de ser seu companheiro.

A Steve e Cheryl Green. Pela sua dedicação a UpWords e sua leal amizade.

A Steve Halliday, por escrever o Guia de Estudo.

A Terry Olivarri, pelas lições sobre o desfrute da vida.

A Jim Martin, um excelente médico. Um querido amigo.

A minha esposa Denalyn. Cada segundo penso em você. Cada segundo penso no quanto estou agradecido por você.

E a você, leitor, que as palavras deste livro te conduzam à única Palavra que importa. A dEle.

Max Lucado

INTRODUÇÃO

"As ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora" (João 10:3, ACF).

Quando vejo um rebanho de ovelhas vejo exatamente isso: um rebanho. Um monte de lã. Uma manada de cascos. Não vejo *uma* ovelha. Vejo ovelhas. Todas iguais. Nenhuma diferente. Isso é o que eu vejo.

Mas não é assim para o pastor. Para ele, cada ovelha é diferente. Cada face é especial. Cada rosto tem uma história. E cada ovelha tem um nome. *A dos olhos tristes, essa é Droopy. E aquele que tem uma orelha parada e a outra caída, o chamo Oscar. E esse pequeno que tem a mancha preta na pata, é órfão e não tem irmãos. O chamo José.*

O pastor conhece suas ovelhas. As chama pelos seus nomes.

Quando vemos uma multidão, vemos exatamente isso: uma multidão. Enchendo um estádio ou inundando um centro comercial. Quando vemos uma multidão, vemos gente, não pessoas, mas gente. Uma manada de humanos. Um rebanho de rostos. Isso é o que vemos.

Mas não é assim para o Pastor. Para Ele cada rosto é diferente. Cada face é uma história. Cada rosto é uma criança. Cada criança tem um nome. *A dos olhos tristes, essa é a Sally. Aquele velhinho que tem uma sobancelha levantada e a outra baixa, seu nome é Harry. E esse jovem que manca? É órfão e não tem irmãos. O chamo Joey.*

O Pastor conhece suas ovelhas. Conhece a cada uma pelo seu nome. O Pastor o conhece. Conhece seu nome. E nunca o esquecerá.

"Nas palmas das minhas mãos eu te gravei" (Isaias 49:16, ACF).

Pensamento surpreendente, não acha? Seu nome na mão de Deus. Seu nome nos lábios de Deus. Talvez tenha visto seu nome em alguns lugares especiais. Num prêmio ou num

diploma, ou sobre uma porta de madeira de cedro. Ou talvez tenha ouvido seu nome na boca de algumas pessoas importantes: um treinador, uma celebridade, um professor. Mas pensar que seu nome está na mão de Deus e nos lábios de Deus... opa, será isso possível?

E possivelmente nunca tenha visto que seu nome seja honrado. E não podes se lembrar se alguma vez ouviu que o mencionaram com gentileza. Se esse é o caso, é possível que lhe seja ainda mais difícil acreditar que Deus conhece seu nome.

Porém, sim, o conhece. Escrito em sua mão. Expressado pela sua boca. Sussurrado pelos seus lábios. Seu nome. E não só o nome que agora você tem, mas também o nome que Ele tem reservado para você. Um novo nome que lhe dará... porém espere, estou me adiantando. Lhe contarei sobre o novo nome no último capítulo. Isto é só a introdução.

De modo que... posso apresentar-lhe este livro? É um livro de esperança. Um livro cujo único objetivo é o de dar ânimo. Durante este último ano tenho colhido idéias de diversos campos. E embora seus tamanhos e sabores sejam variados, seu propósito é singular: brindar a você, o leitor, uma palavra de esperança. Achei que podia necessitar dela.

Você esteve em minha mente ao escrever. Frequentemente pensei em você. Sinceramente o fiz. Através dos anos cheguei a conhecer bastante bem a muitas pessoas. Tenho lido suas cartas, lhe apertei a mão e observei seus olhos. Acho que o conheço.

Está ocupado. O tempo passa antes que finalizem suas tarefas. E se tem oportunidade de ler, é sem dúvida muito escassa.

Está ansioso. As más notícias se propagam mais rápido que as boas. Os problemas são mais numerosos que as soluções. E está preocupado. Que futuro tem seus filhos aqui nesta terra? Que futuro tem você?

Você é cauteloso. Já não confia com tanta facilidade como antes.

Os políticos mentiram. O sistema falhou. O ministro negociou. Seu cônjuge foi infiel. Não é fácil confiar. Não é que não deseje fazê-lo. Simplesmente se trata de que deseje ser cuidadoso.

Há mais uma coisa. Você cometeu alguns erros. Conheci alguém numa livraria de Michigan. Um homem de negócios, raras vezes saía de seu escritório e muito menos para conhecer um autor. Mas naquela ocasião o fez. Se lamentava pelas muitas horas de trabalho e as poucas horas que passava em casa e desejava falar.

E a mãe, sozinha em Chicago. Uma criança lhe falava, a outra chorava, mas fazendo piruetas com ambos, apresentou seu argumento. "Cometi erros", explicou, "mas verdadeiramente desejo fazer uma nova tentativa".

E essa noite em Fresno. O músico cantou, eu falei e você veio. Quase que não foi. Quase ficou em casa. Esse dia encontrou o bilhete de sua esposa. Ela ia deixá-lo. Porém, da mesma forma você veio. Esperava que eu tivesse alguma coisa para a dor. Esperava que tivesse uma resposta. Onde está Deus num momento como este?

E assim, ao escrever, pensei em você. Em todos como você. Não é malicioso. Não é malvado. Não é de coração duro (às vezes cabeça-dura, mas não coração-duro). Realmente deseja fazer o correto. Mas às vezes a vida dá uma virada para pior. Muitas vezes precisamos uma lembrança.

Não um sermão.

Uma lembrança.

Uma lembrança de que Deus conhece seu nome.

Para este livro se apresentaram muitos capítulos à audição, mas nem todos foram selecionados, depois de tudo, não servia qualquer capítulo. Requeria-se brevidade, pois você está ocupado. Necessitava-se esperança, pois você está ansioso. Exigia-se lealdade às Escrituras, pois você é cauteloso. Tentei brindar um repertório de capítulos que recitem bem as letras da graça e cantem bem a melodia do gozo. Pois você é o hóspede do Mestre e Ele prepara um concerto que nunca esquecerás.

PARTE I

A CANÇÃO DO TROVADOR

Minha esposa adora antiguidades. Eu não (para mim são um pouco velhas). Mas como amo minha esposa, às vezes me encontro guiando três meninas por uma loja de antiguidades enquanto Denalyn faz compras.

Tal é o preço do amor.

O segredo da sobrevivência numa loja de relíquias é encontrar uma cadeira e um livro velho e acomodar-se para suportar a longa jornada. Foi isso o que fiz ontem. Depois de advertir as crianças que olhassem com seus olhos, não com suas mãos, sentei-me numa cômoda cadeira de balanço com algumas revistas Life dos anos cinquenta.

Foi nesse momento que ouvi a música. Música de piano. Música bonita. Da obra de Rogers e Hammerstein. As colinas adquiriam vida com o som da destreza de alguém no teclado.

Voltei para ver quem tocava, mas não podia ver ninguém. Me aprumei e me aproximei. Um pequeno grupo de ouvintes tinha se juntado diante do velho piano vertical. Entre os móveis podia ver as pequenas costas do pianista. Opa, só é uma menina! Dando mais uns passos pude ver seus cabelos. Curto, loiro e gracioso como... Surpreendente, é Andréia!

Nossa filha de sete anos estava sentada no piano percorrendo com suas mãos o teclado de ponta a ponta. Fiquei aturdido. Que presente do céu era este, que possa tocar de tal maneira? Terá se ativado algum gene que ela herdou da família? Mas ao aproximar-me mais, pude ver o verdadeiro motivo. Andréia "tocava" um piano automático. Não produzia música; a seguia. Não tinha o controle do teclado, mas sim tentava seguir o ritmo. Embora parecesse executar a canção, na verdade, só tentava seguir o ritmo de uma canção já escrita. Quando uma tecla se abaixava, suas mãos disparavam.

Ah, mas se pudesse ter visto seu pequeno rosto, alegre e feliz! Olhos que dançavam do mesmo modo que o teriam feito seus pés se fosse possível pôr-se em pé e tocar ao mesmo tempo.

Percebia por que estava tão feliz. Sentou-se que a intenção de tocar "Chopsticks" ¹, mas em vez disso tocou "The Sound of Music" ². Ainda mais importante que isso era que era impossível fracassar. Alguém maior que ela determinava o som. Andréia tinha a liberdade de tocar o que quisesse, sabendo que a música nunca sofreria.

Não é de se surpreender que se regozijasse. Tinha motivos para fazê-lo. Também nós temos.

Deus não nos prometeu o mesmo? Nos sentamos diante do teclado, dispostos a executar a única canção que sabemos, mas descobrimos uma nova canção. Uma melodia sublime. E ninguém se surpreende mais que nós mesmos quando nossos esforços anêmicos se transformam em momentos melodiosos.

Você tem, sabe?, uma canção completamente sua. Cada um de nós a tem. A única pergunta é: vai tocá-la?

Ao olhar como Andréia "tocava" esse dia na loja de antiguidades, observei um par de coisas.

Notei que o piano recebia todo o crédito. A multidão reunida apreciava os esforços de Andréia, mas conhecia a verdadeira fonte da música. Quando Deus opera, sucede o mesmo. É possível que aplaudamos o discípulo, mas ninguém sabe melhor que o próprio discípulo quem na verdade merece o elogio.

Mas isso não impede que o discípulo se sente no banco. Certamente não impediu que Andréia se sentasse ao piano. Por quê? Porque sabia que não era possível fracassar. Mesmo sem compreender como funcionava, sabia que o fazia.

E assim se sentou ao teclado... e foi uma experiência memorável.

¹ Uma canção simples que as crianças costumam tocar no piano.

² Canção tema do filme "A novícia rebelde".

Ainda quando seja possível que não compreenda como opera Deus, você sabe que Ele o faz.

Então, adiante. Aproxime um banco, sente-se ao piano e toque.

CAPÍTULO 1

A VOZ PROVENIENTE DO BALDE DE LIMPEZA

O corredor está silencioso exceto pelas rodas do balde e os pés que o velho vai arrastando. Ambos soam cansados.

Os dois conhecem estes pisos. Quantas noites Hank os limpou? Sempre cuidando de limpar os cantos. Sempre cuidadoso de colocar sua placa amarela de advertência devido ao chão molhado. Sempre ri ao fazê-lo. "Cuidado todos", ri para dentro, sabendo que não há ninguém por perto.

Não às três da manhã.

A saúde de Hank já não é como antes. A gota sempre o mantém acordado. A artrite o faz mancar. Seus óculos são tão grossos que seus globos oculares aparentam ser o dobro do tamanho normal. Seus ombros estão caídos. Mas realiza seu trabalho. Ensopa o chão com água com sabão. Esfrega as marcas dos saltos que os advogados de passo firme deixaram. Terminará sua tarefa uma hora antes da hora de ir embora. Sempre finaliza cedo. Tem sido assim durante vinte anos.

Quando acabar guardará o balde e se sentará do lado de fora do escritório do sócio mais antigo, e esperará. Nunca sai cedo. Poderia fazê-lo. Ninguém saberia. Mas não o faz.

Uma vez quebrou as regras. Nunca mais.

Às vezes, se a porta está aberta, entra no escritório. Não por muito tempo. Só para olhar. O escritório é maior que seu apartamento. Percorre com seu dedo o escritório. Acaricia o sofá de couro macio. Permanece em pé diante da janela e observa enquanto o céu cinzento se torna dourado. E recorda.

Uma vez teve um escritório como este.

Lá quando Hank era Henry. Naquele tempo, esse encarregado da limpeza era um executivo. Faz muito tempo. Antes do turno da noite. Antes do balde de limpeza. Antes do uniforme de manutenção. Antes do escândalo.

Hank não pensa muito no assunto. Não há razão para fazê-lo. Ficou encrocado, o despediram e foi embora dali. Isso é tudo. Não são muitos os que sabem do assunto. Melhor assim. Não é necessário dizer-lhes nada a esse respeito.

É seu segredo.

A história de Hank, por falar nisso, é real. Mudei o nome e um ou dois detalhes. Dei-lhe uma profissão diferente e o situei num século diferente. Porém a história é verídica. Você já a ouviu. A conhece. Quando lhe disser o verdadeiro nome, lembrará.

Porém, mas que uma verdadeira história, é uma história comum. É uma história sobre um sonho descarrilado. É uma história de uma colisão entre esperanças elevadas e duras realidades.

Acontece com todos os sonhadores. E como todos sonhamos, nos acontece a todos.

No caso de Hank, tratava-se de um erro que nunca poderia esquecer. Um grave erro. Hank matou alguém. Encontrou um valentão que batia num homem inocente e Hank perdeu o controle. Assassinou o assaltante. Quando o fato se tornou conhecido, Hank foi embora.

Hank preferiu esconder-se para não ser preso. Então, fugiu. O executivo se converteu num fugitivo.

História verídica. História comum. A maioria das histórias não chega ao extremo da de Hank. Poucos passam suas vidas fugindo da lei. Muitos, porém, vivem com remorsos.

"Poderia ter conseguido uma vaga em golfe na universidade", me disse um homem a semana passada, estando na quarta área de saída. "Tive uma oferta assim que saí da escola secundária. Mas me uni a uma banda de rock. No final nunca fui. Agora estou limitado a consertar portas de garagens".

"Agora estou limitado". Epitáfio de um sonho descarrilado.

Pegue um anuário da escola secundária e leia a frase de "O que desejo fazer" embaixo de cada retrato. Vai ficar tonto ao respirar o ar contaminado de visões de cumes de montanhas.

"Estudar numa universidade de renome".

"Escrever livros e viver na Suíça".

"Ser médico num país do Terceiro Mundo".

"Ensinar para crianças de bairros pobres".

Ainda assim, leve o anuário a uma reunião de ex-colegas depois de vinte anos de graduados e leia o capítulo seguinte. Alguns sonhos se converteram em realidade, mas muitos não. Compreenda que não é que todos devam concretizar-se. Espero que esse pequenino que sonhava em ser um lutador de sumô tenha recuperado seu bom senso. E espero que não tenha perdido sua paixão durante o processo. Mudar de direção na vida não é trágico. Mas perder a paixão é.

Algo nos acontece no trajeto. As convicções de mudar o mundo vão-se degradando até converter-se em compromissos de pagar as contas. Em vez de alcançar uma mudança, conseguimos um salário. Em lugar de olhar para a frente, olhamos para trás. Em lugar de olhar para fora, olhamos para dentro.

E não gostamos do que vemos.

Hank não se agradava. Hank via um homem que se havia conformado com a mediocridade. Tendo sido educado nas instituições de maior excelência do mundo, contudo trabalhava no turno noturno de um serviço de salário mínimo para não ser visto de dia.

Mas tudo isso mudou quando ouviu a voz que vinha do balde. (Mencionei que esta história é verídica?).

No princípio achou que a voz fosse uma piada. Alguns dos homens do terceiro andar faziam truques desse tipo.

— Henry, Henry — chamava a voz.

Hank virou-se. Mais ninguém o chamava de Henry.

— Henry, Henry.

Olhou para o balde. Resplandecia. Vermelho brilhante. Vermelho ardendo. Podia perceber o calor a dois metros de distância. Aproximou-se e olhou para dentro. A água não fervia.

— Isto é estranho — murmurou Hank ao aproximar-se mais um passo para poder ver com maior clareza. Porém a voz o deteve.

— Não se aproxime mais. Tire o calçado. Está parado sobre piso santo.

De repente Hank soube quem falava.

— Deus?

Não estou inventando isto. Sei que pensa que sim. Parece loucura. Quase irreverente. Deus falando de um balde quente a um zelador de nome Hank? Seria crível se dissesse que Deus falava de uma sarça ardente a um pastor de nome Moisés?

Talvez esta versão seja mais fácil de analisar... porque você já a ouviu antes. Mas o simples fato de que seja Moisés e uma sarça em vez de Hank e um balde não faz com que seja menos espetacular.

Com certeza Moisés deixou cair as sandálias por causa da emoção. Nos perguntamos o que surpreendeu mais o ancião: que Deus lhe falasse de uma sarça ou o simples fato de que Deus lhe falasse.

Moisés, igual a Hank, tinha cometido um erro.

Você se lembra da história. Da nobreza por adoção. Um israelita criado num palácio egípcio. Seus compatriotas eram escravos, porém Moisés era privilegiado. Comia à mesa real. Foi educado nas escolas mais refinadas.

Mas a professora que mais influenciou não tinha título algum. Era sua mãe. Uma judia que contrataram para ser sua aia. "Moisés", você quase pode ouvir como sussurra a seu jovem filho, "Deus o colocou aqui de propósito. Algum dia você libertará o seu povo. Nunca esqueça, Moisés. Nunca esqueça".

Moisés não o fez. A chama da justiça se fez mais quente até arder. Moisés viu um egípcio que batia num escravo hebreu. Do mesmo modo que Hank matou o assaltante, Moisés assassinou o egípcio.

No dia seguinte, Moisés viu o hebreu. Pensava que o escravo lhe agradeceria. Não o fez. Em vez de mostrar gratidão, expressou ira. "*Pensas matar-me, como mataste o egípcio?*" (Êx 2:14, ACF).

Moisés soube que estava em dificuldades. Fugiu do Egito e se ocultou no deserto. Chame a isso uma mudança de carreira. Passou de jantar com os dirigentes de estado a contar cabeças de ovelhas.

Não se pode dizer que tenha subido de posição.

E assim foi que um hebreu brilhante e promissor começou a cuidar das ovelhas nas colinas. Do círculo mais refinado ao cultivo do algodão. Do escritório oval ao táxi. De manobrar o taco de golfe a cavar uma vala.

Moisés pensou que a mudança era permanente. Não existe evidência de que tenha jamais albergado a intenção de voltar para o Egito. Além disso, tudo parece indicar que desejava permanecer com suas ovelhas. De pé descalço perante a sarça, confessou: "*Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?*" (Êx 3:11, ACF).

Alegra-me que Moisés tenha feito essa pergunta. É uma boa pergunta. Por que Moisés? Ou, mais especificamente, por que o Moisés de oitenta anos?

A versão de quarenta anos era mais atraente. O Moisés que vimos no Egito era mais temerário e seguro. Mas o que encontramos quatro décadas mais tarde era relutante e curtido.

Se você ou eu tivéssemos visto Moisés lá no Egito, teríamos dito: "Este homem está pronto para a batalha". Foi educado no sistema mais refinado do mundo. Treinado pelos soldados mais hábeis. Contava com acesso instantâneo ao círculo íntimo de Faraó. Moisés falava sua língua e conhecia seus costumes. Era o homem perfeito para a tarefa.

Gostamos do Moisés de quarenta anos. Mas o Moisés de oitenta? De jeito nenhum. Demasiado velho. Demasiado cansado. Cheira a pastor. Fala como estrangeiro. Que impacto causaria em Faraó? Não era o homem indicado para a tarefa.

E Moisés estaria de acordo. "Já tentei antes", diria ele. "Esse povo não quer ajuda. Só me deixe aqui para cuidar de minhas ovelhas. São mais fáceis de conduzir".

Moisés não teria ido. Você não o teria enviado. Eu não o teria enviado.

Mas Deus o fez. Como se entende isto? No banco de reservas aos quarenta e titular aos oitenta. Por quê? O que sabe agora que antes desconhecia? O que aprendeu no deserto que no Egito não aprendera?

Para começar, a vida no deserto. O Moisés de quarenta anos era um cidadão da cidade. O octogenário conhece o nome de cada cobra e a localização de cada poço de água. Se deve conduzir milhares de hebreus no deserto, será melhor que conheça o básico da vida no deserto.

Outro assunto é a dinâmica de família. Se vai ter que viajar com famílias durante quarenta anos, é possível que seja de ajuda compreender como agem. Ele se casa com uma mulher de fé, a filha de um sacerdote midianita, e estabelece sua família.

Porém ainda mais importante que a vida do deserto e as pessoas, Moisés precisa aprender algo sobre si mesmo.

Aparentemente aprendeu. Deus diz que Moisés está pronto.

E para convencê-lo, Ihe fala através de um arbusto. (Era necessário que fizesse algo dramático para captar a atenção de Moisés).

"Acabaram as aulas", disse Deus. "Chegou o momento de começar a trabalhar". Coitado de Moisés. Nem sequer sabia que estava inscrito.

Porém estava. E, adivinha. Você também está. A voz da sarça é a voz que sussurra para você. O lembra que Deus ainda não acabou a obra com você. Claro que é possível que ache que

acabou. Talvez pense que já está no declínio. Ou ache que há outro para realizar a tarefa.

Se é isso o que você pensa, reconsidere.

"Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6, ACF).

Você viu o que Deus faz? *Uma boa obra em você.*

Viu quando a terminará? *Quando Jesus voltar.*

Posso soletrar uma mensagem? Deus ainda não terminou sua obra em você.

Seu Pai quer que saiba disto. E para convencê-lo, é possível que o surpreenda. Talvez lhe fale através de um balde ou, mais estranho ainda, talvez lhe fale por meio deste livro.

CAPÍTULO 2

POR QUE JESUS IA A FESTAS

Eu tinha planejado escrever um capítulo baseado em doze versículos esta semana, mas não consegui passar do segundo versículo; isso não deveria acontecer. Espera-se que apresente a história completa. Tinha a intenção de fazê-lo, na verdade. Mais fiquei atrapalhado. O segundo versículo não me largava, me tomou como refém, então dediquei a lição completa a um versículo. O resultado foi uma pequena frase cativante.

Lhe contarei sobre a mesma, depois de preparar o cenário.

Imagine seis homens caminhando por um caminho estreito. O amanhecer dourado irrompe detrás deles, fazendo que se alonguem suas sombras para frente. O frescor da madrugada obriga a cingir firmemente as roupas. A grama resplandece pelo efeito dos diamantes de orvalho.

Os rostos dos homens têm veemência, mas são comuns. Seu líder é seguro, mas desconhecido. O chamam Rabi; mais parece

com um operário. E está certo que seja assim, pois passou muito mais tempo construindo que ensinando. Mas esta semana começou o ensino.

Para onde se dirigem? Ao templo para adorar? À sinagoga para ensinar? Às colinas para orar? Não lhes disse, mas cada um tem sua própria idéia a respeito.

João e André esperam que os leve ao deserto. Ali foi onde os levou seu mestre anterior. João Batista os guiava às colinas desérticas e oravam muitas horas. Jejuavam vários dias. Anelavam a chegada do Messias. E agora, o Messias está aqui.

Certamente Ele fará o mesmo.

Todos sabem que o mandamento é ser um homem santo. Todos sabem que o negar-se a si mesmo é o primeiro passo para a santidade. Com toda certeza a voz de Deus é ouvida primeiro pelos eremitas. *Jesus nos leva à solidão*. Pelo menos é o que pensam João e André.

Pedro tem uma outra opinião. Pedro é um homem de ação. Do tipo de pessoa que arregança as mangas. Dos que se levantam e falam. Agrada-lhe a idéia de ir para algum lugar. O povo de Deus necessita estar em movimento. *Talvez nos leve a algum lugar para pregar...* pensa consigo mesmo. E ao caminhar, Pedro rabisca seu próprio sermão, caso Jesus necessite de um descanso.

Natanael estaria em desacordo. Vem e vê, tinha convidado ao seu amigo Felipe. De modo que veio. E Natanael gostou do que viu. Em Jesus viu um homem de pensamento profundo. Um homem de meditação. Um coração para a contemplação. Um homem que, como Natanael, tinha passado horas sob a figueira refletindo sobre os mistérios da vida. Natanael estava convencido que Jesus os levava a um lugar onde meditar. *Uma silenciosa casa numa distante montanha, para lá nos dirigimos*.

E a respeito de Felipe? O que pensava ele? Era o único apóstolo de nome gentio. Quando os gregos vieram procurando Jesus, Felipe foi a pessoa da qual se aproximaram. Possivelmente tivesse contatos gregos. Talvez tivesse um coração para os gentios. Por ser assim, esperava que esta

travessia fosse uma viagem missionária... fora da Galiléia. Fora da Judéia. Entrando numa terra distante.

Aconteceu essa especulação? Quem sabe? Sei o que acontece hoje em dia.

Sei que os seguidores de Jesus frequentemente se alistam com elevadas aspirações e expectativas. Os discípulos entram nas fileiras com programas não verbalizados, mas sentidos. Lábios prontos para pregar, aos milhares. Olhos fixos em costas estrangeiras. *Sei para onde Jesus vai me levar*, proclamam os jovens discípulos, e assim eles, igual aos primeiros cinco, o seguem.

E eles, igual aos primeiros cinco, ficam surpreendidos.

Talvez foi André quem perguntou. Ou talvez foi Pedro. É possível que todos tenham se dirigido a Jesus. Mas aposto que em nenhum momento da viagem os discípulos expressaram suas suposições.

— Então, Rabi, para onde nos conduzes? Para o deserto?

— Não — opina outro —, nos leva ao templo.

— Ao templo? — desafia um terceiro —. Nos dirigimos para onde estão os gentios!

Depois se gera um coro de confusão que somente acaba ao Jesus levantar sua mão e dizer com suavidade:

— Vamos a uma boda.

Silêncio. João e André se entreolham.

— Uma boda? — dizem —. João Batista jamais teria assistido a um casamento. Ora, se ali se bebe, há risos e danças...

— E barulho! — aponta Felipe —. Como se pode meditar num casamento barulhento?

— Ou pregar? — agrega Pedro.

— Por que temos que ir a um casamento?

Boa pergunta. Por que Jesus levaria a seus seguidores, em sua primeira viagem, a uma festa? Não tinham trabalho para realizar? não tinha princípios para ensinar? Não era limitado o

seu tempo? Como podia caber uma boda em seu propósito na terra?

Por que Jesus foi ao casamento?

A resposta? Está no segundo versículo de João 2 (o versículo do qual não pude passar). *"E foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas"*.

Quando os noivos fizeram a lista de convidados, incluíram o nome de Jesus. E quando Jesus se apresentou com uma meia dúzia de amigos, não foi revogado o convite. Quem quer que fosse o anfitrião dessa festa, estava feliz de que Jesus estivesse presente.

— Se certificarem de escrever o nome de Jesus na lista — talvez tivesse dito —. Ele verdadeiramente dá vida a uma festa.

Jesus não foi convidado por ser uma celebridade. Ainda não o era. O convite não foi motivado pelos milagres. Ainda não tinha feito nenhum. Por que foi convidado?

Acho que foi porque o queriam.

Grande coisa? Eu acho que sim. Acho que é significativo que as pessoas comuns de um pequeno povoado desfrutasse de estar com Jesus. Creio que vale a pena destacar que o Todo Poderoso não se comportava de maneira arrogante. O Santo não era santarrão. Aquele que tudo sabia não era um sabichão. O que fez as estrelas não tinha a cabeça metida nelas. Aquele que possui tudo o que há na terra nunca a percorreu com altivez.

Nunca. Podia tê-lo feito. Certamente poderia tê-lo feito!

Poderia ter sido dos que deixam escapar nomes ao descuido: "Alguma vez te falei da ocasião em que Moisés e eu subimos a montanha?".

Poderia ter sido jactancioso: "Escuta, desejas que te teletransporte para o século vinte?".

Poderia ter sido um convencido: "Sei o que estás pensando. Quer que demonstre?".

Poderia ter sido altaneiro e soberbo: "Possuo algumas terras em Júpiter...".

Jesus poderia ter sido todas essas coisas, porém não foi. Seu propósito não era jactar-se, senão somente acudir. Esforçou-se sobremaneira por ser tão humano quanto qualquer outro. Não necessitava estudar e ainda assim ia à sinagoga. Não tinha necessidade de ingressos e ainda assim trabalhava numa oficina. Conhecia a comunhão com os anjos e escutava as harpas do céu, e ainda assim assistia a festas organizadas por cobradores de impostos. E sobre suas costas pesava o desafio de redimir a criação, e ainda assim dedicou o tempo de percorrer a pé os cento e quarenta e quatro quilômetros que separavam Jericó de Caná para assistir a uma boda.

Como resultado, as pessoas o queriam. Obviamente que havia quem se burlasse de suas declarações. O chamavam blasfemo, mas nunca o acusaram de fanfarrão. O acusaram de heresia, mas nunca de arrogância. O culpavam de radical, mas nunca de inacessível.

Não existe indício de que alguma vez tenha usado sua condição celestial para ganância pessoal. Jamais. Simplesmente você não tem a impressão de que seus vizinhos tenham se cansado de sua arrogância e perguntassem: "Pois bem, quem você se acha que é?".

Sua fé fazia com que o amassem, não que o detestassem. Tomara que a nossa produzisse o mesmo efeito!

De onde tiramos a idéia de que um bom cristão é um cristão solene? Quem iniciou o rumor de que o que identifica um discípulo é uma cara comprida? Como criamos esta idéia de que os verdadeiramente dotados são os de coração pesaroso?

Posso declarar uma opinião que talvez produza um levantar de sobrelha? Posso dizer por que acho que Jesus foi ao casamento? Penso que foi ao casamento para... fique firme, preste atenção ao que falo, permita-me que o diga antes que esquente o breu e depene a galinha... Acredito que Jesus foi à boda para divertir-se.

Considere isso. Tinha sido uma temporada difícil. Quarenta dias no deserto. Nada de comida nem água. Uma confrontação com o diabo. Uma semana dedicada à iniciação de uns novatos galileus. Uma mudança de trabalho. Saiu de casa. Não tem sido

fácil. Um descanso seria bem-vindo. Uma boa comida com bom vinho, acompanhado de bons amigos... pois bem, parece bastante agradável.

Assim que para lá se dirigem.

Seu propósito não era o de converter a água em vinho. Isso foi um favor para seus amigos.

Seu propósito não era o de demonstrar poder. O anfitrião do casamento nem sequer soube o que Jesus tinha feito.

Seu propósito não era o de pregar. Não consta que tivesse havido um sermão.

Realmente, sobra só um motivo. Diversão. Jesus foi ao casamento porque queria aquela gente, gostava da comida e, o céu não permita, até pode ser que tenha desejado dar um par de voltas dançando com a noiva. (Depois de tudo, Ele mesmo está preparado para uma grande boda. Será que queria praticar?).

Assim que, perdoem-me, diácono Pó-Seco e irmã Coração-Triste. Lamento arruinar sua marcha fúnebre, mas Jesus era uma pessoa amada. E seus discípulos devem tê-lo sido também. Não falo de libertinagem, bebedeira e adultério. Não apóio a transigência, a grosseria nem a obscenidade. Sou somente um cruzado em favor da liberdade de desfrutar de uma boa piada, dar vida a uma festa enfadonha e apreciar uma noite divertida.

Talvez estes pensamentos te surpreendam. A mim também. Não acuso Jesus de ser amante de festas. Mas ele era. Seus adversários o acusavam de comer demasiado, beber demasiado e de andar com o tipo menos adequado de pessoas! (Veja Mateus 11:19). Devo confessar: faz tempo que não me acusam de divertir-me demasiado. E você?

Costumávamos ser bons nisso. O que aconteceu? Que aconteceu com o gozo puro e o riso sonoro? Será que nossas gravatas nos enforcam? Será que nossos diplomas nos dignificam? Será que os bancos da igreja nos deixam duros como varas?

Não seria possível que aprendamos a ser crianças outra vez?

Tragam as bolinhas de gude... (e qual é se os sapatos se estragam?).

Tragam o bastão e a luva de basebol... (e daí se depois os músculos doem?).

Tragam os doces... (e daí se grudam nos dentes?).

Volte a ser criança. Seja simpático. Ria. Molhe sua bolacha no leite. Durma uma sesta. Peça perdão se fere alguém. Persiga uma borboleta. Volte a ser criança.

Relaxe. Não tem pessoas para abraçar nem pedras para pular nem lábios para beijar? Alguém deve rir do coelho Pernalonga... Por que não você? Algum dia você aprenderá a pintar... Por que não fazê-lo agora? Algum dia será aposentado... Por que não fazê-lo hoje?

Não quero dizer aposentar-se do trabalho, mas sim aposentar-se da atitude. Sinceramente, alguma vez as queixas melhoraram um dia? Você tem pagado as contas com resmungos? Tem produzido alguma mudança a preocupação pelo amanhã?

Deixe que outro controle o mundo por um tempo.

Jesus dedicou tempo para uma festa... Não deveríamos fazê-lo nós também?

CAPÍTULO 3

HERÓIS OCULTOS

Os verdadeiros heróis são difíceis de identificar. Não parecem heróis. Eis aqui um exemplo.

Entre comigo num úmido calabouço na Judéia. Enxergue através de uma pequena janela na porta. Considere o estado do homem que está no chão. Acaba de inaugurar o maior movimento da história. Suas palavras fizeram explodir uma revolução que abrangerá dois milênios. Historiadores futuros o descreverão como denodado, nobre e visionário.

Porém neste momento parece qualquer coisa menos isso. Bochechas chupadas. Barba crescida. Confusão estampada em seu rosto. Inclina-se para trás apoiando-se na fria parede, fecha seus olhos e suspira.

João nunca conheceu a dúvida. Fome, sim. Solidão, com frequência. Porém dúvida? Nunca. Só crua convicção, pronunciamentos impiedosos e áspera verdade. Tal era João Batista. Convicção tão feroz como o sol do deserto.

Até o momento. Agora o sol está bloqueado. Agora sua coragem mingua. Agora vêm as nuvens. E agora, ao enfrentar-se com a morte, não levanta um punho de vitória; só eleva uma pergunta. Seu ato final não é uma proclamação de valor, mas uma declaração de confusão: "Indaguem se Jesus é ou não é o Filho de Deus".

O precursor do Messias teme o fracasso. "Indaguem se eu disse a verdade. Perguntem se enviei as pessoas ao Messias correto. Pesquisem se tenho estado certo ou se fui enganado" (Veja Mateus 11:2).

Não soa demasiado heróico, verdade?

Preferiríamos que João morresse em paz. Preferiríamos que o pioneiro alcançasse o vislumbre da montanha. Parece ser injusto que ao marinheiro não lhe seja concedida a visão da costa. Depois de tudo, não foi permitido a Moisés uma visão do vale? Não é João o primo de Jesus? Se alguém merece ver o fim dessa senda, não é ele?

Aparentemente não.

Os milagres que profetizou, nunca os viu. O reino que anunciou, nunca o conheceu. E do Messias que proclamou, agora duvida.

João não tem a aparência do profeta que seria a transição entre a lei e a graça. Não tem o aspecto do herói.

Os heróis raramente parecem sê-lo.

Posso agora te conduzir a outra prisão para um segundo exemplo?

Nesta ocasião o cárcere está em Roma. O homem se chama Paulo. O que João Batista fez para apresentar Cristo, Paulo fez para explicá-lo. João limpou o caminho; Paulo erigiu pilares de sinalização.

Como João, Paulo deu forma à história. Como João, Paulo haveria de morrer no cárcere de um déspota. Não houve manchetes que anunciassem sua execução. Nenhuma testemunha registrou os fatos. Quando o machado bateu no pescoço de Paulo, os olhos da sociedade não piscaram. Para eles Paulo era um representante peculiar de uma estranha fé.

Espie dentro da prisão e veja por si mesmo: encurvado e frágil, algemado ao braço de um guarda romano. Eis aqui o apóstolo de Deus. Quem sabe quando foi a última vez que suas costas sentiram um leito ou sua boca degustou uma boa comida? Três décadas de viagens e dificuldades, e que obteve de tudo isso?

Há brigas em Filipos, competição em Corinto, os legalistas pululam na Galácia. Creta está cheia de amantes do dinheiro. Éfeso está cheia de mulhereiros. Inclusive alguns dos amigos de Paulo se voltaram contra ele.

Em total bancarrota. Sem família. Sem propriedade. Curto de vista e desgastado.

É verdade que viveu momentos destacados. Falou uma vez com um imperador, mas não conseguiu convertê-lo. Deu um discurso num clube de homens do Areópago, porém não voltaram a pedir-lhe que falasse ali. Passou uns poucos dias com Pedro e os rapazes em Jerusalém, mas ao que parece não lograram entrosar-se, e assim Paulo dedicou-se a recorrer os caminhos.

E nunca se deteve. Éfeso, Tessalônica, Atenas, Siracusa, Malta. A única lista mais longa de seu itinerário foi a de seu azar. O apedrejaram numa cidade e em outra ficou varado. Quase afogou várias vezes, assim como quase morreu de fome. Se permanecia mais de uma semana num mesmo lugar, provavelmente se tratasse de uma prisão.

Nunca recebeu salário. Devia custear suas viagens. Manteve um trabalho em tempo parcial paralelamente para cobrir os gastos.

Não parece um herói.

Também não soa como um. Apresentava-se como o pior pecador da história. Foi um matador de cristãos antes de ser um líder cristão. Em certas ocasiões seu coração estava tão agoniado que sua pena cruzava a página arrastando-se. *"Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"* (Romanos 7:24, ACF).

Somente o céu sabe quanto tempo ficou olhando a pergunta antes de juntar a coragem necessária para desafiar a lógica e escrever: *"Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor!"* (Romanos 7:25, ACF).

Num minuto controla a situação; no seguinte, duvida. Um dia prega; no seguinte está em prisão. E é ali onde eu gostaria que olhasse para ele. Veja-o na prisão.

Finja que não o conhece. Você é um guarda ou um cozinheiro ou um amigo do carrasco, e veio para lançar um último olhar no homem enquanto afiam o machado.

O que vê arrastar os pés ao deslocar-se pela sua cela não vale grande coisa. Porém, quando me inclino sobre você e te digo:

— Esse homem determinará o curso da história.

Você ri, mas eu continuo.

— A fama de Nero se desvanecerá perante a luz deste homem.

Você se volta com expressão de assombro. Continuo:

— Suas igrejas morrerão. Entretanto, e seus pensamentos? Depois de duzentos anos seus pensamentos afetarão o ensino de cada escola deste continente.

Você sacode a cabeça.

— Vê estas cartas? Estas cartas rabiscadas em pergaminho? Serão lidas em milhares de línguas e impressionarão todo credo

e constituição do futuro. Cada figura de relevância as lerá. Serão todas lidas.

Aí é quando você reage.

— De jeito nenhum. É um homem velho de fé estranha. O matarão e esquecerão antes que sua cabeça bata contra o chão.

Quem poderia discordar? Qual pensador racional opinaria o contrário?

O nome de Paulo voaria como o pó em que haveriam de converter-se seus ossos.

Do mesmo modo os de João. Nenhum observador equilibrado pensaria de forma diferente. Ambos eram nobres, mas passageiros. Denodados, porém pequenos. Radicais, mas inadvertidos. Ninguém, repito, ninguém, se despediu destes homens pensando que seus nomes seriam lembrados por mais de uma geração.

Seus companheiros simplesmente não tinham forma de sabê-lo... e nós também não.

Por isso, seu vizinho poderia ser um herói sem que você soubesse. O homem que troca o óleo de seu carro poderia ser um. Um herói em roupa de serviço? Talvez. Quiçá ao trabalhar ele ora, pedindo a Deus que faça ao coração do motorista o que ele faz com seu motor.

E a encarregada da creche onde você deixa seus filhos? Talvez. Quiçá suas orações matinais incluam o nome de cada criança e o sonho de que algum deles chegue a mudar o mundo. Quem sabe se Deus não ouve?

A oficial encarregada dos que estão em liberdade condicional? Poderia ser uma heroína. Poderia ser a que apresenta um desafio para um ex-condenado para que desafie os jovens para que pela sua vez provoquem às gangues.

Eu sei, eu sei. Estas pessoas não encaixam em nossa imagem de um herói. Parecem demasiado, demasiado... bom, demasiado normais. Queremos quatro estrelas, títulos e manchetes. Porém algo me diz que para cada herói sob os refletores, existem dezenas que estão nas sombras. A imprensa não lhes presta

muita atenção. Não atraem multidões. Nem sequer escrevem livros!

Mas detrás de cada avalanche há um floco de neve.

Detrás de uma avalanche de rochas, há uma pedrinha.

Uma explosão atômica começa com um átomo.

E um avivamento pode começar com um sermão.

A história o demonstra. John Egglan nunca tinha pregado um sermão em sua vida. Jamais.

Não é que não desejasse fazê-lo, só que nunca teve a necessidade de fazê-lo. Porém uma manhã o fez. A neve cobriu de branco sua cidade, Colchester, na Inglaterra. Quando acordou essa manhã de domingo de janeiro de 1850, pensou em ficar em casa. Quem iria à igreja em meio a semelhante condição climática?

Mas mudou de idéia. Além de tudo, era um diácono. E se os diáconos não iam, quem o faria? De modo que calçou as botas, colocou o chapéu e o agasalho, e percorreu as seis milhas até a igreja metodista.

Não foi o único membro que considerou a possibilidade de ficar em casa. Ainda mais, foi um dos poucos que assistiram. Somente havia treze pessoas presentes. Doze membros e um visitante. Até o ministro foi impedido pela neve de ir. Alguém sugeriu que voltassem para casa. Egglan não aceitou essa possibilidade. Tinham chegado até ali; haveria uma reunião. Além disso, havia uma visita. Um menino de treze anos.

Porém, quem pregaria? Egglan era o único diácono. Tocou a ele.

Assim que o fez. Seu sermão só durou dez minutos. Dava voltas e divagava e ao fazer um esforço por destacar vários pontos, não remarcou nenhum em especial. Porém, no final, um denodo pouco comum se apoderou do homem. Levantou a vista e olhou direto para o rapaz, e lhe apresentou um desafio: "Jovem, olhe para Jesus. Olhe! Olhe! Olhe!".

Produziu alguma mudança esse desafio? Permitam que o rapaz, agora um homem, responda: "Sim, olhei e ali mesmo se

dissipou a nuvem que estava sobre meu coração, as trevas se afastaram e nesse momento vi o sol".

O nome do menino? Charles Haddon Spurgeon. O príncipe dos pregadores da Inglaterra.³

Eggen soube o que tinha feito? Não.

Os heróis sabem quando realizam atos heróicos? Poucas vezes.

Os momentos históricos são reconhecidos como tais quando acontecem?

Já sabe a resposta a essa pergunta. (Se não, uma visita ao presépio lhe refrescará a memória). Raramente vemos a história quando ela é gerada e quase nunca reconhecemos os heróis. E melhor assim, pois se estivéssemos sabendo de algum dos dois, provavelmente estragaríamos ambos.

Porém seria bom que mantivéssemos os olhos abertos. É possível que o Spurgeon de amanhã esteja cortando sua grama. E o herói que o inspira poderia estar mais perto do que você imagina.

Poderia estar no seu espelho.

CAPÍTULO 4

VOCÊ PODERIA TER ESTADO NA BÍBLIA

Existem umas poucas histórias na Bíblia onde tudo sai bem. Esta é uma. Consta de três personagens.

A primeira é Felipe: um discípulo da igreja primitiva que tinha uma inclinação para os perdidos. Um dia Deus o instruiu para que fosse ao caminho de Jerusalém a Gaza. Era um caminho deserto. Quando chegou, encontrou com um funcionário da Etiópia.

³ 1,041 Sermon Illustrations, Ideas and Expositions [1041 Ilustrações, idéias e exposições para sermões], recopiladas e editadas por A. Gordon Nasby, Baker, Grand Rapids, 1976, pp. 180-81.

Deve ter sido um tanto intimidante para Felipe. Se compararia um pouco a subir numa motocicleta e perseguir o secretário da tesouraria. Ao deter-te diante de um semáforo você vê que ele está lendo a Bíblia e lhe oferece seus serviços.

Isso foi o que Felipe fez.

— Compreendes o que lêis?

— Como hei de entender se alguém não me explica?

De modo que Felipe assim o fez. Realizaram um estudo bíblico na carroça. O estudo produz tal convicção que o etíope se batiza esse mesmo dia. E depois se separam. Felipe vai por seu lado e o etíope por outro. A história tem um final feliz. Felipe ensina, o etíope obedece e o evangelho se envia à África.

Mas essa não é a história completa. Você viu o terceiro? Há mais um. Leia estes versículos e observe: *"E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para o lado do sul (...)* *E levantou-se, e foi"* (Atos 8:26,27, ACF).

"E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe..." (Atos 8:29,30, ACF).

A terceira personagem? Deus! *Deus* enviou o anjo. O Espírito Santo instruiu Felipe. Deus orquestrou o momento em sua totalidade! Viu esse homem piedoso que vinha da Etiópia para adorar. Viu sua confusão. Assim que decidiu resolvê-la.

Buscou em Jerusalém um homem a quem enviar. Encontrou a Felipe.

Nossa típica reação ao ler estes versículos é pensar que Felipe era um tipo especial. Tinha acesso à Oficina Oval. Levava um receptor de rádio-chamada do primeiro século que Deus já não entrega.

Mas não se precipites demais. Numa carta a cristãos como nós, Paulo escreveu: *"Andai em Espírito..."* (Gálatas 5:16, ACF). *"Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus"* (Romanos 8:14, ACF).

De ouvir-nos falar a muitos, se pensaria que não acreditamos no que dizem estes versículos. Pensar-se-ia que não acreditamos na Trindade. Falamos acerca do Pai e estudamos acerca do

Filho... mas quando se trata do Espírito Santo, no melhor dos casos estamos confundidos, e no pior, atemorizados. Confundidos porque nunca nos ensinaram. Atemorizados porque nos foi ensinado que temamos.

Posso simplificar um pouco as coisas? O Espírito Santo é a presença de Deus em nossas vidas, que leva a cabo a obra de Jesus. O Espírito Santo nos ajuda em três sentidos: para dentro (ao conceder-nos os frutos do Espírito, Gálatas 5:22-24), para cima (ao interceder por nós, Romanos 8:26), e para fora (ao derramar o amor de Deus em nossos corações, Romanos 5:5).

Na evangelização o Espírito Santo ocupa o centro do cenário. Se um discípulo ensina, é porque o Espírito ensina ao discípulo (Lucas 12:12). Se o ouvinte é convencido, é porque o Espírito tem penetrado (João 16:10). Se o ouvinte se converte, é pelo poder transformador do Espírito (Romanos 8:11). Se o novo crente amadurece, é porque o Espírito faz com que seja competente (2 Coríntios 3:6).

Em você opera o mesmo Espírito que operou em Felipe. Alguns não acreditam em mim. Continuam sendo cautelosos. Posso ouvir como murmuram entre dentes ao lerem: "Felipe tinha algo que eu não tenho. Nunca ouvi a voz de um anjo". Ao qual respondo: "Como você sabe que Felipe sim?".

Achamos que assim aconteceu. Não nos é ensinado que tenha sido assim. As figuras do flanelógrafo ⁴ dizem que aconteceu sim. Um anjo coloca sua trombeta na orelha de Felipe, brama o anúncio e a Felipe não resta alternativa. Luzes cintilantes e bater de asas não são coisas às que alguém possa negar. Era necessário que o diácono fosse. Mas, poderia estar errada a nossa suposição? É possível que a voz do anjo tenha sido tão miraculosa como a que ouvimos você e eu?

O quê?

⁴ O flanelógrafo é uma tabua forrada em flanela, contra a qual se aplicam figuras no verso das quais têm grudado pedacinhos de abrolho para se fixarem. São muito utilizadas nos Estados Unidos para dar aulas de escola dominical, e as figuras podem conseguir-se nas livrarias especializadas.

Você ouviu a voz que sussurra teu nome, não é verdade? Tem percebido o toque que te mexe e te impele a falar. Acaso não tem acontecido?

Você convida um casal para tomar café. Nada heróico, somente uma grata reunião com velhos amigos. Porém enquanto entram, pode perceber a tensão. Estão mais frios que glaciais. Você percebe que algo anda mal. Tipicamente não é do tipo inquisitivo, mas sente uma inquietude que se recusa a permanecer em silêncio. Então você pergunta.

Você está numa reunião de negócios onde um de seus colegas é recriminado com muita dureza. Todos os outros pensam: *Me alegre que esse não tenha sido eu*. Mas o Espírito Santo te conduz a pensar: *Que difícil deve ser isso*. E então, depois da reunião, se aproxima do funcionário e lhe expressa seu interesse.

Lhe chama a atenção o homem que se encontra do lado oposto do auditório da igreja. Parece um tanto fora de lugar, por causa de sua roupa estranha e aspecto geral. Fica sabendo que é da África e se encontra na cidade por assuntos de negócios. No domingo seguinte regressa. E no terceiro domingo está ali. Você se apresenta a ele. Ele lhe fala do fascinado que está pela fé e de como deseja aprender mais. Em vez de oferecer-se para ensiná-lo, somente o insta a ler a Bíblia.

Mas durante a semana, lamenta por não ter sido mais direto. Liga para o escritório onde ele está trabalhando e fica sabendo que hoje ele parte de volta para seu lar. Dentro de você sabe que não pode permitir que vá embora. Então corre para o aeroporto e o encontra esperando seu vôo, com uma Bíblia aberta sobre seu colo.

— Compreende o que está lendo? — lhe pergunta.

— Como poderei, se alguém não me explicar?

De modo que você, igual a Felipe, lhe explica. E ele, como o etíope, crê. Pede o batismo e lhe é oferecido. Ele toma um vôo posterior e você alcança o vislumbre do que significa ser guiado pelo Espírito.

Houve luzes? Você acabou de acender uma. Houve vozes? Foi a sua. Aconteceu um milagre? Acabou de ser testemunha de um. Quem sabe? Se a Bíblia fosse escrita hoje, poderia ser seu nome o que figurasse no capítulo 8 de Atos.

CAPÍTULO 5

MÁXIMAS

Eis aqui um brinde à frase simples.

Saúdo os ditados de uma linha só.

Acompanhe-me para outorgar um aplauso à tecla e à borracha. Que se dê um festim com as sobras da mesa do escritor.

Acredito na brevidade. Recorte o excesso e fique com os restos. Dê-nos palavras para mastigar, não para esmiuçar com dificuldade. Pensamentos com faísca, não linhas arrastadas. Mais pontos. Menos vírgulas.

Destila-o.

Descobre-o.

Desnuda-o.

Conciso (porém não engraçado). Claro (porém não superficial). Vívido (porém não detalhado). Essa é boa redação. Essa é boa leitura. Mas é um trabalho árduo!

Mas é do que gostamos. Apreciamos o cozinheiro que retira a cartilagem antes de servir o bife. Cumprimentamos o comunicador que faz o mesmo.

Ahhh, a brevidade. Uma arte aparentemente esquecida nas esferas dos panfletos de seguros e manuais de montagem de bicicletas.

Aprendemos a brevidade por meio de Jesus. Seu sermão mais importante pode ler-se em oito minutos (Mateus 5-7). Sua história mais conhecida pode ler-se em noventa segundos (Lucas

15:11-32). Fez um resumo da oração em cinco frases (Mateus 6.9-13). Silenciou acusadores com um desafio (João 8.7). Resgatou uma alma com uma oração (Lucas 23:43). Fez o resumo da lei em três versículos (Marcos 12:29-31) e reduziu todos seus ensinamentos a um mandamento (João 15:12).

Declarou seu objetivo e voltou para sua casa.

Nós os pregadores faríamos bem em imitá-lo. (O que diz o antigo ditado? "Nosso orador de hoje não precisa apresentação, porém necessitaria de uma conclusão").

Acredito na brevidade. Creio que você, leitor, me confia seu valor mais apreciado: seu tempo. Eu não deveria tomar dele mais do que me corresponde. Por isso, adoro a oração curta. Trata-se de caça maior. Oculta na selva da construção circular e canhões de seis sílabas. Ao escrever, caço. E quando acho, disparo. Depois arrasto o tesouro de entre as árvores e me maravilho.

Nem todas minhas presas chegam a formar parte de meus capítulos. Então, o que lhes acontece? As guardo. Mas não posso conservá-las para mim sozinho. Assim sendo, posso lhe convidar para ver meus troféus? O que se segue são recortes de jornal e de outro par de livros. Conserve os que preferir. Desculpe os que não. Partilhe-os quando puder. Mas se o fizer, que seja breve.

Ore sempre. De ser necessário, use palavras.

Sacrilégio é sentir culpa pelos pecados perdoados.

Deus esquece o passado. Imita-O.

Pela avareza frequentemente tenho me lamentado. Pela generosidade... nunca.

Nunca perca a oportunidade de ler uma história a uma criança.

Persiga o perdão, não a inocência.

Seja duplamente amável com as pessoas que lhe trazem a comida ou estacionam seu carro.

Ao comprar um presente para sua esposa, o prático pode sair mais caro que o extravagante.

Não peça a Deus que faça o que você deseja. Peça-Lhe que faça o que seja correto.

Não foram os pregos que fixaram Deus a uma cruz. Foi amor.

Se dará por vencido com respeito a você antes de que Deus o faça.

Reconheça a resposta à oração quando a ver e não te dê por vencido quando não.

A adulação é desonestidade elegante.

O coração reto com o credo errado é melhor que o credo correto com o coração errado.

Tratamos aos outros do modo que percebemos que Deus nos trata.

Às vezes o mais piedoso que podemos fazer é tirarmos um dia de descanso.

A fé no futuro gera poder no presente.

Ninguém é inútil para Deus. Ninguém.

O conflito é inevitável, mas o combate é opcional.

Nunca perdoará a ninguém mais do que Deus tem lhe perdoado.

Alcance o êxito no que tem importância.

Lamentará ter aberto a boca. Poucas vezes lamentará tê-la mantido fechada.

Ver o pecado sem a graça produz desesperança. Ver a graça sem o pecado produz arrogância. Vê-los juntos produz conversão.

A fé é a firmeza da alma que traz ousadia aos sonhos.

Deus não tem relógio.

Nunca subestime um gesto de afeto.

Quando Jesus partiu para seu lar, deixou aberta a porta de entrada.

E para resumir tudo:

Enquanto pode, pague as suas dúvidas.

Enquanto pode, brinde o benefício da dúvida.

Tanto quanto possa, agradeça. Ele já nos deu mais do que nós merecemos.

CAPÍTULO 6

OS CARTÕES DE NATAL DE DEUS

Estou vigiando minha caixa postal.

Não costumo passar tempo observando-a, porém hoje o faço. Não desejo que caia. Alguns dias atrás isso não me preocupava... mas isso foi antes de que uma equipe de construção começasse a limpar o terreno do outro lado da rua. E isso foi antes que um motorista de caminhão de cascalho esquecesse de prestar atenção a seu espelho retrovisor.

Pum.

Assim que hoje nossa caixa postal voltou a estar em posição vertical, escorada por três vigas em seus lados. Não demasiado atraente, porém funcional.

São estranhas as idéias que cruzam a mente enquanto você dá uma olhada à caixa postal. Ao contemplá-la, penso que a caixa postal se parece muito com uma estação terminal de ônibus: uma catraca para o bem e o mal, o desejado e o indesejado. Só para diversão, estou elaborando uma lista de cartas que espero nunca receber. (Pois é, o que você pensa enquanto contempla uma caixa colocada sobre um poste?).

Isto foi o que escrevi até agora:

Querido papai:

Te escrevo para perguntar se existe um limite no número de carros que nosso seguro de responsabilidade civil cobre...

Querido Max:

Lembra que no verão passado quebrou o vaso que meu tio Bill tinha me deixado? Lembra que disse que cem dólares seriam suficientes, porém insististi em que eu o mandasse avaliar? Pois é, quanto me alegro que o tenha feito. Espero que esteja sentado porque o diretor do museu do século XIII diz...

Senhor Lucado:

O propósito desta carta é o de informar-lhe que o cachorro de raça que enviou para Oakland, Califórnia, por erro foi expedido para Auckland, Nova Zelândia...

Querido Max:

Por que lhe escrevo esta carta? Pois é. Parece que a universidade cometeu um erro. Confundiram nossos certificados. Que incrível, não é? Todos estes anos pensei que apenas tinha conseguido graduar-me. E todos estes anos pensou que se havia graduado summa cum laude!

Querida senhora Lucado:

Recentemente adquiri de nós um aparelho para diagnóstico de gravidez em casa. Escrevemos para informar-lhe que havia um erro nas instruções e que o que achou que estava, não está, e o que achou que não estava, está...

Gemido.

Nunca li dados científicos a respeito, porém acho que a correspondência desnecessária tem superado em quantidade à necessária. (Talvez você seja como eu e classifique sua correspondência sobre a lixeira. Se é canhoto, de política conservadora e sofisticado fanático de música de jazz, é provável que exista um catalogo de roupa íntima que seja para você).

A maior parte da correspondência é desnecessária. Então, por que reparo minha caixa de correio?

Simple. É dezembro.

Se fosse qualquer outro momento do ano, talvez a deixaria de lado. Que o carteiro fique com as minhas notas fiscais por alguns dias mais. Mas não posso fazê-lo. Não neste momento do ano. Não em dezembro. Não na semana antes de Natal!

Esta é a semana em que a correspondência é divertida. É a semana de envelopes vermelhos, selos verdes e estampas de árvores de Natal. Esta é a semana em que seu antigo companheiro de quarto que casou com Hazel e se mudou para Phoenix lhe escreve para contar-lhe que seu quarto filho está a caminho. Esta é a semana das cartas circulares escritas no verso onde se descrevem o Grande Cânon do Colorado, graduações e cirurgia de vesícula.

Esta é a semana de envios por expresso de nozes e bolos de frutas em pacotes e de carteiros frenéticos. Agregue a isso o presente da tia Sofia, um calendário de seu agente de seguros e terá motivo suficiente para percorrer assobiando o trajeto até sua caixa postal.

Então, tanto para mim como para o carteiro, sustentei a caixa.

Somente um Scrooge ⁵ não deseja um cartão natalino.

Alguns são cômicos. Hoje recebi um que tinha gnomos que estavam tirando livros da seção "gnomomásticos".

Outros são emotivos, como a ilustração de Maria e o bebê descansando na base da esfinge egípcia.

E uns poucos são inesquecíveis. Cada Natal leio este memorando que chegou por correio faz alguns anos:

Se nossa maior necessidade tivesse sido a informação, Deus nos teria enviado um educador.

Se nossa maior necessidade tivesse sido a tecnologia, Deus nos teria enviado um cientista.

⁵ O avaro de *Canção de Natal*, de Dickens.

Se nossa maior necessidade tivesse sido o dinheiro, Deus nos teria enviado um economista.

Mas como a nossa maior necessidade era a de perdão, Deus nos enviou um Salvador.

Cartões de Natal. Promessas pontuais. Frases que declaram o motivo pelo qual fazemos tudo isto.

Ele se fez como nós, para que pudéssemos chegar a sermos como Ele. Os anjos ainda cantam e a estrela ainda nos convida.

Ele ama a cada um de nós como se somente houvesse um de nós para amar.

Muito tempo depois de esquecer o nome do remetente, continua vigente a mensagem do cartão. Palavras de promessa. Um punhado de sementes e sílabas lançadas na terra fértil de dezembro com a esperança de que nasça fruto em julho. Por isso, mantenho a caixa postal em pé.

Meu coração pode fazer uso de todas as sementes que consiga.

CAPÍTULO 7

ATRÁS DA CORTINA DO BANHEIRO

Deveria instalar um computador no meu box de banho. É ali aonde me vêm as melhores idéias.

Hoje bolei uma fantástica.

Estava refletindo sobre uma conversa recente que tive com um irmão cristão desencantado. Estava chateado comigo. Tão chateado que estava considerando cancelar o convite que tinha me enviado a fim de que falasse em seu grupo. Parece que tinha ouvido que era bastante franco quanto às pessoas com as quais tenho comunhão. Tinha lido as palavras que escrevi: "Se Deus diz que uma pessoa é seu filho, não deveria chamá-lo meu

irmão?" e "Se Deus aceita os outros com seus erros e mas interpretações, não deveríamos fazê-lo nós também?"⁶.

Não se agradou disso. "Está se excedendo", me disse. "As sebes são necessárias", me explicou. "As Escrituras são claras acerca de tais assuntos". Leu-me umas poucas e depois me instou a ser cuidadoso ao decidir a quem eu concedo graça.

"Eu não a concedo", assegurei-lhe, "só descubro onde Deus já o fez".

Não pareceu ficar satisfeito. Ofereci-lhe deixar de lado o compromisso (o descanso teria sido agradável), mas ele se suavizou e me disse que fosse, depois de tudo.

Ali é onde irei hoje. É por isso que pensava nele na ducha. E é por isso que necessito de um computador a prova de água. Bolei um grande pensamento. Uma dessas revelações que me fazem dizer: "Por que não pensei em dizer-lhe isto?".

Tomara que hoje o veja. Se o tema voltar a surgir, eu falarei. Mas se por acaso não surgir, eu falarei para você. (É demasiadamente bom para desperdiçar). É só uma frase:

Nunca me surpreendeu o juízo de Deus, mas ainda me deixa pasmo sua graça,

O juízo de Deus nunca foi um problema para mim. Mais do que isso, sempre me pareceu correto. Relâmpagos sobre Sodoma. Fogo sobre Gomorra. *Assim é como se faz, Deus*. Egípcios engolidos pelo Mar Vermelho. *Eles mereciam*. Quarenta anos para suavizar as duras cervizes dos israelitas? *Eu teria feito o mesmo*. Ananias e Safira? *É assim mesmo que devia ser*.

Não tenho dificuldade em engolir a disciplina. Lógica de assimilar. Manejável e apropriada.

Porém, e a graça de Deus? Qualquer coisa menos isso.

Exemplos? De quanto tempo você dispõe?

Davi, o salmista, se converte em Davi, o espião, mas pela graça de Deus volta a ser Davi, o salmista.

⁶ Estas frases apareceram em "A Dream Worth Keeping Alive" ("Um sonho que vale a pena manter vigente"), *Wineskins Magazine*, janeiro-fevereiro 1993, pp.16-20.

Pedro negou a Cristo antes de pregar a Cristo.

Zaqueu, o ladrão. A parte mais limpa de sua vida era o dinheiro que havia lavado. Contudo, ainda assim Jesus dispunha de tempo para ele.

Relato após relato. Frase por frase. Surpresa após surpresa.

Pareceria ser que Deus antes procura a forma de conseguir que cheguemos ao lar em vez de buscar formas que impeçam nossa chegada. O desafio a achar uma alma que tenha se aproximado de Deus buscando graça e não a tenha achado. Rastreie nas páginas. Leia as histórias. Imagine os encontros. Ache uma pessoa que veio procurando uma segunda oportunidade e tenha ido embora após um severo discurso. O desafio. Procure.

Não o achará.

Encontrará uma ovelha que se afastou até o outro lado do riacho. Está perdida. Ela sabe disso. Está trancada e envergonhada. O que dirão as outras ovelhas? O que dirá o pastor?

Encontrará um pastor que a encontra.⁷

Aí, aí, aí. Incline-se. Cubra os olhos com os cascos. A cinta está a ponto de bater.

Porém a cinta nunca é sentida. Somente mãos. Mãos grandes e abertas que se estendem por debaixo de seu corpo e levantam a ovelha, cada vez mais alto, até que esteja colocada sobre os ombros do pastor. A leva de volta para o rebanho e fazem uma festa em sua honra! "Cortem a grama e penteiem a lã", anuncia ele. "Faremos uma festa!".

As outras ovelhas meneiam a cabeça sem acreditar. Do mesmo modo que faríamos nós. Em nossa festa. Quando cheguemos ao lar. Quando observemos como o Pastor traz sobre suas costas e coloca entre nós uma alma improvável após outra.

Eu acho que Deus dá muito mais graça da que jamais poderíamos imaginar.

⁷ Veja Lucas 15:3-7.

Poderíamos dizer o mesmo.

Não estou a favor de diluir a verdade nem de comprometer o evangelho. Porém se um homem de coração puro chama a Deus de *Pai*, não posso chamar a esse mesmo homem de *irmão*? Se Deus não estabelece a perfeição doutrinaria como requisito para a membresia familiar, deveria fazê-lo eu?

E se nunca estamos de acordo, não posso tolerar os erros dos outros? Se Deus pode tolerar meus erros, não posso tolerar os erros dos outros? Se Deus pode se fazer de desentendido com meus erros, não posso fazer o mesmo com os erros dos outros? Se Deus me permite, com as minhas debilidades e falhas, que o chame de Pai, não deveria eu dar a mesma graça a outros?

Uma coisa é certa. Quando chegemos ao céu, nos surpreenderemos diante de algumas pessoas que ali veremos. E alguns se surpreenderão quando nos virem.

CAPÍTULO 8

AS PERGUNTAS DE GABRIEL

Gabriel deve ter coçado a cabeça perante esta situação. Não era dado a questionar as missões que Deus lhe assinava. O envio de fogo e a divisão das águas formavam parte de uma eternidade de trabalho deste anjo. Quando Deus mandava, Gabriel ia.

E quando se soube que Deus se converteria em homem, Gabriel estava entusiasmado. Podia imaginar o momento:

O Messias numa carruagem de fogo.

O Rei descendo numa nuvem de fogo.

Uma explosão de luz da qual surgiria o Messias.

Isso era o que esperava. O que nunca esperou, porém, é o que recebeu: um papelzinho com um endereço nazareno. "Deus se fará bebê", dizia. "Diga à mãe que chame a criança de Jesus. E diga a ela para não ter medo".

Gabriel nunca foi dado a questionar, mas esta vez sim se perguntava.

"*Deus se fará bebê?*". Gabriel tinha visto bebês anteriormente. Tinha sido líder de pelotão na operação junco. Lembrava-se do aspecto do pequeno Moisés.

"Isso está certo para humanos", pensou para si. "Porém Deus?".

Os céus não o podem conter; como poderia fazê-lo um corpo? Além disso, você viu o que sai desses bebês? Realmente não convêm isso ao Criador do universo. Os bebês devem ser carregados e alimentados, balançados e banhados. Imaginar uma mãe fazendo Deus arrotar sobre seu ombro... Ora, isso ultrapassa tudo o que um anjo poderia imaginar.

E o que dizer de seu nome... Como é que era... *Jesus*? Um nome tão comum. Há um Jesus em cada bairro. Pois é, se até o nome Gabriel tem mais força que *Jesus*. Chama o bebê de *Eminência*, ou *Majestade*, ou *Envio Celeste*. Qualquer coisa menos Jesus.

E assim Gabriel coçava a cabeça. Onde ficaram os velhos tempos? Os de Sodoma e Gomorra. A inundação do globo terrestre. Espadas ardentes. Dessa ação era da que ele gostava.

Porém Gabriel recebera suas ordens. Leve a mensagem a Maria. *Deve ser uma jovem especial*, supunha enquanto viajava. Mas uma nova surpresa aguardava Gabriel. Um olhar bastou-lhe para saber que Maria não era uma rainha. A que seria mãe de Deus não era da realeza. Era uma camponesa judia que apenas tinha superado a acne, e estava apaixonada de um rapaz chamado Zé.

E por falar no Zé... O que se sabe desse cara? É um carpinteiro. Daria na mesma que fosse tecelão na Espanha ou sapateiro na Grécia. Olha para ele, serragem na barba e um avental para pregos amarrado na cintura. Não me diga que Deus deverá jantar com ele todas as noites! Não me diga que a fonte de toda sabedoria chamará esse homem de "pai"! Não me diga que um operário comum será o encarregado de alimentar a Deus!

E se o demitem?

E se fica aborrecido?

Que acontecerá se decide abandonar sua família por uma bonita jovem que mora na mesma rua? Então onde ficaremos?

Difícilmente poderia Gabriel evitar recuar. "Esta idéia que tens em si é peculiar, Deus", deve ter murmurado para si mesmo.

Ficarão matutando tais coisas os guardiões de Deus?

E nós? Nos assombra ainda a vinda de Deus? Não continua nos surpreendendo o evento? O Natal continua nos causando o mesmo mudo assombro que provocou dois mil anos atrás?

Ultimamente andei fazendo essa pergunta... a mim mesmo. Ao escrever, só faltam uns dias para o Natal e acaba de acontecer algo que me inquieta porque a trabalhadeira das festas pode estar eclipsando o propósito das mesmas.

Vi um presépio num centro comercial. Correção. *Apenas* vi um presépio num centro comercial. Quase não o vi. Estava com pressa. Visitas que chegam. Papai Noel que faz sua aparição. Sermões para preparar. Cultos para planejar. Presentes para comprar.

A pressão das coisas era tão grande que quase ignorava a cena do presépio de Cristo. Quase passei por alto. E se não fosse pelo menino e seu pai, o teria feito.

Porém, de relance, os vi. O pequeno menino, três, talvez quatro anos de idade, de calça jeans com tênis e com o olhar fixo no bebê do presépio. O pai, com boné de beisebol e roupa de trabalho, olhando por cima do ombro do filho, indicava primeiro José, depois Maria e por último o bebê. Contava a história para o menininho.

E que brilho havia nos olhos do menino. O assombro estampado em seu rosto. Não falava. Somente ouvia. E não me mexi. Somente observei. Que perguntas enchiam a cabeça do rapazinho? Teriam sido como as de Gabriel? O que teria acendido o assombro em seu rostinho? Era a mágica?

E por que será que de uns cem filhos de Deus, aproximadamente, somente dois se detiveram para considerar

seu Filho? O que é este demônio de dezembro que nos rouba os olhos e imobiliza as línguas? Não é esta a temporada para fazer uma pausa e propor as perguntas de Gabriel?

A tragédia não é que não as possa responder, senão que estou demasiado ocupado para formulá-las.

Somente o céu sabe quanto tempo volitou Gabriel sobre Maria sem ser visto, antes de respirar fundo e comunicar a notícia. Porém o fez. Disse-lhe o nome. Comunicou-lhe o plano. Disse-lhe para não temer. E quando anunciou: "Para Deus nada é impossível!", o disse tanto para si mesmo como para ela.

Pois embora não pudesse responder às perguntas, sabia quem podia fazê-lo, e isso lhe bastava. E embora não possamos obter resposta para todas, tomar-se o tempo necessário para formular algumas seria um bom começo.

CAPÍTULO 9

QUAL É SEU PREÇO?

Assistir um programa de entretenimento não era sua idéia de uma atividade de férias, porém seus filhos desejavam ir, então cedeu. Agora que está aqui, comece a desfrutar. A atividade frenética do estúdio é contagiosa. A música é alegre. O cenário é colorido. E os riscos são altos.

"Mais altos do que jamais foram!". O anfitrião do programa se jacta. "Bem-vindos a 'Qual é seu preço?'". Está a ponto de perguntar a seu cônjuge se o cabelo do animador é natural quando ele anuncia o prêmio: "Dez milhões de dólares!".

O auditório não necessita que o estimulem; explodem num aplauso.

"É o jogo mais rico da história", disse com orgulho o animador. "Hoje alguém sairá daqui com um cheque no valor de dez milhões!".

— Não serei eu — você diz entre risos a sua filha mais velha —. Nunca tive sorte com os jogos de azar.

— Shhh — sussurra ela, indicando o cenário —. Estão a ponto de tirar um nome.

Adivinha qual nome chamam. No instante que leva dizê-lo, você passa de expectador a jogador. Seus filhos berram, sua esposa grita e mil olhos observam como a jovem bonita o toma pela mão e o acompanha até o cenário.

"Abram a cortina!", ordena o animador. Você se vira e observa enquanto se separam as cortinas e então emite uma exclamação diante do que vê. Um carrinho de mão vermelho brilhante cheio de dinheiro... transbordando dinheiro. A mesma senhorita que o conduziu até o cenário agora empurra o carrinho de mão até onde você está e o estaciona a tua frente.

— Alguma vez você viu dez milhões de dólares? — pergunta o anfitrião de dentes perolados.

— Faz bastante tempo que não — responde. O auditório ri como se você fosse um comico.

— Afunde as mãos — convida ele —. Em frente, mergulhe.

Olha para sua família. Um filho está com a boca aberta, um está orando e seu cônjuge o anima com os polegares para cima. Como negar-se? Mergulha até a altura dos ombros e se levanta, aprisionando contra teu peito um monte de notas de cem dólares.

— Pode ser seu. Tudo pode ser seu. A decisão é sua. A única pergunta que deverá responder é: "Qual é seu preço?".

Volta a ressoar o aplauso, toca a banda e você engole a saliva com força. Detrás de você se abre uma segunda cortina, que descobre uma enorme placa. "O que você está disposto a entregar?", está escrito na parte superior. O anfitrião explica as regras.

— O único que deve fazer é aceitar uma condição e receberá o dinheiro.

"Dez milhões de dólares!", sussurra para si mesmo.

Nem um milhão nem dois, mas *dez* milhões. Uma soma nada desprezível. Bonita poupança. Dez milhões de dólares dariam para muita coisa, verdade? Os custos de educação cobertos. Aposentadoria garantida. Abriria as portas de alguns carros ou de uma nova casa (ou várias).

Poderia ser um grande benfeitor com tal soma. Ajudar alguns orfanatos. Alimentar algumas nações. Edificar algumas igrejas. De repente compreender: esta é uma oportunidade única na vida.

— Escolha. Só escolha uma opção e o dinheiro será seu.

Uma voz grave vinda de outro microfone começa a ler a lista:

"Ceda seus filhos em adoção".

"Prostitua-se por uma semana".

"Renuncie à sua cidadania".

"Abandone sua igreja".

"Abandone sua família".

"Mate um desconhecido".

"Realize uma mudança cirúrgica de sexo".

"Abandone sua esposa".

"Mude de raça".

— Essa é a lista — proclama o animador —. Agora, faça sua eleição.

Começam a tocar a música lema, o auditório está em silêncio e o seu pulso, acelerado. Deve tomar uma decisão. Ninguém pode ajudá-lo. Está sobre o cenário. A decisão é sua. Ninguém pode lhe dizer o que escolher.

Porém há algo que posso lhe dizer. Posso lhe contar o que fariam os outros. Seus vizinhos já deram suas respostas. Numa enquete nacional formularam a mesma pergunta, e muitos disseram o que fariam. Sete por cento dos que responderam,

assassinariam por essa quantidade de dinheiro. Seis por cento mudaria sua raça. Quatro por cento mudaria seu sexo ⁸.

Se o dinheiro é a medida do coração, então esse estudo revelou que o dinheiro está no coração da maioria dos americanos. Em troca por dez milhões de dólares:

25% abandonaria sua esposa.

25% abandonaria sua igreja.

23% se prostituiria por uma semana.

16% cederia sua cidadania.

16% abandonaria seu cônjuge.

3% cederia seus filhos em adoção ⁹.

Ainda mais revelador que o que os americanos fariam por dez milhões de dólares, é o fato de que a maioria faria *algo*. Dois terços dos interrogados cederiam a pelo menos uma, e alguns a várias, das opções. Em outras palavras, a maioria não abandonaria o cenário com as mãos vazias. Pagaria o preço necessário para ser o dono do carrinho de mão.

O que faria você? Melhor ainda, o que você está fazendo?

"Páre de sonhar, Max", diz você. "Nunca tive a oportunidade de ganhar dez milhões".

Talvez não, porém teve a oportunidade de ganhar mil ou cem ou dez. O montante pode não ter sido o mesmo, porém as opções sim o foram. O que faz com que a pergunta seja ainda mais inquietante. Alguns estão dispostos a abandonar a sua família, sua fé ou seus princípios morais por muito menos de dez milhões de dólares.

Jesus tinha uma palavra para isso: avareza.

Jesus também tinha uma definição para a avareza. Dizia que era a prática de medir a vida segundo as possessões ¹⁰.

⁸ James Patterson y Peter Kim, *The Day America Told the Truth* ("O dia que os Estados Unidos disse a verdade"), Prentice Hall, NY, 1991, segundo citação em *Discipleship Journal*, setembro-outubro 1991, p.16.

⁹ Idem anterior.

¹⁰ "A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lucas 12:15b).

A avareza equipara o valor de uma pessoa com sua carteira.

1) Você tem muito = você é muito.

2) Você tem pouco = você é pouco.

A consequência de semelhante filosofia é previsível. Se você é a soma do que tem, é necessário que seja o dono de tudo. Nenhum preço é demasiado elevado. Nenhum pagamento, demasiado caro.

Bem, existem muito poucos que seriam culpados de avareza declarada. Jesus sabia disso. É por isso que advertiu em contra de "toda avareza" (Lc 12:15). A avareza tem muitos rostos.

Quando vivíamos no Rio de Janeiro, Brasil, fui visitar um membro de nossa congregação. Tinha sido um forte líder na congregação, mas durante alguns domingos não o tínhamos visto nem sabíamos nada dele.

Alguns amigos me disseram que tinha herdado algum dinheiro e estava construindo uma casa. Me encontrei com ele no local da construção. Tinha herdado trezentos dólares. Com o dinheiro havia adquirido um minúsculo lote adjacente a um pântano contaminado. O pequeno terreno era do tamanho de uma garagem. Sobre o mesmo, estava construindo um cômodo. Levou-me para realizar uma visita ao projeto... gastamos vinte segundos.

Nos sentamos na frente e conversamos. Disse-lhe que estávamos com saudade dele, que a igreja necessitava que voltasse. Ficou calado, depois virou e olhou sua casa. Quando voltou seu olhar para mim, seus olhos estavam umedecidos.

"Você tem razão, Max", confessou. "Acho que simplesmente me tornei demasiado avarento".

Vieram-me desejos de dizer: "Ávaro? Você está construindo uma joça num pântano e chama isso de avareza?" Porém não disse nada porque ele tinha razão. A avareza é relativa. A avareza não se define pelo que custam as coisas; mede-se pelo que custa para você.

Se qualquer coisa custa sua fé ou sua família, o preço é demasiado elevado.

Isso é o que Jesus destaca na parábola do investidor ¹¹. Parece que o homem obteve um volumoso ganho inesperado de um investimento. A terra produziu uma colheita abundante. Encontrou-se com efetivo excedente e uma invejável pergunta: "O que farei com meus lucros?"

Não leva muito tempo para decidir. Vai guardá-los. Achará a forma de armazená-los para poder viver a boa vida. Seu plano? Acumular. Sua meta? Beber, comer, divertir-se e descansar. Mudar-se para um clima tropical, jogar golfe, relaxar e repousar.

De repente, o homem morre e se escuta outra voz. A voz de Deus. Deus não lhe diz nada agradável ao homem. Suas palavras iniciais são: "Insensato!".

Na terra, o homem era respeitado. O honraram com um belo funeral e um caixão de mogno. Trajes de flanela cinza enchem o auditório demonstrando sua admiração pelo sagaz homem de negócios. Mas na primeira fila está uma família que já começa brigar pelos bens deixados pelo pai. "Insensato!", declara Deus. "Para quem será, então, o que preparaste para ti?" (Lucas 12:20).

O homem passou a vida construindo uma casa de cartas de baralho. Não viu a tormenta que se aproximava. E agora, o vento soprou.

A tormenta não foi a única coisa que não viu.

Nunca viu a Deus. Observe as primeiras palavras depois de seu grande ganho: "Que farei?" (Lc 12:17). Dirigiu-se ao lugar errado e formulou a pergunta errada. O que teria acontecido se tivesse ido a Deus para perguntar: "O que Tu desejas que eu faça?"

O pecado deste homem não foi fazer planos para o futuro. Seu pecado foi que seus planos não incluíam a Deus.

Imagine se alguém o tratasse assim. Digamos que você contrata uma pessoa para cuidar de tua casa durante um fim de semana. Você lhe deixa as chaves, dinheiro e instruções. E então vai embora numa viagem.

¹¹ Mais conhecida como a parábola do rico insensato (Lucas 12:16-21).

Ao voltar, descobre que sua casa foi pintada de cor roxa. Foram mudados os segredos das fechaduras, então toca a campainha e o encarregado atende. Antes que possa dizer uma palavra, ele o acompanha para dentro enquanto proclama:

— Olhe como decorei minha casa!

A lareira foi substituída por uma cascata de água. Os carpetes foram substituídos por lajotas cor-de-rosa e retratos dele sobre veludo preto cobrem as paredes.

— Esta não é sua casa! — você declara —. É minha.

— Estas possessões não são suas — nos lembra Deus —. São minhas.

"Eis que os céus e os céus dos céus são do SENHOR teu Deus, a terra e tudo o que nela há" (Deuteronômio 10:14, ACF).

A regra financeira de Deus de maior preponderância é: Nada te pertence. Somos administradores, não donos. Mordomos, não proprietários. Pessoal de manutenção, não chefes. Nosso dinheiro não é nosso; é dEle.

Este homem, porém, não levou isso em conta. Por favor, note-se que Jesus não criticou a riqueza desse homem. Criticou sua arrogância. As palavras do homem rico são indício de suas prioridades.

Farei isto:

Derrubarei...

Recolherei...

E direi à minha alma: tens em depósito muitos bens... (Lucas 12:18-19).

Certa vez, foi pedido a um estudante que definisse as palavras "eu" e "meu". Respondeu: "Pronomes agressivos". Este homem rico era agressivamente egocêntrico. Seu mundo estava centrado nele mesmo. Estava cego. Não via Deus. Não via os outros. Somente via seu "eu".

"Louco!", disse-lhe Deus, "esta noite te pedirão a tua alma" (Lucas 12:20, ACF).

Estranho, não é? Que este homem tivesse o sentido suficiente para obter riqueza, mas não para preparar-se para a eternidade. O que é ainda mais estranho é que cometemos o mesmo erro. Quero dizer, não é como se Deus mantivesse o futuro em segredo. Uma olhada a um cemitério deveria lembrar-nos que todos morrem. Uma visita a um funeral deveria convencer-nos; não levaremos nada.

Os carros fúnebres não carregam bagagens.

Os mortos não empurram carrinhos de mão carregados de dez milhões de dólares.

O programa de entretenimento era fictício, mas os fatos são verdadeiros. Você está sobre um cenário. Lhe foi entregue um prêmio. Os riscos são altos. Muito altos.

Qual é seu preço?

CAPÍTULO 10

PROVISÕES E GRAÇA

Este relato chegou-me através de um amigo que o ouviu de um amigo que o ouviu de vai saber quem. O mais provável é que tenha sofrido mudanças com cada nova geração... Contudo, ainda que só haja uma fração de verdade no que ouvi, vale a pena voltar a relatá-lo.

Um homem fazia compras numa loja de abastecimento de uma base militar. Não necessitava de muito, somente um pouco de café e um pão. Estava de pé numa fila em frente à caixa registradora. Detrás dele havia uma mulher com um carrinho carregado. Sua cesta transbordava de provisões, roupa e um videocassete.

Ao chegar sua vez, avança até a registradora. A funcionária o convida a extrair um pedacinho de papel de uma urna de vidro.

— Se você extrair o papel premiado, todas suas compras sairão de graça — explica a funcionária.

— Quantos papezinhos " premiados" há? — pergunta o comprador.

— Somente um.

A urna está cheia, de modo que as probabilidades são escassas, mas o homem de todas formas tenta e, incrivelmente, tira o prêmio! Que surpresa. Porém, depois ele percebe que somente vai comprar café e pão. Que desperdício.

Mas este homem é rápido. Volta-se e olha para a mulher atrás dele, a do monte de coisas, e declara:

— O que você acha, querida? Ganhamos! Não devemos pagar nem um centavo sequer.

Ela olha para ele, surpresa. Ele pisca um olho. E de algum modo, ela tem a presença de espírito necessária para segui-lhe o jogo. Aproxima-se dele, ficando bem junto. O toma do braço e sorri. E por um momento estão parados lado a lado, casados pela boa fortuna. No estacionamento ela consuma a união temporária com um beijo e um abraço, e depois segue seu caminho com uma história maravilhosa para relatar a seus amigos.

Eu sei, eu sei. O que fizeram era um tanto duvidoso. Ele não devia ter mentido e ela não devia ter fingido. Mas ainda levando isso em conta, continua sendo uma bonita história.

Uma história não tão diferente da nossa. Também nós fomos agraciados com uma surpresa. Ainda maior que a da mulher. Pois embora sua dúvida fosse grande, ela podia pagá-la. Nós não temos a possibilidade de pagar a nossa.

A nós, igual que à mulher, foi-nos entregue um presente. Não só na caixa registradora, mas sim perante o tribunal.

E nós também nos convertemos em esposa. Não só por um momento, mas sim para a eternidade. E não somente por provisões, mas para o banquete.

Que grande história temos para contar a nossos amigos! Verdade?

CAPÍTULO 11

A DECISÃO

Tudo está em silêncio. É cedo. Meu café está quente. O céu ainda está escuro. O mundo continua dormindo. O dia se aproxima.

Em poucos momentos chegará o dia. Aproximar-se-á rugindo pela via ao levantar-se o sol. A quietude da madrugada se converterá no barulho do dia. A calma da solidão será substituída pelas batidas rítmicas dos passos da raça humana. O refúgio matutino será invadido pelas decisões que devam ser tomadas e pelas obrigações que devem ser cumpridas.

Durante as próximas doze horas ficarei exposto às exigências do dia. Agora é o momento em que devo tomar uma decisão. Por causa do Calvário, tenho a liberdade de decidir. Então decido.

Escolho o amor...

Nenhuma ocasião justifica o ódio; nenhuma injustiça autoriza a amargura. Escolho o amor. Hoje amarei a Deus e o que Deus ama.

Escolho o gozo...

Convidarei meu Deus para ser o Deus da circunstância. Recusarei a tentação de ser cínico... a ferramenta do pensador preguiçoso. Recusarei considerar as pessoas menos que seres humanos, criados por Deus. Recusarei ver nos problemas algo menos que uma oportunidade de ver a Deus.

Escolho a paz...

Viverei tendo sido perdoado. Perdoarei para poder viver.

Escolho a paciência...

Passarei por cima dos inconvenientes do mundo. Em vez de amaldiçoar ao que ocupa o lugar que me corresponde, o convidarei para que assim o faça. Em vez de queixar-me porque a espera é demasiado longa, agradecerei a Deus por um

momento para orar. Em vez de fechar meu punho diante de novas tarefas agendadas, as encararei com gozo e valor...

Escolho a amabilidade...

Serei amável com os pobres, pois estão sozinhos. Amável com os ricos, pois têm temor. E amável com os malvados, pois assim me tratou Deus.

Escolho a bondade...

Prefiro estar sem um dólar antes de aceitar um de forma desonesta. Prefiro ser ignorado antes que me jactar. Prefiro confessar antes que acusar. Escolho a bondade.

Escolho a fidelidade...

Hoje guardarei minhas promessas. Meus credores não se lamentarão de sua confiança. Meus associados não questionarão minha palavra. Minha esposa não questionará meu amor. E meus filhos nunca terão temor de que seu pai não volte a casa.

Escolho a mansidão...

Nada se ganha pela força. Escolho ser manso. Se levantar minha voz, que somente seja em louvor. Se fechar meu punho, que somente seja em oração. Se fizer exigências, que somente sejam para mim mesmo.

Escolho o domínio próprio...

Sou um ser espiritual. Depois de que tenha morrido este corpo, meu espírito levantará vôo. Nego-me a permitir que o que vai apodrecer governe o eterno. Escolho o domínio próprio. Só me embriagarei do gozo de Deus. Só me apaixonará a minha fé. Somente Deus terá influência sobre mim. Somente Cristo me ensinará. Escolho o domínio próprio.

Amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. A estes encomendo meu dia. Se tiver êxito, agradecerei. Se falhar, buscarei Sua graça. E depois, quando este dia tiver acabado, colocarei minha cabeça sobre meu travesseiro e repousarei.

Escolho a Deus.

CAPÍTULO 12

O PROFETA

Eu queria meu café da manhã. Consegui um profeta.

Parei no mercado a caminho do escritório esta manhã. Devia fazer uma compra e decidi, já que estava ali, fazer mais outra coisa. Aproximei-me do balcão das especialidades para viagem e pedi meu café da manhã. Por 2 dólares você pode obter todos os ovos e chouriços que possa tolerar. Minha cintura e o doutor me impedem de fazer isso todos os dias, mas como de qualquer forma estava ali, e levando em conta que não tinha comido...

Um profeta teve a mesma idéia. Não um profeta da Bíblia, senão um profeta com uma Bíblia. Uma Bíblia grossa, desgastada, encadernada em azul. Era de baixa estatura e magro... um homem de aspecto frágil, cabelo curto e ralo, e de espessa barba ruiva.

Quando cheguei ali, já estava pedindo sua comida. A pedia *meticulosamente*.

— Servem pastéis sem carne?

— Sim.

— Somente batatas e ovos?

— Sim.

— Tem sal?

— Não.

— Quantas batatas?

A senhora que atendia esse setor levantou a travessa para que pudesse ver.

— E quantos pastéis?

Talvez desejasse estar certo de conseguir um justo intercâmbio pelo seu investimento. Talvez observasse uma dieta religiosa. Ou talvez somente fosse chato. Eu não podia decidir. Porém podia ver que era cortês, exageradamente gentil.

Levava um rastelo. (Seria uma versão moderna de uma joeiradora?). Sua túnica era azul e debaixo dela havia uma camisa que parecia feita com uma toalha.

Enquanto alguém preparava a comida do profeta, apareceu um segundo funcionário. Pensou que não tivessem atendido o profeta e perguntou se necessitava ajuda.

— Não, já me ajudaram. Mas já que você o menciona, posso lhe perguntar se você é crente em Jesus Cristo? Sou seu profeta e me enviou a você.

O funcionário não sabia como responder. Olhou para a funcionária, a qual olhou para outro lado e encolheu os ombros. Ele olhou para mim, depois para outro lado. Depois voltou a olhar para o profeta e murmurou algo assim como:

— Obrigado por vir — então me perguntou se eu necessitava ajuda.

Sim, eu precisava e disse o que queria. E enquanto esperava, saíram os pastéis do profeta. Tinha pedido um refrigerante... sem gelo. E água... num copo descartável. Surpreendeu-se ao ver a cor de sua bebida.

— Achei que seria cor laranja.

— Não, é transparente — respondeu a mulher.

Tive desejos de que tentasse um milagre: converter a água clara em laranjada. Não o fez; só interpretou o momento.

— Na vida realmente não importa a cor de suas bebidas, verdade? — sorriu para a mulher, o homem e depois para mim.

Todos devolvemos o sorriso.

Como levava uma Bíblia numa mão e um rastelo na outra, me perguntei como faria para carregar a comida. De modo que me ofereci para ajudá-lo. Declinou minha oferta.

— Obrigado em nome de Jesus por oferecer sua ajuda, mas posso me virar.

Empilhou o prato sobre o copo de refrigerante e de algum modo levantou a água com a mão que levava o rastelo e a

Bíblia. No processo quase perdeu tudo, e assim tornei a oferecer minha ajuda.

— Não, mas em nome de Jesus o abençoou por oferecer-me sua ajuda.

— E — se dirigiu à funcionária —, a abençoou em nome de Jesus Cristo pela sua amável atenção.

— E — captou o olhar do funcionário —, o abençoou em nome de Jesus Cristo.

Não disse por quê. Uma bênção genérica, supus.

Tendo-nos dado sua bênção, voltou-se para ir embora. Segundo sei, conseguiu chegar até a mesa.

Observei os olhos da caixa ao cobrar-me meu café da manhã. Como não sabia nada em absoluto a respeito dela, me perguntava o que estaria pensando. Perguntava-me que efeito teria exercido este encontro com o profeta sobre sua opinião d'Aquela a quem o profeta representava.

Desejava dizer algo, mas não sabia o que dizer. Estava para dizer: " Aquela profeta e eu pertencemos ao mesmo time; só que temos duas formas diferentes de abordar o assunto. Na verdade, ser cristão não implica carregar um rastelo".

Porém, antes que eu pensasse em algo para dizer, tinha se voltado para ajudar outra pessoa. Então me virei com a intenção de partir.

Foi nesse momento que me topei com Lourenço. Lourenço é um amigo de minha igreja. Encontrar-se com Lourenço não é pouca coisa. É um ex-jogador profissional de futebol. Tudo concernente a Lourenço é grande e tudo concernente a Lourenço é amável. Um forte abraço de Lourenço pode durar uma semana.

E foi isso o que me deu... um bom abraço, um cálido aperto de mãos e uma genuína pergunta acerca de meu bem-estar. Não muito, só um par de minutos de amável interesse. Depois seguiu seu caminho e eu continuei o meu.

Enquanto me afastava, me chamou a atenção o contraste entre ambos os encontros. Tanto o profeta como Lourenço são

seguidores de Cristo. Nenhum dos dois se envergonha de sua fé. Ambos se agradam de levar uma Bíblia. Ambos gostam de abençoar as pessoas. Porém ali acabavam as similaridades.

Um veste sandálias e uma túnica e o outro usa tênis e calças jeans.

Um se veste como Jesus, porém o outro se comporta como Jesus.

Um se apresentou como embaixador de Cristo; o outro nem precisou fazê-lo.

Um despertou minha curiosidade, mas o outro tocou meu coração.

E algo me dizia que se Jesus estivesse presente, em pessoa, em Santo Antônio, e eu me encontrasse com Ele na loja, não o reconheceria pelo rastelo, pela vestimenta ou pela grande Bíblia. Porém o reconheceria pelo seu bom coração e suas palavras amáveis.

PARTE II

O TOQUE DO MESTRE

Em seus últimos anos, Beethoven passava horas tocando um clavicórdio quebrado. O instrumento carecia de valor. Faltavam-lhe teclas. As cordas estavam esticadas. Estava desafinado, era desagradável de se ouvir.

Porém, o grande pianista tocava até que lhe corriam as lágrimas pelas faces. Ao olhar para ele, se pensaria que ouvia o sublime. Assim era. Pois estava surdo. Beethoven escutava o som que o instrumento devia produzir, não o que na realidade produzia ¹².

Alguma vez você se sentiu como o clavicórdio de Beethoven? Desafinado? Inepto? Servindo fora de tempo, insignificante?

Alguma vez se perguntou o que Deus faz quando o instrumento está quebrado? Que acontece com a canção quando as cordas estão desafinadas? Como responde o Mestre quando as teclas não funcionam?

Dá meia volta e vai embora? Exige um instrumento em substituição? Se desfaz do velho? Ou será que com paciência o afina até ouvir a canção que anela?

Se você se formulou estas perguntas (e quem não?), tenho alguns pensamentos para que leia. Agrupei um curioso conjunto de testemunhos que acho que vai desfrutar. Nas próximas páginas encontrará:

- Uma explicação do por quê o mago de Oz não está na Bíblia.
- Um relato acerca de uma lua caprichosa.
- Uma primitiva reportagem jornalística a Moisés e Jeosafá.

¹² 1,041 Sermon Illustrations, Ideas and Expositions [1041 Ilustrações, idéias e exposições para sermões], recopiladas e editadas por A. Gordon Nasby, Baker, Grand Rapids, 1976, p. 199.

— A mensagem de um grilo e a dieta comum de comida pré-mastigada.

Alguns capítulos são cômicos. Alguns, sérios. Alguns, fictícios. Alguns, reais. Porém todos têm uma resposta para quem se sente como o clavicórdio de Beethoven. Todos operam em conjunto para alentar o instrumento cansado. Todos têm a esperança de mostrar-lhe como o Músico Mestre repara o que não podemos reparar e ouve música quando nós não.

CAPÍTULO 13

QUANDO OS GRILOS O IRRITEM

Perdoe se este capítulo está desordenado. Ao escrever, estou irritado. Estou irritado por causa de um grilo. É barulhento. É detestável. Está escondido. E vai estar em grandes dificuldades se eu o achar.

Cheguei ao meu escritório cedo. Duas horas antes que soasse meu despertador, estava aqui. As mangas arregaçadas e o computador zunindo. *Ganha dos telefones*, pensei. *Adiante-se à manhã*, planejei. *Sobe ao dia*.

Porém *põe as mãos sobre esse grilo*, é o que não deixo de murmurar.

Pois bem, nada tenho contra a natureza. A melodia de um canário me encanta. O prazeroso zunido do vento nas folhas me é agradável. Mas o raack-raack-raack de um grilo antes do amanhecer me incomoda.

De modo que fico de joelhos e percorro o escritório guiando-me pelo som. Espio embaixo de caixas. Tiro livros das prateleiras. Jogo-me de barriga no chão e olho debaixo de minha escrivadinha. Humilhante. Fui sabotado por um inseto de dois centímetros e meio.

Que coisa é este insolente e irritante que reduz o homem à posição de perseguidor de insetos?

Céus, ele está atrás de uma prateleira. Fora de meu alcance. Oculto num esconderijo de madeira compensada. Não posso alcançá-lo. A única coisa que posso fazer é lançar canetas na base da prateleira. De modo que faço isso. Pop. Pop. Pop. Uma após a outra. Uma metralhadora de canetas. Finalmente silencia.

Porém, o silêncio dura somente um minuto.

Assim que, perdoem-me se meus pensamentos estão fragmentados, mas estou descarregando a artilharia parágrafo por meio. Esta não é minha forma de trabalhar. Esta não é forma de começar o dia. O chão está bagunçado. Minhas calças, sujas. Minha linha de pensamento descarrilou. O que tento dizer é, como pode alguém escrever sobre a ira quando há um estúpido inseto em seu escritório?

Opaaa... Acho que, depois de tudo, estou no contexto mental adequado...

Ira. Esta manhã é fácil de definir: o barulho da alma. *Ira*. O irritante invisível do coração. *Ira*. O invasor implacável do silêncio.

Assim como o grilo, a ira irrita.

Assim como o grilo, a ira não se pode aplacar com facilidade.

Assim como o grilo, a ira tem o costume de ir incrementando seu volume até chegar a ser o único som que ouvimos. Quanto mais forte fica, mais nos desesperamos.

Quando nos maltratam, nossa resposta animalística é sair a caçar. Instintivamente fechamos nossos punhos. Procurar vingança é algo muito natural. O que, em parte, é o que constitui o problema. A vingança é natural, não espiritual. Vingar-se é a lei da selva. Conceder graça é a lei do reino.

Alguns estarão pensando: É fácil para você dizer isso, Max, ali sentado no seu escritório, sendo um grilo sua principal causa de irritação. Deveria tentar viver com minha esposa. Ou deveria ter vivido o que vivi no meu passado. Ou deveria criar meus filhos. Não sabe como fui maltratada pelo meu ex. não tem idéia de quão difícil tem sido a minha vida.

E você tem razão, não sei. Mas tenho uma idéia muito clara sobre quão triste será o seu futuro se não resolver a sua ira.

Faça uma radiografia da alma do vingativo e contemplará o tumor da amargura: preto, ameaçador, maligno. Carcinoma do espírito. Suas fibras fatais silenciosamente vão rodeando as margens do coração e o destroem. O ontem não pode ser alterado, mas sua reação perante ele, sim. O passado não pode ser mudado, mas sua resposta ao seu passado, sim.

Impossível, você diz? Permita-me que tente demonstrar-lhe o contrário.

Imagine que provêm de uma família grande... aproximadamente uma dúzia de filhos. Uma família mais misturada que a família Brady¹³. Todas as crianças são do mesmo pai, mais têm umas quatro ou cinco mães diferentes.

Imagine também que seu pai é um trapaceiro e tem sido assim por muito tempo. Todos o sabem. Todos sabem que por meio de arapucas roubou de seu tio sua parte da herança. Todos sabem que saiu correndo como covarde para impedir que o pegassem.

Imaginemos também que seu tio-avô, mediante enganos, fez que seu pai casasse com a irmã de sua mãe. Embebedou seu pai antes da boda e fez com que fosse para o altar sua filha feia antes que sua filha bonita, com a qual seu pai pensava que se casava.

Porém, isso não freou seu pai. Simplesmente casou com as duas. A que ele amava não podia ter filhos, então deitou com sua mucama. Alias, tinha o costume de deitar com a maioria das ajudantes de cozinha; como resultado, a maioria de seus irmãos se parecem com as cozinheiras.

Por último, a esposa com a qual seu pai teria desejado casar-se em primeiro lugar fica grávida... e nasce você.

Você é o filho preferido... e seus irmãos o sabem.

¹³ Nome de uma família de um popular seriado de TV.

Lhe dão um carro. A eles não. O vestem-te de Armani; a eles, de K-Mart ¹⁴. Vai a acampamentos de verão; eles trabalham no verão. Você se educa; eles se irritam.

E se vingam. O vendem para algum projeto de serviço no estrangeiro, o colocam num avião cujo destino é o Egito, e dizem a seu pai que um franco-atirador o matou. Você está rodeado de pessoas desconhecidas, aprendendo um idioma que não compreende e vivendo numa cultura que jamais viu.

História imaginária? Não. É a história de José. O filho preferido numa família estranha; tinha toda a razão de estar irritado.

Tentou tirar o maior proveito possível. Se converteu em servo principal da máxima autoridade do Serviço Secreto. A esposa do chefe tentou seduzi-lo e quando ele se negou, ela protestou e ele acabou na prisão. Faraó soube do fato que José podia interpretar sonhos e lhe deu a oportunidade de interpretar os dele mesmo.

Quando José os interpretou, o promoveram da prisão do palácio para ocupar o posto de primeiro ministro. A segunda posição em importância em todo o Egito. A única pessoa diante a qual José se inclinava era o rei.

Enquanto isso, surge uma grande fome e Jacó, o pai de José, envia seus filhos ao Egito para obter um empréstimo do estrangeiro. Os irmãos não sabem, mas estão em frente ao próprio irmão que venderam aos ciganos por volta de uns vinte e dois antes.

Não reconhecem a José, porém ele os reconhece. Um pouco mais carecas e com barriga, mas os mesmos irmãos. Imagine os pensamentos de José. A última vez que viu esses rostos foi do fundo de um poço. A última vez que ouviu estas vozes, estavam rindo dele. A última vez que pronunciaram seu nome, o xingaram de toda forma possível.

Agora é sua oportunidade de vingar-se. Ele tem o controle total. Basta estalar os dedos para que seus irmãos estejam mortos. Melhor ainda, algemem-nos e coloquem grilhões em

¹⁴ Armani é uma marca de roupa cara; K-Mart é uma loja de preços baratos.

seus pés e que vejam como é um calabouço egípcio. Que durmam no lodo. Que limpem os pisos. Que aprendam egípcio.

A vingança está ao alcance de José. E há poder na vingança. Poder embriagador.

Por acaso não o experimentamos? Não temos sentido a tentação de vingar-nos?

Ao entrar na corte acompanhando o ofensor, anunciamos: "Ele me machucou!". As pessoas do júri meneiam suas cabeças com desgosto. "Ele me abandonou!", explicamos, e as câmeras ecoam nossa acusação. "Culpado!", rosna o juiz ao bater com seu martelo. "Culpado!", concorda o júri. "Culpado!", proclama o auditório. Nos deleitamos neste momento de justiça. Saboreamos esta bisteca saborosa. Assim prolongamos o acontecimento. Relatamos a história uma e outra e outra vez.

Agora congelemos essa cena. Tenho uma pergunta. Não para todos, mas para alguns. Alguns de vocês estão perante a corte. A corte da queixa. Alguns expõem reluzente a mesma ferida em cada oportunidade diante de qualquer um que esteja disposto a ouvir.

A pergunta é para vocês: "Quem os converteu em Deus?" Não tenho a intenção de ser arrogante, mas, por que fazem o que corresponde a Ele?

"Minha é a vingança", declarou Deus, "eu darei a recompensa" (Hebreus 10:30, ACF).

"Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera pelo SENHOR, e ele te livrará" (Provérbios 20:22, ACF).

O juízo corresponde a Deus. Supor algo diferente equivale a supor que Deus não pode fazê-lo.

A vingança é irreverente. Quando devolvemos um golpe estamos dizendo: "Sei que a vingança é tua, Deus, mas o que acontece é que achei que não ias castigar o suficiente. Pensei que seria melhor tomar esta situação em minhas próprias mãos. Tens tendência a ser um tanto suave".

José compreende isso. Em vez de buscar a vingança, revela sua identidade e faz que seu pai e o resto da família sejam

trazidos para o Egito. Concede-lhes proteção e os provê de um lugar para morar. Vivem em harmonia durante dezessete anos.

Porém depois Jacó morre e chega o momento da verdade. Os irmãos suspeitam que diante da desapareição de Jacó serão afortunados se conseguirem sair do Egito com suas cabeças no lugar. Assim se aproximam de José para pedir misericórdia.

"Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, rogo-te, a transgressão de teus irmãos" (Gênesis 50:16-17). (Não posso evitar sorrir diante da idéia de homens grandes falando dessa forma. Não acham que soam como crianças choronas: "Papai disse que nos tratasse bem"?).

A resposta de José? *"E José chorou quando eles lhe falavam"* (Gênesis 50:17). "Que mais devo fazer?", imploram suas lágrimas. "Lhes dei um lar. Dei provisões para suas famílias. Por que continuam desconfiando de minha graça?".

Por favor, leiam com cuidado as duas declarações que fez a seus irmãos. Primeira pergunta: *"Porventura estou eu em lugar de Deus?"* (versículo 19).

Posso voltar a declarar o obvio? A vingança pertence a Deus! Se a vingança é de Deus, não é nossa. Deus não nos pediu que nos vingüemos. Jamais.

Por quê? A resposta pode ser achada na segunda parte da declaração de José: "Vós bem intentastes mal contra mim; porém Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida" (versículo 20).

O perdão aparece com mais facilidade com uma lente de grande alcance. José utiliza uma para poder ver todo o quadro. Recusa focalizar a traição de seus irmãos sem olhar também a lealdade de Deus.

Sempre é de boa ajuda ver o quadro completo.

Faz algum tempo eu estava no vestíbulo de um aeroporto, quando vi entrar um conhecido. Era um homem a quem não havia visto a bastante tempo, porém freqüentemente tinha pensado nele. Tinha passado por um divorcio e o conhecia o suficiente como para saber que ele tinha parte da culpa.

Notei que não estava sozinho. Ao seu lado havia uma mulher. Veja o velhaco! Faz apenas alguns meses e já está com outra dama?

Qualquer pensamento de saudá-lo desapareceu ao emitir um juízo a respeito de seu caráter. Mas então ele me viu. Saudou-me com a mão. Fez-me sinais para que eu me aproximasse. Estava pego. Deveria aproximar-me para visitar o réprobo. De modo que o fiz.

— Max, quero lhe apresentar minha tia e seu esposo.

Engoli saliva. Não tinha visto o homem.

— Nos dirigimos a um encontro familiar. Sei que gostariam muito lhe conhecer.

— Usamos seus livros em nosso estudo bíblico familiar — disse o tio de meu amigo —. Suas percepções são excelentes.

"Se você soubesse", disse a mim mesmo. Tinha cometido o pecado comum dos que não perdoam. Tinha emitido um juízo sem conhecer a história.

Perdoar alguém implica admitir nossas limitações. Só nos foi entregue uma peça do quebra-cabeça da vida. Unicamente Deus possui a capa da caixa.

Perdoar alguém implica pôr em prática a reverência. Perdoar não é dizer que quem te machucou tinha a razão. Perdoar é declarar que Deus é justo e que fará o que seja correto.

Depois de tudo, não temos já suficientes coisas para fazer sem tentar fazer também o que corresponde a Deus?

Adivinhe. Acabo de perceber uma coisa. O grilo calou-se. Entrosei-me tanto com este capítulo que o esqueci. Faz cerca de uma hora que não lanço uma caneta. Acho que deve ter dormido. É possível que isso seja o que tentava fazer desde o princípio, mas eu o acordava a cada minuto com minhas canetas.

Finalmente conseguiu descansar um pouco. Consegui terminar este capítulo. É surpreendente o que se consegue quando nos desprendemos de nossa ira.

CAPÍTULO 14

COMO VER O QUE O OLHO NÃO VÊ

Estou em pé a seis passos da borda do leito. Meus braços estendidos. Mãos abertas. Sobre a cama, Sara, com seus quatro anos, encolhida, adota uma pose como um gatinho brincalhão. Vai pular. Porém, não está pronta. Estou demasiado perto.

— Mais para trás, pai — me desafia em pé.

Dramaticamente acedo, confessando admiração pelo seu valor. Depois de dar dois passos gigantes me detenho.

— Mais? — pergunto.

— Sim! — berra Sara, pulando sobre a cama.

Ante cada passo ri, aplaude e faz gestos pedindo mais. Quando já estou do outro lado do canhão, quando estou fora do alcance do homem mortal, quando sou somente uma pequena figura no horizonte, ela me detém.

— Ali, pára ali.

— Está certa disso?

— Estou certa — grita ela.

Estendo meus braços. Mais uma vez ela se encolhe, depois pula. Superman sem capa. Pára-queda sem pára-quadras. Só seu coração voa mais alto que seu corpo. Nesse instante de vôo sua única esperança é seu pai. Se ele for fraco, cairá. Se ele for cruel, ela baterá contra a parede. Se for distraído, tombará no chão.

Mas não conhece tal temor, porque conhece a seu pai. Ela confia nele. Quatro anos sob o mesmo teto a convenceram de que ele é confiável. Não é sobre-humano, mas é forte. Não é santo, mas é bom. Não é brilhante, mas não é necessário que o seja para pegar sua filha quando pula.

De modo que voa.

De modo que remonta.

De modo que a apanha e os dois se regozijam ante a união entre a confiança dela e a fidelidade dele.

Estou de pé a pouca distância de outra cama. Desta vez ninguém ri. O local tem aspecto solene. Uma máquina bombeia ar para um corpo cansado. Um monitor mede o ritmo das batidas de um esgotado coração. A mulher no leito não é nenhuma criança. Uma vez o foi. Faz décadas. O foi. Porém agora já não é.

Assim como Sara, ela deve confiar. Depois de poucos dias de ter sofrido uma cirurgia, acabam de informá-la que deverá fazer outra. Sua fraca mão aperta a minha. Seus olhos se umedecem de temor.

Diferente de Sara, não vê pai algum. Mas o Pai a vê. *Confie nEle*, digo para o bem de ambos. Confie na voz que sussurra seu nome. Confie em que as mãos vão lhe segurar.

Estou sentado perante uma mesa, em frente de um homem bom. Bom e assustado. Seu temor tem fundamento. As ações desceram. A inflação subiu. Não é que tenha dilapidado nem apostado nem jogado. Trabalhou intensamente e orou com freqüência, mas agora tem temor. Sob o traje de flanela se oculta um tímido coração.

Mexe seu café e fixa seu olhar como os olhos do Coiote¹⁵ que acaba de perceber que correu além da borda do precipício. Está a ponto de cair e cair rapidamente. É Pedro sobre a água, que olha para a tormenta em vez do rosto. É Pedro em meio das ondas, que escuta o vento e não a voz.

Confie, eu o animo. Mas a palavra cai como uma pedra. Não está acostumado a algo tão estranho. É um homem de lógica. Ainda quando a pipa se esconde por trás das nuvens continua agarrada ao fio. Porém agora o fio escorregou. O céu está em silêncio.

Estou de pé a pouca distância de um espelho e vejo o rosto de um homem que fracassou... falhou com seu Criador. Outra vez.

¹⁵ O vilão dos desenhos animados do Papa-Léguas.

Prometi que não o faria, mas o fiz. Fiquei calado quando devia ter gritado. Sentei-me quando devi ter adotado uma postura.

Se esta fosse a primeira vez, seria diferente. Mas não o é. Quantas vezes alguém pode cair e ter a expectativa do resgate?

Confiar. Por que é fácil dizê-lo aos outros e tão difícil lembrá-lo a nós mesmos? Deus sabe o que fazer com a morte? À mulher eu disse que sim. Deus sabe o que fazer com a dívida? Isso foi o que comuniquei ao homem. Deus pode ouvir outra confissão destes lábios?

O rosto no espelho pergunta.

Estou sentado a pouca distância de um homem condenado à morte. Judeu de nascimento. Fabricante de tendas por ofício. Apóstolo por chamamento. Seus dias estão contados. Tenho curiosidade em saber o que sustém este homem ao aproximar-se sua execução. Assim lhe faço algumas perguntas.

Você tem família, Paulo? *Nenhuma.*

Como vai a sua saúde? Meu corpo está abatido e cansado.

Quais são suas posses? Tenho muitos pergaminhos. Uma pena. Um manto.

E sua reputação? Pois não vale muito. Para alguns sou um herege, para outros, um indomável.

Você tem amigos? Sim, mas alguns deles me abandonaram.

Você tem galardões? *Não na terra.*

Então, o que você tem, Paulo? Sem posses. Sem família. Criticado por alguns, escarnecido por outros. O que você tem, Paulo? O que você tem que valha a pena?

Reclino-me em silêncio e espero. Paulo fecha seu punho. Olhe para ele. Eu o olho. O que o sustenta? O que tem?

Estende sua mão para que eu possa vê-la. Ao inclinar-me para frente, abre seu punho. Observo sua palma. Está vazia.

Tenho minha fé. É tudo quanto tenho. Mas é tudo quanto necessito. Guardei a fé.

Paulo se reclinou contra a parede de sua cela e sorriu. E eu me reclinou contra outra parede e fixo a vista no rosto de um homem que aprendeu que a vida é mais do que o olho percebe.

Pois disso se trata a fé. A fé é confiar no que o olho não pode ver.

Os olhos vêem o leão que espreita. A fé vê o anjo de Daniel.

Os olhos vêem tormentas. A fé vê o arco-íris de Noé.

Os olhos vêem gigantes. A fé vê Canaã.

Seus olhos vêem suas faltas. A fé vê seu Salvador.

Seus olhos vêem sua culpa. A fé vê Seu sangue.

Seus olhos vêem seu túmulo. Sua fé vê uma cidade cujo construtor e criador é Deus.

Seus olhos olham no espelho e vêem um pecador, um fracasso, um quebrador de promessas. Mas pela fé olha para o espelho e se vê como pródigo, elegantemente vestido, levando em seu dedo o anel da graça e em seu rosto o beijo de seu Pai.

Porém, aguarde um minuto, diz alguém. Como sei que isto é verdade? Linda prosa, mas quero fatos. Como sei que essas não são somente vãs esperanças?

Parte da resposta pode ser achada nos pulos de fé da Sara. Sua irmã mais velha, Andréia, estava no local olhando, e perguntei a Sara se ela pularia em braços da Andréia. Sara negou-se. Tentei convencê-la. Não cedia.

— Por que não? — perguntei.

— Somente pulo em braços grandes.

Se acharmos que os braços são fracos, não pularemos.

Por isso, o Pai flexionou seus músculos.

"A suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos", ensinava Paulo. "A operação da força do seu poder, que operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos" (Efésios 1:19-20, PJFA).

Na próxima vez em que se perguntar se Deus pode resgatá-lo, leia esse versículo. As mesmas bênçãos que venceram a morte são as que lhe estão reservadas.

Na próxima vez que se perguntar se Deus pode lhe perdoar, leia esse versículo. As mesmas mãos que foram pregadas na cruz estão abertas para você.

E na próxima vez que se perguntar se sobreviverá ao pulo, pensa em Sara e em mim. Se um pai teimoso de carne e osso como eu pode apanhar sua filha, você não acha que seu Pai eterno pode apanhá-lo?

CAPÍTULO 15

COMO VENCER A HERANÇA ¹⁶

Stefan pode lhe contar sobre árvores familiares. Ganha a vida por meio delas. Herdou um bosque alemão que pertenceu à sua família durante quatrocentos anos. As árvores que cultivava foram plantadas pelo seu bisavô faz cento e oitenta anos. As árvores que planta não estarão prontas para comercializar até que nasçam seus bisnetos.

Ele é parte de uma corrente.

"Cada geração deve tomar uma decisão", me disse. "Podem saquear ou plantar. Podem abusar da terra e enriquecer, ou podem cuidá-la, recolher somente o que lhes pertence e deixar um investimento para seus filhos".

Stefan colhe frutos semeados por homens que jamais conheceu.

Stefan planta sementes que descendentes que nunca verá coletarão.

Dependente do passado, responsável pelo futuro: é parte de uma corrente.

¹⁶ Com carinho para Stefan Richart-Willmes.

Como nós. Somos filhos do passado. Pais do futuro. Herdeiros. Benfeitores. Receptores do trabalho realizado pelos que nos precederam. Nascidos num bosque que não semeamos.

O qual me leva a perguntar, como está seu bosque?

Ao ficar de pé sobre a terra legada pelos seus antecessores, que aspecto tem? Como se sente?

Orgulho pelo legado? Talvez. Alguns herdaram terras com nutrientes. Árvores de convicção de raízes profundas. Fileira após fileira de verdade e herança. É possível que se apóie no bosque de seus pais com orgulho. Se este é o caso, agradeça, pois muitos não podem fazê-lo.

Muitos não estão orgulhosos de suas árvores familiares. Pobreza. Vergonha. Abuso. Tais são os bosques em que alguns se encontram. A terra foi saqueada. As colheitas foram efetuadas, mas não foi realizada semeadura alguma.

Talvez o criaram num lar de prejuízos e intolerância, o qual o faz intolerante com as minorias. Talvez o criaram num lar de avareza, daí que seus desejos de posses sejam insaciáveis.

Talvez suas lembranças da infância lhe causem mais dor que inspiração. As vozes de seu passado o amaldiçoaram, o rebaixaram, o ignoraram. Nessa época, achou que semelhante tratamento era normal. Agora vê que não é assim.

E agora tenta entender o seu passado.

Falaram-me de um homem que deve ter tido pensamentos dessa natureza. Seu legado era trágico. Seu avô era um assassino e um místico que sacrificava seus filhos em abuso ritual. Seu pai foi um canalha que destruía casas de adoração e zombava dos crentes. O assassinaram aos vinte e quatro anos de idade... seus amigos.

Os homens eram típicos de sua era. Viveram num tempo quando as prostitutas ofereciam suas mercadorias nas casas de adoração. Os magos tratavam as doenças com feitiços. As pessoas adoravam as estrelas e se guiavam por horóscopos. Pensava-se mais na superstição e no vodu que na educação das crianças.

Era um momento tenebroso para nascer. Que pode ser feito quando seu avô era seguidor de magia negra, seu pai era um homem vil e sua nação, corrupta?

Repetir a história? Alguns pensavam que o faria. O qualificaram de delinqüente antes de nascer, de tal pai, tal filho. Quase pode ouvir como as pessoas gemem quando ele passa: "Será igual ao seu pai".

Porém, erraram. Não o foi. Reverteu a tendência. Enfrentou o improvável. Elevou-se qual dique contra as tendências de sua época e imprimiu um novo curso ao futuro de sua nação. Suas conquistas foram tão notáveis que continuamos relatando sua história dois mil e seiscentos anos depois.

A história do rei Josias. O mundo tem conhecido reis mais sábios; o mundo tem visto reis mais ricos; o mundo tem sabido de reis mais poderosos. Mas a história nunca viu um rei mais valoroso que o jovem Josias.

Nascido uns seiscentos anos antes de Jesus, Josias herdou um trono frágil e uma coroa turva. O templo estava em desordem, a Lei tinha se perdido e o povo adorava qualquer deus que aparecesse. Porém, ao finalizar seu reinado de trinta e um anos, o templo tinha sido reconstruído, os ídolos destruídos e a Lei de Deus novamente tinha se elevado até ocupar um lugar de proeminência e poder.

O bosque havia reclamado.

O avô de Josias, o rei Manassés, foi lembrado como o rei que *"derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu Jerusalém de um a outro extremo"* (2 Rs 21:16, PJFA). Seu pai, o rei Amom, morreu pelas mãos de seus próprios oficiais. *"Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor"*, diz seu epitáfio (2 Rs 21:20, PJFA).

Os cidadãos formaram uma comitiva e mataram os assassinos, e Josias, de oito anos, assumiu o trono. No princípio de seu reinado, Josias tomou uma valente decisão. *"Andou em todo o caminho de Davi, seu pai, não se apartando dele nem para a direita nem para a esquerda"* (2 Rs 22:2, PJFA).

Folheou seu álbum familiar até encontrar um antepassado digno de imitação. Josias pulou a vida de seu pai e passou por alto a de seu avô. Deu um pulo para trás no tempo, até encontrar Davi e determinou: "Serei como ele".

O princípio? Não podemos escolher nossos pais, mas sim podemos escolher nossos mentores.

E como Josias escolheu a Davi (que tinha escolhido a Deus), começaram a acontecer coisas.

O povo derrubou os altares dos baalins seguindo as direções de Josias.

Josias destróçou os altares de incenso.

Josias... despedaçou as imagens de Asera e... as reduziu a pó.

Queimou os ossos dos sacerdotes.

Josias derrubou os altares.

Destroçou todos os altos de incenso por todas as terras de Israel (2 Cr 34:4-5,7).

Não se pode dizer que fosse um percurso turístico. Mas, por outro lado, Josias não tinha a intenção de conseguir amigos. Tinha como finalidade fazer uma declaração: "O que ensinaram meus pais, eu não ensino. O que eles abraçaram, eu rejeito".

E ainda não tinha acabado. Quatro anos depois, na idade de vinte e seis anos, dirigiu sua atenção para o templo. Estava em ruínas. O povo tinha permitido que fosse desmoronando. Mas Josias estava decidido. Algo tinha sucedido que ateou fogo em sua paixão pela restauração do templo. Tinha-lhe sido entregue um bastão. Uma tocha havia recebido.

No princípio de seu reinado decidiu servir o Deus de Davi, seu antepassado. Agora escolhia servir o Deus de outro. Note-se em 2 Crônicas 34:8: *"E no ano décimo oitavo do seu reinado, havendo já purificado a terra e a casa, enviou a Safã (...) para repararem a casa do SENHOR seu Deus"*, o **Deus de Josias** (ênfase do autor).

Deus era *seu* Deus. a fé de Davi era a fé de Josias. Tinha encontrado o Deus de Davi e o havia feito seu. Quando o templo

estava sendo reconstruído, um dos operários encontrou um rolo. No rolo estavam as palavras de Deus dadas a Moisés quase mil anos antes.

Quando Josias ouviu estas palavras, ficou estarelecido. Chorou ao ver que seu povo tinha se distanciado tanto do Deus que sua Palavra não tomava parte de suas vidas.

Enviou uma pergunta para uma profetisa, perguntando-lhe: "O que acontecerá a nosso povo?"

Ela disse a Josias que por ter-se arrependido quando ouviu estas palavras, sua nação se salvaria da ira de Deus (veja 2 Crônicas 34:27). Incrível. Uma geração completa recebeu graça devido à integridade de um homem.

É possível que Deus o tenha colocado sobre a terra por esse motivo?

É possível que Deus tenha colocado você sobre a terra pelo mesmo motivo?

Talvez seu passado não seja algo do qual jactar-te. Talvez tenhas sido testemunha de horrível maldade. E agora você, igual a Josias, deve tomar uma decisão. Se sobreporá ao passado e produzirá uma mudança? Ou permanecerá sob o controle do passado e elaborará desculpas?

Muitos escolhem o último.

Muitos escolhem os lares de convalescentes do coração. Corpos saudáveis. Mentas agudas. Porém sonhos aposentados. Balançam-se sem cessar nas cadeiras de balanço do remorso, repetindo as condições da rendição. Aproxime-se e poderá ouvi-los: "Se tão somente". A bandeira branca do coração.

"Se tão somente..."

"Se tão somente tivesse nascido em outra parte..."

"Se tão somente tivessem me tratado com justiça..."

"Se tão somente tivesse pais mais amorosos, mais dinheiro, melhores oportunidades..."

"Se tão somente tivessem me ensinado a usar o banheiro mais rápido, me castigado menos ou ensinado a comer sem fazer ruídos incômodos..."

Talvez você já usou essas palavras. Talvez tenha motivos de sobra para usá-las. Talvez você, igual a Josias, tenha ouvido contar até dez ainda antes de entrar no ringue. Para encontrar um antepassado que valha a pena imitar, você, igual a Josias, devem folhear o álbum familiar pulando muito para trás.

Se esse é o caso, permita que lhe mostre onde recorrer. Deixe de lado o álbum e levante a sua Bíblia. Busque no Evangelho de João e leia as palavras de Jesus: *"O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito"* (Jo 3:6, ARC).

Medita nisso. A vida espiritual nasce do Espírito! Seus pais podem lhe ter dado seus genes, mas Deus lhe dá graça. É possível que seus pais sejam responsáveis pelo seu corpo, mas Deus se incumbiu de tua alma. É possível que seu aspecto venha de sua mãe, mas a eternidade vem de seu Pai, seu Pai celestial.

Ele não está cego diante de seus problemas. Mais ainda, Deus está disposto a dar-lhe o que sua família não lhe deu.

Não teve um bom pai? Ele será seu Pai.

Através de Deus você é um filho; e, se é um filho, certamente também é um herdeiro (Gálatas 4:7).

Não teve um bom modelo? Experimente com Deus.

"Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados" (Efésios 5:1, ARC).

Nunca teve um pai que enxugasse suas lágrimas? Reconsidere. Deus viu cada uma delas.

"Tu contas as minhas vagueações; põe as minhas lágrimas no teu odre. Não estão elas no teu livro?" (Salmo 56:8, ARC).

Deus não o deixou à deriva num mar de heranças. Como Josias, você não pode controlar a forma como seus antepassados responderam a Deus. Porém, pode controlar sua forma de responder a Ele. Não é necessário que o passado seja sua prisão. Pode ter uma voz em seu destino. Pode se expressar a respeito de sua vida. Pode escolher o caminho por onde andar.

Escolha bem e algum dia, muitas gerações depois, seus netos e bisnetos agradecerão a Deus pelas sementes que plantou.

CAPÍTULO 16

O DOCE SOM DO SEGUNDO VIOLINO

Durante milhares de anos, a relação tinha sido perfeita. Até onde qualquer um pudesse lembrar, a luz tinha refletido com fidelidade os raios do sol na noite escura. Era o dueto mais grandioso do universo. Outras estrelas e planetas se maravilhavam diante da confiabilidade da equipe. Seu reflexo cativou uma geração após outra de terráqueos. A lua se converteu num símbolo de romance, esperanças sublimes e até rimas infantis.

"Não deixes de brilhar, lua da colheita", cantava o povo. E assim se fazia. Quer dizer, fazia até certo ponto. Veja, a lua na realidade não brilhava. Refletia. Pegava a luz que lhe dava o sol e a apontava para a terra. Uma simples tarefa de receber iluminação e partilhá-la.

Pensar-se-ia que semelhante combinação duraria para sempre. Quase aconteceu isso. Mas um dia, uma estrela próxima implantou um pensamento no interior da lua.

— Deve ser difícil ser lua — sugeriu a estrela.

— O que você quer dizer? Eu adoro! Toca-me realizar uma tarefa importante. Quando escurece, as pessoas olham para mim esperando receber ajuda. E eu olho para o sol. Ele me dá o que eu necessito e eu dou às pessoas o que elas necessitam. Dependem de mim para iluminar seu mundo. E eu dependo do sol.

— Então, você e o sol devem ser bastante unidos.

— Unidos? Opa, se somos como Huntley e Brinkley, Hope e Crosby, Benny e Dav...¹⁷

¹⁷ Nomes de artistas e locutores da TV americana.

— Ou talvez Edgar Bergen e Charlie McCarthy?

— Quem?

— Sabe, o ventríloquo com o boneco.

— Pois, isso do boneco eu não sei...

— Isso, precisamente, é o que eu quero dizer. Você é o boneco. Não tem luz própria. Depende do sol. Você é o acompanhante. Não tem fama própria.

— Fama própria?

— Sim, faz muito tempo que você toca o segundo violino. Necessita dar um passo por conta própria.

— Do que está falando?

— Me refiro a que deixe de refletir e comece a gerar. Faça o seu. Seja seu próprio chefe. Faça com que saibam quem você é de verdade.

— Quem eu sou?

— Pois, você é, verá... ehmm... bom, isso é o que você deve averiguar. Necessita saber quem é você.

A lua se deteve a pensar por um momento. O que dizia a estrela fazia sentido. Embora nunca o tivesse considerado, de repente estava consciente de todas as desigualdades da relação.

Por que devia ser sempre ela a encarregada de cobrir o turno da noite? Que por que devia ser a primeira na qual pisaram os astronautas? E por que devia ser sempre acusada de causar ondas? E por que, para variar, os cães e os lobos não uivam ao sol? E por que deve ser tão negativo "estar na lua" enquanto que "tomar sol" é uma prática aceita?

— Você tem razão! — exclamou a lua —. Já é hora de que exista uma igualdade solar-lunar aqui em cima.

— Agora sim está falando certo — a incitava a estrela —. Vai descobrir a verdadeira lua!

Esse foi o começo da ruptura. Em vez de dirigir sua atenção ao sol, a lua começou a dirigir sua atenção a ela mesma.

Empreendeu o caminho da auto-superação. Depois de tudo, sua cútis era um desastre, tão cheia de crateras e coisas assim. Seu guarda-roupas tristemente se limitava a três tamanhos: cheia, média e quarto. E sua cor era de um amarelo anêmico.

De modo que, armada de determinação, dispôs-se a apontar a metas elevadas.

Ordenou a aplicação de fomentos de geleiras para sua cútis. Modificou sua aparência para incluir novas formas como triângulos e quadrados. E para mudar a cor optou por um alaranjado escandaloso. "Já ninguém vai me chamar de cara de queijo".

A nova lua tinha diminuído de peso e melhorado seu estado físico. Sua superfície estava tão suave como o bumbum de um bebê. Tudo foi bem por um tempo.

Inicialmente, seu novo aspecto fez que desfrutasse de seu próprio brilho de lua. Os meteoros colegas a convidavam a suas órbitas para assistir juntos às telenovelas.

Tinha amigos. Gozava de fama. Não teve necessidade do sol... até que mudou a moda. De repente o estilo inculto passou e entrou a moda colegial. Detiveram-se os elogios e começaram as risadinhas, porque a lua era lenta em perceber que estava fora de moda. Quando por fim caiu a ficha e mudou sua cor laranja por traços delgados, a moda passou a ser estilo campestre.

Foi a dor provocada pelas pedras brilhantes incrustadas em sua superfície o que finalmente a levou a perguntar-se: "Para que serve isto, afinal?". Um dia, uma figura na capa de uma revista, para ser esquecida no dia seguinte. Viver dos elogios dos outros consiste numa dieta errática.

Pela primeira vez desde o início de sua campanha de busca do eu, a lua pensou no sol. Lembrou os bons milênios, quando os elogios não a preocupavam. O que pensavam dela carecia de importância já que não estava interessada em conseguir que fosse vista. Qualquer elogio que lhe fizessem, rapidamente era passado para o chefe. Começava a compreender o plano do sol. "É possível que me estivesse fazendo um favor".

Olhou para baixo na direção da terra. Os terráqueos tinham estado recebendo um bom show. Nunca sabiam o que esperar: primeiro rústico, depois colegial e agora campesino. Os levantadores de apostas de Las Vegas tentavam adivinhar se a próxima moda seria chique ou varonil. Em vez de ser a luz de seu mundo, tinha-se convertido no alvo de suas zombarias.

Até a vaca se negava a pular por cima dela ¹⁸.

Mas o frio era o que mais a incomodava. A ausência do sol a deixava com um persistente esfriamento. Nada de calor. Nada de resplendor. Seu agasalho não a ajudava. Não podia ajudar; o tremor vinha de dentro, um tremor gelado desde a profundidade de seu núcleo que a deixava com uma sensação de frio e solidão.

O qual representava exatamente sua condição.

Uma noite, enquanto olhava para as pessoas que caminhavam na escuridão, foi golpeada pela futilidade de tudo aquilo. Pensou no sol. *"Me dava tudo o que eu precisava. Cumpria um propósito. Sentia calor. Estava contente. Cumpria... cumpria o propósito para o qual fui criada"*.

De repente, sentiu aquele velho e conhecido calor. Virou-se, e ali estava o sol. Ele nunca tinha se mexido.

— Me alegra que esteja de volta — disse o sol —. Vamos trabalhar.

— Pois não! — aceitou a lua.

Tirou o agasalho. Voltou a ser redonda e se viu uma luz no céu escuro. Uma luz mais cheia. Uma luz ainda mais brilhante.

E até o dia de hoje, quando o sol brilha e a lua reflete e ilumina a escuridão, ela não se queixa nem fica ciumenta. Só faz o que sempre devia fazer.

A lua ilumina.

¹⁸ Em inglês, existe uma rima infantil que fala de uma vaca que pulou por cima da luz.

CAPÍTULO 17

O SEU SACO DE PEDRAS

Você tem uma. Uma sacola. Uma sacola de estopa. Talvez não esteja consciente dela, é possível que não lhe tenha falado nada a seu respeito. Talvez não se lembre dela. Porém, ela lhe foi entregue. Uma sacola. Uma sacola de tecido áspero e rústico.

Necessita da sacola para carregar as pedras. Rochas, lajes, seixos, pedregulhos. De todos os tamanhos. De todas as formas. Todas indesejadas.

Você não as solicitou. Não as procurou. Mas lhe foram dadas.

Não se lembra?

Algumas foram pedras de rejeição. Foi-lhe entregue uma aquela vez que não passou na teste. Não foi por falta de esforço. Só o céu sabe quando você praticou. Achou que era suficientemente bom para formar parte do time. Porém, o treinador, não. O instrutor, não. Pensou que era suficientemente bom, mas eles disseram que não era.

Eles, e quantos mais?

Não é necessário que viva muito tempo para obter uma coleção de pedras. Tira uma nota ruim. Toma uma decisão incorreta. Faz uma confusão. Lhe chamam com alguns nomes desagradáveis. Zombam de você. Abusam de você.

E as pedras não se detêm com a adolescência. Esta semana enviei uma carta a um homem desempregado que foi rejeitado em mais de cinquenta entrevistas.

E assim é que a sacola fica pesada. Pesada por causa das pedras. Pedras de rejeição. Pedras que nós não merecemos.

Junto com algumas que merecemos.

Olhe para o interior da sacola e verá que nem todas as pedras são de rejeições. Existe um segundo tipo de pedra. A do remorso.

Remorso pela vez que você ficou irado.

Remorso pelo dia em que você perdeu o controle.

Remorso pelo momento que você perdeu contra seu orgulho.

Remorso pelos anos em que você perdeu suas prioridades.

E até remorso pelo momento em que você perdeu sua inocência.

Uma pedra após outra, uma pedra de culpa após outra.

Com o tempo, a sacola fica pesada. Nos cansamos. Como pode ter sonhos para o futuro quando necessita de toda sua energia para levar o passado nas costas?

Com razão alguns parecem tão infelizes. A sacola atrasa o andar. A sacola raspa. Ajuda a explicar a irritação de tantos rostos, tantos passos arrastados, tantos ombros caídos e, acima de tudo, tantos atos desesperados.

Se consome pela necessidade de fazer o que quer que seja para conseguir um pouco de descanso.

Assim leva a sacola ao escritório. Determina trabalhar com tanto afinco para se esquecer dela. Chega cedo e fica até tarde. Os outros estão impressionados. Mas quando chega a hora de ir para casa, ali está a sacola... esperando que a carregue.

Carrega a sacola até a happy hour (hora feliz)¹⁹. Um nome como esse deve ser de algum alívio. De modo que apóia a sacola no chão, senta na banquetta e bebe alguns drinks. A música se torna forte e sua cabeça fica leve. Porém, então chega a hora de partir, olha para abaixo, e ali está a sacola.

Se arrasta até uma sessão de terapia. Senta no divã com a sacola a seus pés, e joga fora todas suas pedras sobre o chão, e chama a cada uma pelo seu nome. O terapeuta escuta. Simpatiza com você. Lhe são dados alguns conselhos úteis. Mas quando o tempo acaba, se vê obrigado a juntar as rochas e levá-las embora.

Se desespera tanto que decide tentar um encontro de fim de semana. Um pouco de excitação. Um abraço arriscado. Uma

¹⁹ Nos Estados Unidos dão esse nome a uma determinada hora na qual, em bares e lugares de comercialização de bebidas alcoólicas, as mesmas são vendidas a menor preço.

noite de paixão roubada. Por um momento, a carga se alivia. Mas logo acaba o fim de semana. O sol se põe no domingo e, esperando-o ao pé da escada de segunda-feira, se encontra... você adivinhou, sua sacola de remorsos e rejeições.

Há até quem leve a sacola até a igreja. Talvez a religião ajude, arrazoamos. Mas em vez de remover algumas pedras, algum pregador bem intencionado, porém mal direcionado, pode aumentar a carga. Os mensageiros de Deus às vezes machucam mais do que ajudam. E é possível que abandone a igreja carregando algumas pedras novas em sua sacola.

O resultado? Uma pessoa que se arrasta pela vida, carregada pelo passado. Não sei se você percebeu, porém é difícil ser respeitado quando carrega uma sacola de pedras. Fica difícil apoiar alguém, quando você mesmo está faminto de apoio. É difícil perdoar quando você se sente culpado.

Paulo fez uma observação interessante a respeito da forma como tratamos às pessoas. O disse em relação com o matrimônio, porém o princípio se aplica a qualquer relação: *"Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo"* (Efésios 5:28, ACF). Existe uma correlação entre o que sente a respeito de você mesmo e o que sente a respeito dos outros. Se você está em paz consigo mesmo, se você se ama, te dará bem com os outros.

O inverso também é verdade. Se você não se ama, se está triste, envergonhado ou irado, outros saberão. A parte trágica da história da sacola é que tendemos a jogar nossas pedras para os que amamos.

A não ser que o ciclo se interrompa.

O que nos conduz à pergunta: "De que modo pode uma pessoa obter alívio?"

O que, por sua vez, nos leva a uns dos versículos mais bondosos da Bíblia: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11:28-30, ACF).

Você sabia que eu ia dizer isto. Posso ver você segurando este livro enquanto balança sua cabeça: "Já tentei. Tenho lido a Bíblia, me sentei no banco da igreja... mas nunca recebi alívio".

Se esse é o caso, posso fazer uma pergunta delicada, porém deliberada? É possível que tenha se aproximado da religião, mas não de Deus? Será que congregou numa igreja, mas nunca viu a Cristo?

"Vinde a mim", diz o versículo.

É fácil ir ao lugar errado. Ontem eu fiz isso. Estava em Portland, Maine, preparado para pegar um avião para Boston. Aproximei-me do balcão, registrei minha bagagem, consegui minha passagem e me dirigi ao portão de embarque. Passei pela segurança, sentei e esperei que anunciassem o vôo. Esperei, e esperei, e esperei, e...

Finalmente, me aproximei do balcão para perguntar à funcionária o que acontecia. Ela olhou para mim e me disse: "Está no portão errado".

Pois bem, o que teria acontecido se eu tivesse protestado e gemido, dizendo: "Bom, parece que não existe um vôo para Boston. Creio que embarquei".

Você teria respondido: "Não está embarcado. Só está no portão errado. Vá até o correto e tente de novo".

Não é que não tenha tentado... Faz anos que tenta tratar com seu passado. Álcool. Relacionamentos extra-matrimoniais. Excesso de trabalho. Religião.

Jesus diz que Ele é a solução para o cansaço da alma.

Vá a Ele. Seja sincero com Ele. Admita que tem segredos da alma que nunca enfrentou. Ele já os conhece. Somente espera que lhe peça ajuda. Somente espera que lhe dê sua sacola.

Vá em frente. Se alegrará de tê-lo feito. (Os que estão perto de você também se alegrarão... fica difícil lançar pedras quando deixou sua sacola diante da cruz).

CAPÍTULO 18

SOBRE OZ E DEUS

Você, Dorothy de "O mágico de Oz" e eu... temos muito em comum.

Todos sabemos como é estar em terras distantes, rodeados de gente estranha.

Embora nosso caminho escolhido não esteja coberto de tijolos amarelos, continuamos esperando que nos conduza para casa.

As bruxas do leste desejam mais que nossos sapatos cor rubi.

E Dorothy não é a primeira pessoa a encontrar-se rodeada de gente carente de cérebro, coração e coluna vertebral.

Podemos compreender a Dorothy.

Mas quando Dorothy chega à Cidade Esmeralda, a comparação é incrível. Pois o que lhe disse o mágico, alguns pensam que é o que Deus diz a nós.

Você se lembra da trama. Cada uma das personagens principais se aproxima do mágico com alguma necessidade. Dorothy procura um caminho para casa. O espantalho deseja sabedoria. O homem de lata deseja um coração. O leão necessita de coragem. Segundo o que ouviram, o mágico de Oz pode conceder as quatro coisas. De modo que se aproximam. Tremendo e reverentes, se aproximam. Tremem em sua presença e ficam sem alento diante de seu poder. E juntando todo a coragem possível, lhe apresentam seus pedidos.

Sua resposta? Ele os ajudará depois que demonstrem que o merecem. Ele os ajudará tão logo como consigam vencer a fonte da maldade. Tragam-me a vassoura da bruxa, diz ele, e vou ajudá-los.

De modo que fazem isso. Escalam as paredes do castelo e destroem a bruxa e, no processo, fazem uns descobrimentos surpreendentes. Descubrem que podem vencer o mal. Descubrem que com um pouco de sorte e uma mente rápida

pode-se enfrentar o melhor que o pior tem para dar. E descobrem que podem fazer tudo isso sem o mágico.

O que é bom porque, quando regressam a Oz, os quatro descobrem que o mágico é um covarde. A cortina se abre e fica exposto o todo-poderoso. Aquele que adoravam e temiam era um professor careca e gordinho que pode montar um bom espetáculo de luzes, mas nada pode fazer para resolver seus problemas.

Contudo, ele mesmo se redime pelo que mostra a este grupo de peregrinos. (Esta é a parte que me faz pensar que o mágico porventura tenha percorrido alguns púlpitos antes de conseguir a posição de mágico). Ele diz a Dorothy e companhia que todo o poder que necessitam é o que já têm. Explica-lhes que o poder para solucionar seus problemas sempre havia estado com eles. Pois não tinham demonstrado sabedoria o espantalho, compaixão o homem de lata e valor o leão, quando enfrentaram a bruxa? E Dorothy não necessita a ajuda do todo-poderoso Oz; a única coisa de que precisa é um bom balão de ar quente.

O filme acaba quando Dorothy descobre que seu pior pesadelo na realidade era só um mau sonho. Que o seu lar, em algum lugar além do arco-íris se encontrava exatamente onde ela sempre tinha estado. E que é agradável contar com amigos em lugares elevados, mas que, no final das contas, cumpre a cada um encontrar o próprio caminho para casa.

A moral de "O mágico de Oz"? Tudo o que você pode chegar a precisar, já o tem.

O poder que necessita é na realidade um poder que você já tem. Só é necessário que o busque com a suficiente profundidade, o tempo necessário, e não haverá nada que não possa fazer.

Lhe parece familiar? Lhe parece patriótico? Lhe parece... cristão?

Durante anos pensei que o fosse. Sou rebento de uma robusta estirpe. Produto de uma trabalhadora cultura operaria que honrava a decência, a lealdade, o trabalho árduo e amava versículos da Bíblia como: "Deus ajuda a quem ajuda a si mesmo". (Não, você não vai encontrar isso na Bíblia).

"Deus o iniciou e agora devemos acabá-lo", era nosso lema. Ele tem feito a parte que lhe corresponde; agora nós fazemos a nossa. É uma proposta de cinquenta por cento cada um. Um programa "faça-você-mesmo" que enfatiza a parte que nos toca e não atribui a importância necessária à parte que corresponde a Deus.

"Bem-aventurados os ocupados", proclama esta teologia, "pois eles são os verdadeiros cristãos".

Na há necessidade do sobrenatural. Não há espaço para o extraordinário. Não há lugar para o transcendental. A oração vira algo simbólico. (A verdadeira força está dentro de você, não "lá em cima"). A comunhão se converte num ritual. (O verdadeiro herói é você, não Ele). E o Espírito Santo? Pois o Espírito Santo chega a ser algo que oscila entre uma boa disposição e uma atitude mental positiva.

É um enfoque que vê a Deus como quem deu corda ao mundo e foi embora. E a filosofia dá resultado... sempre que você trabalhe. Sua fé é forte, enquanto você seja forte. Sua posição é segura, enquanto você seja seguro. Sua vida é boa, enquanto você seja bom.

Mais, aí de nós, é aí onde reside o problema. Segundo disse o Mestre: "*Não há bom senão um só*" (Mt 19:17, ACF). Tampouco há ninguém que seja sempre forte; nem ninguém que sempre esteja seguro.

O cristianismo "faça-você-mesmo" não traz resultados de grande alento para o exausto e o cansado.

A auto-santificação aponta pouca esperança para o adicto.

"Esforce-se um pouco mais", pouco ânimo dá ao necessitado.

Em certo momento precisamos de algo mais que bons conselhos; necessitamos de ajuda. Em certo momento desta viagem para casa percebemos que uma proposta de cinquenta-cinquenta é insuficiente. Necessitamos mais... mais que um rechonchudo mágico que nos agradece por termos vindo, mas nos diz que a viagem foi desnecessária.

Necessitamos ajuda. Ajuda de dentro para fora. O tipo de ajuda que prometeu Jesus. "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará

outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará **em** vós" (João 14:16-17, ACF, ênfase do autor).

Observe as palavras finais do versículo e ao fazê-lo, perceba o lugar de moradia de Deus: "em vós".

Não perto de nós. Não acima de nós. Não em volta de nós. Mas sim em nós. Na nossa parte que nem sequer conhecemos. No coração que nenhum outro viu. Nos meandros ocultos de nosso ser mora não um anjo, não uma filosofia, não um gênio, mas sim Deus.

Imagine isso.

Quando minha filha Jenna tinha seis anos de idade, a encontrei de pé em frente a um espelho de corpo inteiro. Estava olhando dentro de sua garganta. Perguntei-lhe o que fazia e me respondeu: "Estou tentando ver se Deus está em meu coração".

Ri e me voltei, e depois consegui ouvir que lhe perguntava: "Estás aí dentro?". Quando não obtive resposta, se impacientou e falou por Ele. Com a voz mais grave que podia conseguir uma menina de seis anos disse: "Sim".

Ela formulou a pergunta correta: "Estás aí dentro?" Será que o que nos dizem é verdade? Não bastou que aparecesses numa sarça ou que morasses no templo? Não bastou que te convertesses em carne humana e caminhasses sobre a terra? Não bastou que deixasses tua palavra e a promessa da tua volta? Era necessário que fosses ainda mais longe? Devias estabelecer tua morada em nós?

"Ou não sabeis", escreveu Paulo, "que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo?" (1 Co 6:19, ACF).

Talvez não sabia. Talvez não sabia que Deus chegaria a tanto para assegurar sua chegada para casa. Se esse não é seu caso, obrigado por permitir que lhe fizesse lembrar.

O mágico diz: "Olhe dentro de você e encontre seu eu". Deus diz: "Olhe dentro de você e encontre a Deus".

O primeiro o levará a Kansas.

O último o levará ao céu.

Você escolhe.

CAPÍTULO 19

UM TRABALHO INTERNO

A tinta em aerossol não corrige a ferrugem.

Um curativo não eliminará um tumor.

Cera aplicada no exterior do carro não curará a "tosse" de um motor.

Se o problema está no interior, deverá entrar ali.

Aprendi isso esta manhã. Sai da cama cedo... muito cedo. Tão cedo que Denalyn tentou convencer-me a não ir para o escritório. "É meia-noite", murmurou, "E se um ladrão tenta forçar a entrada?"

Porém eu tinha estado de férias durante duas semanas e me sentia descansado. Meu nível de energia tinha uma altura similar à do monte de coisas para fazer que estava sobre minha escrivaninha, e assim, me dirigi até a igreja.

Devo confessar que as ruas vazias pareciam um tanto atemorizadoras. E tinha havido uma tentativa de forçar a entrada do escritório umas semanas antes. De modo que decidi ser muito cuidadoso. Entrei no complexo onde estava o escritório, desativei o alarme e voltei a ativá-lo para que soasse caso alguém tentasse entrar.

Brilhante, pensei.

Tinha estado sentado na minha escrivaninha só alguns segundos quando as sirenes uivaram. *Alguém está tentando entrar!* Corri pelo corredor até o alarme, o desliguei, voltei correndo para meu escritório e tecliei o 911 ²⁰. Depois de desligar

²⁰ Número para emergências nos Estados Unidos.

o telefone, pensei que os ladrões poderiam entrar antes da chegada da polícia. Voltei a cruzar o corredor correndo, e ativei de novo o sistema.

"Não me pegarão", murmurei desafiante ao marcar o código.

Quando me virei para voltar para o escritório, as sirenes voltaram a soar. Desativei o alarme e o reativei. Podia imaginar esses ladrões frustrados correndo até as sombras cada vez que disparava o alarme.

Caminhei até uma janela para ver se a polícia chegava. Quando o fiz, o alarme soou pela terceira vez. *Espero que a polícia chegue logo*, pensei ao voltar a desativar e ativar o alarme.

Dirigia-me outra vez para meu escritório quando, assim como estou contando, o alarme soou de novo. O desativei e fiz uma pausa. Um momento; este sistema de alarme deve estar quebrado.

Voltei para meu escritório para chamar a companhia de alarmes. "Que sorte a minha", pensei ao teclar o número, "de todas, tinha que ser esta noite que se estragasse o sistema de alarme".

— Nosso sistema de alarme dispara o tempo todo — disse ao homem que respondeu —. Ou temos uns ladrões decididos ou um mau funcionamento.

Desgostoso, tamborilei meus dedos sobre minha escrivadinha enquanto ele buscava nossa conta.

— É possível que exista outra opção — apontou ele.

— Que mais?

— Você sabia que seu edifício está equipado com detector de movimentos?

Aí, aí, aí.

Nesse instante vi as luzes do carro da polícia. Saí.

—Ehmm... Acredito que o problema é interno, não externo — lhes comuniquei.

Tiveram a amabilidade de não pedir detalhes e eu estava demasiado envergonhado para apontá-los. Mas aprendi uma lição: *não se pode corrigir um problema interno a partir de fora.*

Passei uma hora escondendo-me de ladrões inexistentes, culpando um sistema que não tinha falhado e solicitando ajuda que não precisava. Pensei que o problema estava lá fora. Sempre estive aqui dentro.

Sou o único que faz isso? Sou o único que culpa a uma fonte externa por um problema interno?

Os alarmes soam no seu mundo também. Talvez não com sinos e trombetas, mas com problemas e dor. Seu propósito é o de indicar o perigo iminente. Uma raiva é uma luz vermelha. A dúvida descontrolada é uma luz intermitente. Uma consciência culpada é um sinal de advertência que indica turbacão interna. Relações geladas são placas de anúncio que comunicam coisas que vão desde a negligência até o abuso.

Existem alarmes na sua vida. Como você responde quando soam? Seja sincero. Não houve vezes em que você foi lá fora buscando uma solução, quando deveria ter olhando para dentro?

Alguma vez jogou a culpa da sua condição em Washington?²¹ (Se baixassem as taxas dos impostos, meu negocio teria êxito). Culpou sua família pelo seu fracasso? (Mãe sempre amou mais a minha irmã). Acusou a Deus por causa dos seus problemas? (Se Ele é Deus, por que não salva meu matrimônio?). Culpou a igreja pela tua fé frágil? (Essas pessoas são um monte de hipócritas).

Me faz lembrar do golfista que estava a ponto de bater sua primeira bola do primeiro buraco. Balançou o taco e errou a bola. Voltou a tentar e outra vez bateu no ar. Tentou pela terceira vez que deu novamente no ar. Frustrado, olhou para seus companheiros e emitiu seu juízo: "Puxa, este é um campo difícil".

Puxa, é possível que ele tenha razão. O campo talvez fosse difícil. Porém esse não era o problema. É possível que você

²¹ N. da T. Provável alusão ao fato de ser Washington quem está nas notas de dólar mais comuns.

também tenha razão. Suas circunstâncias podem ser desafiadoras, mas culpar o de fora não é a solução. Também não o é ignorá-la. O céu sabe que não se desligam os alarmes da vida pretendendo que não façam barulho. Mas o céu também sabe que é sábio olhar para o espelho antes de espionar pela janela.

Considere a oração de Davi: "Cria **em mim**, ó Deus, um coração puro, e renova **em mim** um espírito reto" (Sl 51:10, ACF, ênfase do autor).

Leia o conselho de Paulo: "Fixa tua atenção em Deus. Serás mudado de **dentro para fora**" (Rm 12:2, The Message [tradução livre do inglês]).

Sobretudo, escute a explicação de Jesus: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3:3, ACF).

A mudança verdadeira é um trabalho interno. É possível que consiga modificar as coisas por um dia ou dois com dinheiro e sistemas, mas o miolo do assunto é e sempre será o assunto do coração.

Permita-me esclarecer. Nosso problema é o pecado. Não as finanças. Não os orçamentos. Não as prisões abarrotadas nem os traficantes de drogas. Nosso problema é o pecado. Estamos em rebelião contra nosso Criador. Estamos separados de nosso Pai. Estamos desconectados da fonte da vida. Um novo presidente ou política não corrigirão isso. Somente Deus pode resolvê-lo.

É por isso que a Bíblia utiliza termos drásticos como **conversão**, **arrependimento**, e **perdido** e **achado**. A sociedade pode renovar, porém só Deus **re-cria**.

Eis aqui um exercício prático para pôr em prática esta verdade. Na próxima vez em que soarem os alarmes em seu mundo, pergunte-se três coisas:

1. Existe em minha vida algum pecado sem confessar?

"Quando eu guardei silêncio, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não

encobri. Dizia eu: Confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado" (Sl 32:3-5, ACF).

(A confissão é contar a Deus que fez o que Ele o viu fazer. Ele não tem tanta necessidade de ouvi-lo como você de dizê-lo. Embora seja muito pequeno para mencioná-lo ou muito grande para perdoá-lo, não cabe a você decidir. O que lhe compete é ser sincero).

2. Existe em meu mundo algum conflito sem resolver?

"Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta" (Mt 5:23-24, ACF).

(Segundo eu sei, esta é a única vez que Deus lhe diz para sair antes da hora da igreja. Ao que parece, prefere que entregue o seu ramo de oliveira antes que o seu dízimo. Se estiver adorando e lembrar que sua mãe está aborrecida com você por ter esquecido do aniversário dela, levante-se do banco e procure um telefone. Talvez lhe perdoe; talvez não. Mas pelo menos poderá voltar ao seu assento com a consciência tranqüila).

3. Há em meu coração alguma preocupação não rendida ao Senhor?

"Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1 Pe 5:7, ACF).

(A palavra alemã que se traduz por "ansiedade" significa "estrangular". A palavra grega significa "dividir a mente". Ambas são precisas. A ansiedade é uma corda no pescoço e uma distração da mente, nenhuma das quais é propícia para o gozo).

Os alarmes cumprem um propósito. Indicam um problema. Às vezes o problema está lá fora. Com maior freqüência está dentro. De modo que antes de espionar para fora, dê um bom olhar para dentro.

CAPÍTULO 20

AS BOAS NOTÍCIAS DA MEIA-NOITE

As notícias da meia-noite constituem um sedativo pouco eficaz.

Assim me aconteceu ontem à noite. A única coisa que me interessava era o nível de alergênicos no ar e os resultados do basquete. Mas para obtê-los, tive que suportar o monólogo costumeiro de miséria global. E ontem à noite o mundo parecia estar pior que de costume.

Em geral não me altera tanto olhar as notícias. Não sou do tipo depressivo e fatalista. Me sinto tão capaz como qualquer um de encarar a tragédia humana com uma dose de fé. Porém ontem... veja, o mundo parecia tenebroso.

Talvez fosse devido às crianças assassinadas ao passar por um tiroteio... um era de seis, o outro de dez anos.

Talvez tenha sido pelo anúncio alentador de que vinte e seis mil pontes em estradas importantes dos Estados Unidos estão à beira do colapso.

Nosso Ministro de Saúde, que se opõe ao fumo, deseja legalizar as drogas.

Uma estrela multimilionária do rock é acusada de abuso infantil. Um senador é acusado de seduzir associadas, outro de alterar procedimentos eleitorais.

Uma figura política em ascensão na Rússia ganhou o apelido de "Hitler".

Motoristas automobilísticos armados apresentam um novo adesivo de pára-choques: "Continue buzinando. Estou recarregando".

A dúvida nacional é mais profunda. Nossos impostos são mais elevados, o nível de alergias se elevou e os Mavericks de Dallas perderam seu décimo quinto jogo consecutivo.

"E assim está o mundo esta noite!", anuncia o homem bem vestido. Me pergunto por que ele sorri.

Ao ir para a cama, entro nos quartos de minhas três filhas que dormem. Junto à cama de cada uma me detenho e pondero sobre o seu futuro. "O que será que te espera?", sussurro enquanto passo a mão pelos seus cabelos e acomodo os cobertores.

Suas preocupações maiores de hoje são provas de matemática, presentes e festas de aniversário. Tomara que seu mundo permanecesse sempre tão inocente. Não será assim. Os bosques lançam sombras sobre cada caminho e os precipícios beiram a cada curva do caminho. Cada vida tem sua quota de medo. Minhas filhas não são exceção.

Também não seus filhos. E por muito atraentes que possam parecer uma ilha deserta ou um mosteiro, a reclusão simplesmente não é a resposta para enfrentar um amanhã atemorizante.

Qual será então a resposta? Existe alguém que tem a mão sobre o acelerador deste trem, ou será que o motorista pulou antes de aparecer a curva da morte?

É possível que tenha achado parte da resposta, embora pareça incrível, no primeiro capítulo do Novo Testamento. Frequentemente me pareceu estranho que Mateus iniciasse seu livro com uma genealogia. Sem dúvida não é bom jornalismo. Uma lista de quem gerou quem não conseguiria passar por muitos editores.

Mas por outro lado, Mateus não era jornalista e o Espírito Santo não tentava captar nossa atenção. Estava destacando um ponto. Deus tinha prometido que proveria um Messias por meio da descendência de Abraão (Gênesis 12:3), e assim o fez.

"Você tem dúvidas sobre o futuro?", pergunta Mateus. "Dê simplesmente uma olhada no passado". E com isso abre o cofre da linhagem de Jesus e começa a tirar os panos ao sol.

Acredite, você e eu teríamos guardado algumas dessas histórias no guarda-roupa. A linhagem de Jesus não parece em

nada com a lista do Instituto para aureolas e harpas. Parece mais com a lista dominical de ocupantes do cárcere do condado.

Inicia-se com Abraão, o pai da nação, que mais de uma vez mentiu como Pinóquio com a única finalidade de salvar seu pescoço (Gênesis 12:10-20).

Jacó, o neto de Abraão, era mais trapaceiro que um expert em baralhos de Las Vegas. Enganou seu irmão, mentiu para seu pai, foi logrado e depois trapaceou a seu tio (Gênesis 27:29).

Judá, o filho de Jacó, estava tão cegado pela testosterona que alugou os serviços de uma prostituta, sem saber que era sua nora! Quando soube de sua identidade, ameaçou queimá-la por prostituição (Gênesis 38).

Faz-se uma menção especial à mãe de Salomão, Bate-Seba (que tomava banho em lugares duvidosos) e do pai de Salomão, Davi, o qual observou o banho de Bate-Seba (2 Samuel 11:2-3).

Raabe era uma prostituta (Josué 2:1). Rute, uma estrangeira (Rute 1:4).

Manassés forma parte da lista, e obrigou seus filhos a passar pelo fogo (2 Reis 21:6). Seu filho Amom está na lista, ainda que tenha rejeitado a Deus (2 Reis 21:22).

Parece que quase a metade dos reis eram trapaceiros, outro tanto embusteiros e todos, exceto um punhado deles, adoravam um ídolo ou, como se isso fosse pouco, dois ídolos.

E assim se compõe a lista dos não tão maravilhosos bisavôs de Jesus. Aparentemente o único laço comum entre este grupo era uma promessa. Uma promessa do céu de que Deus os usaria para enviar seu Filho.

Por que Deus usou estas pessoas? Não era necessário que o fizesse. Poderia ter colocado simplesmente o Salvador diante de alguma porta. Teria sido mais simples dessa forma. E por que Deus nos relata suas histórias? Por que Deus nos dá um testamento completo de faltas e tropeços de seu povo?

Simple. Sabia que você e eu vimos as notícias ontem à noite. Sabia que ficaríamos agitados. Sabia que nos preocuparíamos. E

quer que saibamos que quando o mundo enlouquece, Ele permanece em calma.

Você quer provas? Leia o último nome da lista. Apesar de todas as auréolas tortas e as cambalhotas de mau gosto de seu povo, o último nome da lista é o primeiro que foi prometido: Jesus.

"José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo" (Mateus 1:16, ACF).

Ponto. Não se enumeram mais nomes. Não são mais precisos. Como se Deus anunciasse a um mundo hesitante: "Vejam, eu o fiz. Assim como prometi que o faria. O plano teve êxito".

A fome não pôde matá-lo de fome.

Quatrocentos anos de escravidão egípcia não puderam oprimi-lo.

As peregrinações pelo deserto não puderam perdê-lo.

O cativo babilônico não pôde detê-lo.

Os peregrinos com pés enlameados não puderam arruiná-lo.

A promessa do Messias vai enfiando quarenta e duas gerações de pedras em bruto, até formar um colar digno do Rei que veio. Assim como prometeu.

E a promessa continua de pé.

"Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo" (Mateus 24:13, ACF).

"No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33, ACF).

O motorista não abandonou o trem. A guerra nuclear não é uma ameaça para Deus. as economias não intimidam os céus. Líderes mortais jamais descarrilaram o plano.

Deus cumpre sua promessa.

Observe você mesmo. No presépio. Ali está Ele.

Observe você mesmo. No túmulo. Ele foi embora.

CAPÍTULO 21

HÁBITOS SAUDÁVEIS

Me agrada a história do menino que caiu da cama. Quando sua mãe lhe perguntou o que tinha acontecido, ele respondeu: "Não sei. Acho que fiquei muito perto do lugar por onde entrei".

É fácil fazer o mesmo com nossa fé. É tentador permaneceremos no exato lugar por onde entramos e nunca mexer-nos.

Escolha um momento do passado não muito remoto. Um ano ou dois atrás. Agora formule-se umas poucas perguntas. Como se compara sua vida de oração atual com a daquele tempo? E o que dá? Incrementou tanto a quantidade como o gozo? E a sua lealdade para a igreja? Pode notar que cresceu? E seu estudo bíblico? Estás aprendendo a aprender?

"**Cresçamos** em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (Efésios 4:15, ACF, ênfase do autor).

"Deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à **perfeição**" (Hebreus 6:1, ACF, ênfase do autor).

"Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades **crescendo**" (1 Pedro 2:2, ênfase do autor).

"Antes **crescei** na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo" (2 Pedro 3:18, ACF, ênfase do autor).

O crescimento é um objetivo do cristão. A maturidade é um requisito. Se uma criança deixasse de desenvolver-se, o pai se preocuparia, não é verdade? Consultaria os médicos. Seriam feitos exames de laboratório. Quando o crescimento de uma criança se detém, alguma coisa anda mal.

Quando um cristão deixa de crescer, precisa de ajuda. Se você é o mesmo cristão de alguns meses atrás, cuidado. Seria sábio de tua parte fazer uma checagem. Não do seu corpo, mas sim do seu coração. Não física, mas espiritual.

Posso sugerir uma?

Arriscando parecer um pregador, o qual sou, posso fazer uma sugestão? Por que não revisa os seus hábitos? Embora existam muitos hábitos negativos, também existem muitos positivos. Aliás, posso achar quatro na Bíblia. Adote-os como atividades regulares e observe o que acontece.

Primeiro, o hábito da oração: "Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, **perseverai na oração**" (Romanos 12:12, ACF, ênfase do autor).

Quer saber como aprofundar sua vida de oração? Ora. Não se prepare para orar. Simplesmente ore. Não leia sobre a oração. Simplesmente ore. Não assista a discursos a respeito da oração nem participe de palestras referentes à oração. Simplesmente ore.

A postura, o tom e o lugar são assuntos pessoais. Escolha a forma que dê resultado para você. Mas não pense demais. Não te preocupe tanto com a embalagem do presente, a ponto de nunca chegar a entregá-lo. É melhor orar com lerdeza que nunca fazê-lo.

E se sente que só deve orar quando esteja inspirado, está bem. Somente assegure-se de estar inspirado todos os dias.

Em segundo lugar, o hábito do estudo: "Aquele que atenta para a lei perfeita (...) e adota o **hábito** de assim fazê-lo, não é um que ouve e esquece. Põe em prática essa lei e obtém a verdadeira felicidade" (Tg 1:25, Phillips [tradução livre do inglês], ênfase do autor).

Imagine que está decidindo o que comerá num restaurante de self-service. Escolhe sua salada, escolhe seu prato principal, porém quando chega aos vegetais, vê uma travessa de algo que te revira o estômago.

— Eca! O que é isso? — pergunta, apontando-o.

— Veja, nem queira saber — responde com um pouco de vergonha um dos que servem.

— Não, eu quero saber.

— Bem, já que insiste. Alguns preferem engolir o que outros já mastigaram.

Repulsivo? É mesmo. Mas difundido. Mais do que você pode imaginar. Não com a comida do restaurante, mas sim com a Palavra de Deus.

Tais cristãos têm boas intenções. Escutam com atenção. Porém discernem pouco. Conformam-se em engolir o que lhes dizem para engolir. Com razão deixaram de crescer.

Em terceiro lugar, o hábito de dar: "No **primeiro dia da semana** cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade" (1 Coríntios 16:2, ACF, ênfase do autor).

O dar não é para o bem de Deus. Você dá para seu próprio bem. "O propósito de dizimar é para ensinar-nos a colocar sempre a Deus em primeiro lugar em nossas vidas" (Deuteronomio 14:23, The Living Bible [tradução livre do inglês]).

De que modo o dízimo lhe ensina? Considere o simples ato de preencher um cheque para a oferta. Primeiro escreve a data. Isso já lhe lembra que você é uma criatura limitada pelo tempo e que cada posse que tem enferrujará ou queimará. O melhor é dá-lo enquanto pode.

Depois escreve o nome daquele a quem entregará o dinheiro. Se o banco pagasse, escreveria: Deus. Porém, eles não pagariam, então escreve o nome da igreja ou grupo que ganhou a sua confiança.

Continuando, você escreve o valor. Aaahhh, o momento da verdade. Você é mais que uma pessoa com talão de cheques. Você é Davi, que coloca uma pedra no estilingue. É Pedro, com um pé sobre o barco, o outro sobre a água. É uma pequena criança numa grande multidão. Um almoço de piquenique é só o que precisa o Mestre, mas é tudo quanto você tem.

O que fará?

Lançará a pedra?

Dará o passo?

Entregará a comida?

Com cuidado, não se mexa com muita rapidez. Não está escrevendo uma simples quantia... está fazendo uma declaração. Uma declaração que diz que, enfim, tudo pertence a Deus.

E depois, a linha situada no setor inferior esquerdo onde se especifica para o que é o cheque. Difícil saber o que escrever. É para conta de eletricidade e literatura. Um pouco para extensão do Evangelho. Um pouco para salário.

Melhor ainda, é um pagamento parcial pelo que a igreja tem feito para ajudá-lo na educação de sua família... a manter em ordem suas prioridades... a sintonizar-se a sua presença.

Ou, talvez, o melhor de tudo, é para você. Pois ainda que seja um presente de Deus, o benefício é para você. É o momento indicado para que corte um outro filamento da corda que o sujeita à terra, para que quando Ele volte você não esteja amarrado.

E por último, o hábito da comunhão com outros: "Não abandonemos o **hábito** de reunir-nos, como fazem alguns. Em vez disso, animemo-nos uns aos outros" (Hebreus 10:25, TEV [tradução livre do inglês], ênfase do autor).

Escrevo este capítulo em um sábado pela manhã em Boston. Vim para cá convidado como orador para uma conferência. Depois de cumprir com meu compromisso ontem à noite, fiz algo muito espiritual: assisti a um jogo de basquete dos Boston Celtics. Não pude resistir. Boston Gardens é um estádio que tinha desejado conhecer desde a minha infância. Além disso, Boston jogava contra meu time preferido: os Santo Antônio Spurs.

Ao ocupar meu assento, pensei que talvez era o único simpatizante dos Spurs presente nessa multidão. Seria sábio manter-me em silêncio. Mas isso era difícil de fazer. Me contive por alguns minutos, mas nada mais. Ao finalizar o primeiro quarto estava deixando escapar solitários gritos de júbilo cada vez que os Spurs marcavam um ponto.

As pessoas estavam começando a virar-se e olhar para mim. É um assunto arriscado, esta rotina da voz no deserto.

Foi nesse momento que percebi que tinha um amigo do outro lado do corredor. Ele, também, aplaudia os Spurs. Quando eu aplaudia, ele também. Tinha um companheiro. Nos alentamos um ao outro. Senti-me melhor.

Ao finalizar o primeiro quarto lhe fiz um sinal com o dedo polegar levantado. Respondeu-me da mesma forma. Era só um adolescente. Não tinha importância. Nos unia o laço mais elevado da camaradagem.

Esse é um dos propósitos da igreja. Toda a semana você anima o time visitante. Aplauda o êxito dAquele a quem o mundo se opõe. Fica em pé quando todos os outros permanecem sentados e se senta quando todos os outros se levantam.

Em algum momento você necessita de apoio. Precisa estar com pessoas que demonstrem seu júbilo quando você também o faz. Precisa o que a Bíblia denomina **comunhão**. E o necessita a cada semana. Depois de tudo, só pode agüentar um pouco de tempo antes de considerar unir-se à multidão.

Ai estão. Quatro hábitos que vale a pena adotar. Não é agradável que alguns hábitos sejam bons para você? Faça deles parte da sua vida e crescimento. Não cometa o erro do pequeno menino. Não permaneça perto demais do lugar por onde entrou. É arriscado descansar na beirada.

CAPÍTULO 22

DFW E O ESPÍRITO SANTO

O aeroporto internacional de Dallas-Fort Worth pode ser fatal. Não tem corredores... tem catacumbas. Os vestíbulos desembocam em labirintos. Sabe-se de pessoas que entram no aeroporto e nunca mais conseguem sair de lá.

Os viajantes freqüentes se distinguem facilmente dos que o fazem pela primeira vez. São os que levam mochilas, bússolas, cantis e bengalas. Os novatos têm os rostos pálidos, os olhos escurecidos e olhares perdidos.

Uma das primeiras vezes em que tive que atravessar esse labirinto foi numa viagem de regresso do Brasil. Tinha viajado a noite toda e estava um pouco ansioso por lograr efetuar minhas conexões. Detive uma família de cinco integrantes e lhes perguntei onde poderia obter informação. Os pais me olharam como se fossem os únicos sobreviventes de um desastre nuclear.

A mãe levantou três dedos e suspirou: "Três dias já que estamos aqui e ainda não conseguimos encontrar nosso vô de conexão".

Engoli em seco. O pai me perguntou se podia dar-lhe cinco dólares para comprar uma pizza para seus filhos. Entreguei-lhe o dinheiro e me indicou o caminho para um mapa do aeroporto.

Ele era fácil de achar; cobria uma parede inteira. Quando encontrei a placa que dizia "Você está aqui", comecei a procurar o portão de saída de meu próximo vô. Quando vi onde me achava em relação a onde eu devia estar, voltei a engolir. A cruzada dos Apalaches teria sido mais fácil.

Porém não havia outra possibilidade. Inspirei profundamente, peguei minha maleta de mão, minha mala na outra e me dirigi rumo ao portão 6,690.

O chão estava coberto de bolsas de viagem abandonadas por peregrinos esgotados. As pessoas caíam à minha direita e à minha esquerda. Migrantes de aeroporto sobrevoavam em volta dos bebedouros como o faziam em volta de um oásis. Havia viajantes que brigavam pelos carrinhos porta-bagagem.

Comecei a perguntar-me se conseguiria. Três horas depois de iniciada minha travessia, começaram a doer-me os joelhos. Cinco horas depois minhas mãos estavam machucadas devido à bagagem que carregava. Completadas sete horas, comecei a sofrer alucinações, em que aparecia o número do portão de meu vô no horizonte, para logo começar a ondular e desaparecer enquanto me aproximava dele.

Ao completar dez horas, tinha descartado minha mala e levava unicamente minha maleta de mão. Estava a ponto de desfazer-me dela quando ouvi vozes de júbilo.

Provinham do corredor que estava mais adiante. As pessoas gritavam. Algumas corriam.

De que se tratava? O que podia avivar a esperança desta fileira de peregrinos desesperançados? A visão de que coisa podia fortalecer estas pernas exaustas? Um hotel: um restaurante vazio? Um vôo disponível?

Não, era algo muito melhor. Ao virar na esquina, o vi. Meu rosto se iluminou como o céu noturno do quatro de julho²². Tirei o lenço da cabeça e sequei a testa. Endireitei as costas. Acelerei o passo. Meu coração levantou vôo. Agora, sabia que conseguiria.

Pois ali, à distância, coberto de luzes banhado de ouro, havia uma esteira rolante para transportar pessoas.

Uma esteira rolante. O caminho de tijolos amarelo do aeroporto. É uma ponte que cruza o Jordão. É a carreira declive abaixo do maratonista, o quarto final para o atleta, o cheque de salário do trabalhador, o manuscrito final para o escritor.

A esteira rolante, uma senda de descanso progressivo. Enquanto você está sobre ela, não necessita mover-se, e ainda assim se mexe! E enquanto você recupera o alento, a fita transporta seu corpo.

Mas também é uma senda de movimento multiplicado. Pois ao começar a caminhar sobre ela, cada passo é o duplo. O caminho impulsor transforma em dois cada passo que você dá. O que teria levado horas, leva minutos.

E como a esteira rolante muda a sua atitude. Na verdade o faz assobiar enquanto caminha. A fadiga ficou no esquecimento. Acabou o galope. As tropas de viajantes se saúdam entre si.

E o que é mais importante, você se atreve a voltar a acreditar que alcançará o seu destino.

Pode ser que talvez eu tenha exagerado um pouco esse assunto do aeroporto.

²² Dia da Independência dos Estados Unidos, no qual o céu se ilumina com fogos artificiais.

Mas não seria possível jamais exagerar o poder da descoberta de forças para a travessia. O que descobri acerca do DFW é o que você descobriu acerca da vida. Seja qual for o meio de transporte, a travessia pode acabar sendo exaustiva. Não seria maravilhoso descobrir uma esteira rolante para o coração?

Paulo a achou. Veja, ele não a chamou assim. Mas, por outro lado, nunca esteve no DFW. O que disse, contudo, é que existe um poder que opera dentro de você quando você age. *"A quem [Jesus] anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente"* (Colossenses 1:28-29, ACF).

Observe o objetivo de Paulo, *apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo*. Paulo sonhava acerca do dia em que cada pessoa estivesse segura em Cristo. Qual era seu método? *Exortação e ensino*. Suas ferramentas? Verbos. Substantivos. Orações. Lições. A mesma equipe da qual dispomos você e eu. Não houve muita mudança, não acha?

Era mais fácil naquele tempo do que agora? Acredito que não. Paulo o chamava trabalho. *"Com esse fim trabalho"*, escreveu. Trabalho significa visitar lares, ensinar às pessoas, preparar aulas.

Como o fazia? Qual era a fonte de sua força? Trabalhava com *"a força de Cristo que opera em mim poderosamente"*.

Ao trabalhar Paulo, também o fazia Deus. Enquanto Paulo trabalhava, também o fazia o Pai. Ao trabalhar você, também o faz o Pai. Cada passo se multiplica. Os dividendos divinos se pagam. Igual à esteira rolante, Deus dá a energia para nossos esforços. E igual à esteira rolante, Deus nos leva para adiante. E até quando estamos muito cansados para caminhar, se assegura que estejamos avançando.

Assim que a próxima vez que necessite descansar, repouse. Ele te manterá orientado no sentido correto. E a próxima vez que consiga avançar... agradeça a Ele. Ele é quem aporta o poder.

E a próxima vez que desejes dar-se por vencido? Não o faça. Por favor, não o faça. Vire na próxima esquina. Talvez o surpreenda o que vai encontrar ali.

Além disso, o espera um vôo rumo ao lar que não desejará perder.

CAPÍTULO 23

O DEUS QUE PELEJA POR VOCÊ

Eis aqui uma grande pergunta. O que é que Deus está fazendo quando você está em dificuldades? Quando o bote salva-vidas começa a fazer água? Quando se rompe a corda do pára-quedas? Quando acaba o último centavo antes de terminar de pagar as contas? Quando a última esperança parte no último trem? O que Deus está fazendo?

Sei o que nós estamos fazendo. Roendo as unhas como se fossem espigas de milho. Caminhando como leão enjaulado. Tomando comprimidos. Sei o que nós fazemos.

Mas o que Deus faz? Grande interrogação. Muito grande. Se Deus estiver dormindo, estamos fritos. Se estiver rindo, estou perdido. Se estiver de braços cruzados enquanto move a cabeça, então fará cair o galho. Querida, chegou a hora de aterrissar.

O que Deus está fazendo?

Pois bem, decidi investigar essa pergunta. Como sou um pesquisador esperto, descobri uns escritos antigos que talvez respondam esta pergunta. Poucos sabem disto, aliás, ninguém sabe que os jornalistas percorriam as terras da época do Antigo Testamento.

Sim, é verdade que nos dias de Noé, Abraão e Moisés, os jornalistas apareciam com rapidez na cena para registrar o drama de seus dias. E agora, pela primeira vez, seus artigos se revelarão.

Como os descobrir?, perguntarão vocês.

Bom, os descobri prensados entre as páginas da revista da linha aérea num vôo que partia de Sheboygan, Wisconsin. Só posso deduzir que um arqueólogo corajoso os havia escondido para proteger-se diante do perigo iminente de malvados espiões. Nunca saberemos se sobreviveu. Porém sabemos o que descobriu: antigas entrevistas jornalísticas a Moisés e Jeosafá.

De modo que fazendo uma vênua pelo seu valor e sentindo fome pela verdade, com orgulho relato conversas até agora desconhecidas com dois homens que responderão à pergunta: O que faz Deus quando estamos em dificuldades?

A primeira entrevista é entre a "Imprensa da Terra Santa" (ITS) e Moisés.

ITS: Conte-nos acerca de seu conflito com os egípcios.

MOISÉS: Ah, os egípcios... Gente grande. Fortes guerreiros. Malvados como serpentes.

ITS: Mas você escapou.

MOISÉS: Não antes que fossem engolidos pela água.

ITS: Você se refere ao conflito do Mar Vermelho.

MOISÉS: É mesmo. Isso foi atemorizante.

ITS: Conte-nos o que aconteceu.

MOISÉS: Veja só, o Mar Vermelho se encontrava de um lado e os egípcios do outro.

ITS: Então atacaram?

MOISÉS: Tá brincando? Com meio milhão de empilhadores de pedras? Não, meu povo tinha demasiado medo. Desejava voltar para o Egito.

ITS: E você falou para eles retrocederem?

MOISÉS: Para onde? Para a água? Não tínhamos bote. Não tínhamos para onde ir.

ITS: O que recomendavam seus líderes?

MOISÉS: Não lhes perguntei. Não havia tempo.

ITS: Então, o que você fez depois?

MOISÉS: Disse ao povo para ficarem quietos.

ITS: Você quer dizer que, sabendo que vinha o inimigo, ordenou a eles que não se mexessem?

MOISÉS: Sim. Lhes disse: "Não temais; estai quietos, e vede o livramento do SENHOR, que hoje vos fará" (Êx 14:13, ACF).

ITS: Por que queria que o povo ficasse quieto?

MOISÉS: Para que não estorvassem a Deus. Se você não sabe o que fazer, o melhor é ficar quieto até que Ele faça sua parte.

ITS: Essa é uma estratégia estranha, não é?

MOISÉS: Sim, é, se você tem o tamanho adequado para a batalha. Porém quando a batalha é maior que você, e deseja que Deus se encarregue, é a única coisa que se pode fazer.

ITS: Podemos falar de outra coisa?

MOISÉS: O jornal é seu.

ITS: Pouco tempo depois de sua fuga...

MOISÉS: Nossa libertação.

ITS: Qual a diferença?

MOISÉS: Existe uma grande diferença. Quando foge, é *você* que o faz. Quando é libertado, outra pessoa o faz e você só a segue.

ITS: Bem, pouco depois de sua libertação, pelejaram com os amo... ehh... amala... Deixa eu ver, aqui o tenho...

MOISÉS: Os amalequitas.

ITS: Isso, os amalequitas.

MOISÉS: Gente grande. Fortes guerreiros. Malvados como serpentes.

ITS: Porém vocês ganharam.

MOISÉS: Deus ganhou.

ITS: Está bem, Deus ganhou, mas você fez o trabalho. Pelejou a batalha. Você esteve no campo de batalha.

MOISÉS: Você está errado.

ITS: Como? Você não estava na batalha?

MOISÉS: Não nessa. Enquanto o exército pelejava, levei meus amigos Arão e Hur para cima de uma colina e pelejamos lá de cima.

ITS: Entre vocês?

MOISÉS: Contra a escuridão.

ITS: Com espadas?

MOISÉS: Não, com oração. Simplesmente levantei minhas mãos a Deus, como fiz diante do Mar Vermelho, só que desta vez esqueci minha vara. Quando levantava minhas mãos, ganhávamos, porém quando as abaixava, perdíamos. Então pedi a meus amigos que me sustentassem os braços até que os amalequitas fossem história, e assim ganhamos.

ITS: Espere um segundo. Você acha que o ficar de pé numa colina com suas mãos ao alto fez uma diferença?

MOISÉS: Não vê nenhum amalequita por aqui, vê?

ITS: Não lhe parece estranho que o general do exército permaneça sobre uma colina enquanto os soldados pelejam no vale?

MOISÉS: Se a batalha tivesse sido no vale, ali eu teria estado; porém não era ali onde se desenvolvia a luta.

ITS: Estranha estratégia a tua.

MOISÉS: Quer dizer que se seu pai fosse maior que a pessoa que bate em você, não o chamaria?

ITS: O que?

MOISÉS: Se um cara o sujeita contra o chão e bate em você, e seu pai está a uma distância que possa ouvi-lo e lhe disse para chamá-lo sempre que precise de sua ajuda, o que faria?

ITS: Chamaria meu pai.

MOISÉS: Pois foi o que eu fiz. É só o que eu faço. Quando a batalha é muito grande, peço a Deus que se ocupe dela. Chamo o Pai para que peleje por mim.

ITS: E vem?

MOISÉS: Você viu ultimamente algum judeu construindo pirâmides?

ITS: Deixe-me ver se entendi bem. Uma vez você vence o inimigo ficando quieto, e outra vez ganha a batalha levantando os braços. De onde tirou tudo isso?

MOISÉS: Bom, se lhe falasse, não acreditaria.

ITS: Tente.

MOISÉS: Pois veja, havia uma sarça ardente e me falou...

ITS: Pára, pára. Talvez tenha razão. Deixemos isso para um outro dia.

A segunda entrevista nos adianta um par de séculos na história. Aqui encontramos o rei Jeosafá numa entrevista de pós-guerra com a "Crônica de Jerusalém" (CJ), no campo de batalha de Sis.

CJ: Felicitações, Rei.

JEOSAFÁ: Por quê?

CJ: Acaba de derrotar a três exércitos ao mesmo tempo. Derrotou os moabitas, os amonitas e os do monte de Seir.

JEOSAFÁ: Aí, eu não fiz isso.

CJ: Não seja tão modesto. Diga-nos o que pensa a respeito destes exércitos.

JEOSAFÁ: Gente grande. Fortes guerreiros. Malvados como serpentes.

CJ: Que sentiu ao saber que se aproximavam?

JEOSAFÁ: Tive medo.

CJ: Porém o controlou com bastante calma. Essa sessão de estratégia com seus generais deve ter dado resultado...

JEOSAFÁ: Não tivemos sessão nenhuma.

CJ: Não tiveram uma reunião nem uma estratégia?

JEOSAFÁ: Nenhuma das duas.

CJ: O que você fez?

JEOSAFÁ: Perguntei a Deus o que fazer.

CJ: E o que Ele disse?

JEOSAFÁ: A princípio nada, então fiz que algumas pessoas falassem junto comigo.

CJ: Seu gabinete realizou uma sessão de oração?

JEOSAFÁ: Não, minha nação jejuou.

CJ: Toda a nação?

JEOSAFÁ: Pelo que sei, todos exceto você.

CJ: Eeehhh... Bom, o que você disse a Deus?

JEOSAFÁ: Bom, dissemos a Ele que era o Rei e que aceitávamos qualquer coisa que desejasse fazer, mas que, se não se incomodava, gostaríamos de receber Sua ajuda para resolver um grande problema.

CJ: E *nesse momento* foi que realizaram sua sessão de estratégia.

JEOSAFÁ: Não.

CJ: O que fizeram?

JEOSAFÁ: Ficamos de pé diante de Deus.

CJ: Quem?

JEOSAFÁ: Todos nós. Os homens. As mulheres. Os bebês. Todos ficamos de pé e esperamos.

CJ: E, entretanto, o inimigo fazia o que?

JEOSAFÁ: Aproximava-se.

CJ: Foi nesse momento que animou o povo?

JEOSAFÁ: Quem lhe disse que eu animei o povo?

CJ: Bom, simplesmente supus...

JEOSAFÁ: Em nenhum momento eu falei nada para meu povo. Só me mantive atento. Depois de um tempo, um jovem de nome Jaaziel alçou a voz e disse que o Senhor havia falado para que não desanimássemos nem temêssemos, porque a batalha não era nossa, mas sim dEle.

CJ: Como soube que falava de parte de Deus?

JEOSAFÁ: Quando alguém passa tanto tempo como eu falando com Deus, aprende a reconhecer sua voz.

CJ: Incrível.

JEOSAFÁ: Não, sobrenatural.

CJ: Então atacaram?

JEOSAFÁ: Não, Jaaziel disse: "Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão; pois a peleja não é vossa, mas de Deus".(2 Cr 20:15, ACF).

CJ: Em alguma parte já ouvi isso.

JEOSAFÁ: É de Moisés.

CJ: Então atacaram?

JEOSAFÁ: Não, então cantamos. Quer dizer, alguns cantaram. Não sou muito afinado, assim que inclinei meu rosto e orei. Deixei que os outros cantassem. Temos um grupo, os levitas, que verdadeiramente sabem cantar.

CJ: Um momento. Sabendo que o exército se aproximava... cantaram?

JEOSAFÁ: Algumas canções. Depois eu disse ao povo que fosse forte e tivesse fé em Deus e depois marchamos ao campo de batalha.

CJ: E você dirigiu o exército?

JEOSAFÁ: Não, colocamos os cantores na frente. E enquanto marchávamos, eles cantavam. E enquanto cantávamos, Deus colocava armadilhas. E quando chegamos ao campo de batalha, o inimigo estava morto. Isso foi há três dias. Levamos todo esse tempo para limpar a área. Hoje voltamos para levar a cabo outra

reunião de adoração. Venha aqui, quero que ouça como cantam estes levitas. Aposto dez siclos que não pode permanecer sentado cinco minutos...

CJ: Espere. Não posso escrever essa história. É demasiado estranha. Quem vai acreditar?

JEOSAFÁ: Simplesmente escreva. Os que tenham problemas que podem resolver por conta própria rirão. E os que tenham problemas que só podem ser resolvidos com a ajuda de Deus, orarão. Deixe que eles decidam. Vamos, a banda está afinando os instrumentos. Não vai querer perder a primeira canção.

O que você acha então? Que faz Deus quando nos encontramos em dificuldades? Se Moisés e Jeosafá nos servem de ilustração, essa pergunta pode ser respondida com uma palavra: *peleja*. Ele peleja por nós. Entra no ringue, nos manda para o nosso canto e se ocupa: "*O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis*" (Êx 14:14, ACF).

A Ele compete pelejar. A nós compete confiar.

Só confiar. Não dirigir. Não questionar. Não arrebatá-lo a direção do carro. Nos compete orar e esperar. Não é preciso nada mais. Não é necessário nada mais.

"Só ele é a minha rocha e a minha salvação; é a minha defesa; não serei abalado" (Sl 62:6, ACF).

De passagem, foi impressão minha ou detectei algumas risadinhas quando anunciei meu descobrimento arqueológico?

Alguns não acreditaram, verdade?

Bom, bom, bom... Só por isso deverá esperar até o próximo livro para eu lhe falar sobre o diário de Jonas que achei numa livraria de livros usados em Wink, Texas. Dentro ainda tem algumas tripas de baleia.

E você achava que eu estava brincando ²³.

²³ Veja Êxodo 14:5-31; 81-15 e 2 Crônicas 20.

PARTE III

O HÓSPEDE DO MAESTRO

O que acontece quando um cachorro interrompe um concerto. Venha comigo a uma noite de primavera em Lawrence, Kansas, para saber.

Ocupe o seu assento no Auditório Hoch e contemple a orquestra Leipzig Gewandhaus... a orquestra de maior tempo de existência interrompida do mundo. Os maiores compositores e diretores da história dirigiram esta orquestra. Já tocava na época de Beethoven (alguns dos músicos foram substituídos).

Olhe enquanto europeus elegantemente vestidos ocupam seus lugares no cenário. Escute enquanto os profissionais afinam com cuidado seus instrumentos. A percussionista aproxima seu ouvido do tambor. Um violinista belisca a corda de nylon. Um clarinetista ajusta o instrumento. E se endireite em seu lugar enquanto as luzes se atenuam e a afinação se detém. A música está a ponto de começar.

O diretor, vestido de fraque, com grandes passos, sobe ao cenário, pula no estrado e com um gesto pede à orquestra que se coloque em pé. Você e mais duas mil almas aplaudem. Os músicos ocupam seus assentos, o mestre toma sua posição e o público contém a respiração.

Há um segundo de silêncio entre o relâmpago e o trovão. E há um segundo de silêncio entre o momento em que se levanta a batuta e a explosão da música. Mas quando cai, se abrem os céus e você fica ensopado no chuveiro da terceira sinfonia de Beethoven.

Tal era o poder dessa noite de primavera em Lawrence, Kansas. Calorenta noite de primavera em Lawrence, Kansas. Menciono a temperatura para que compreendam o motivo das portas estarem abertas. Fazia calor. O Auditório Hoch, um edifício histórico, não tinha ar condicionado. Combine os brilhantes refletores com a vestimenta formal e a música furiosa, e o resultado é uma orquestra esquentada. As portas externas

de ambos lados do cenário foram deixadas abertas para que corresse uma brisa.

Entra em cena, pela direita, um cachorro. Um cachorro escuro, comum no Kansas. Não é um cachorro mau. Não é um cachorro raivoso. Só é um cachorro curioso. Passa entre os contrabaixos e abre caminho entre os segundos violinos e os violoncelos. Sua cauda se mexe ao ritmo da música. Ao passar o cachorro entre os músicos, olham para ele, se entreolham e passam ao seguinte compasso.

O cachorro fica cativado por certo violoncelo. Talvez seja pelo arco que passa em forma lateral. Talvez a visão das cordas no seu nível. Seja o que for, captou a atenção do cachorro e ficou a olhar. O violoncelista não estava certo do que fazer. Nunca antes havia tocado para um público canino. E as escolas de música não ensinam o efeito que pode ter a baba de cachorro sobre a laca de um violoncelo Guarneri do século dezesseis. Mas o cachorro não fez mais do que olhar durante um momento e depois continuou andando.

Se tivesse passado entre a orquestra para logo seguir seu caminho, é possível que a música tivesse continuado. Se tivesse atravessado o cenário até as mãos gesticuladoras do ajudante de cena, é possível que o público nunca o tivesse notado. Mas não foi. Ficou. À vontade em meio do esplendor. Passeando pelo prado da música.

Visitou os instrumentos de sopro, girou sua cabeça diante das trombetas, parou entre os flautistas e se deteve ao lado do diretor. E a terceira sinfonia de Beethoven se desarmou.

Os músicos riram. O público riu. O cachorro levantou o focinho para o diretor e arfou. E o diretor baixou a batuta.

A orquestra mais histórica do mundo. Uma das peças musicais mais comoventes que já tinha sido composta. Uma noite envolvida em glória, tudo detido por um cachorro vira-lata.

As risadinhas se detiveram ao se virar o diretor. Quanta fúria poderia explodir? O público se aquietou ao enfrentar o maestro. Que fusível havia detonado? O polido diretor alemão olhou para a multidão, olhou para baixo ao cão, depois voltou a olhar para o

público, levantou as mãos num gesto universal e... sacudiu os ombros.

Todos romperam em gargalhadas.

Desceu do estrado e coçou atrás das orelhas do cachorro. Ele mexeu a cauda. O diretor falou com o cão. Falou-lhe em alemão, porém o cachorro parecia entender. Os dois se fizeram companhia pelo espaço de uns poucos segundos antes que o diretor tomasse seu novo amigo pela coleira e o conduzisse para fora do cenário. Ter-se-ia pensado que o cachorro era Pavarotti, pela forma que as pessoas aplaudiram. O diretor voltou, a música começou e Beethoven não pareceu sofrer por causa da experiência ²⁴.

Pode descobrir onde estamos você e eu nesse quadro?

Eu sim. Simplesmente chame-nos Fido. E considere a Deus como o Maestro.

Imagine o momento quando subiremos ao cenário. Não o mereceremos. Não o teremos ganhado. Até é possível que surpreendamos os músicos com a nossa aparência.

A música não se parecerá com nenhuma que tenhamos ouvido anteriormente. Passearemos entre os anjos e escutaremos enquanto cantam. Contemplaremos as luzes do céu e ficaremos sem alento diante de seu brilho. E caminharemos ao lado do Mestre, ficaremos de pé ao lado do Mestre, e adoraremos enquanto Ele dirige.

Esses capítulos finais nos lembram deste momento. Nos desafiam a ver o que não se vê e a viver para este acontecimento. Nos convidam a afinar nossos ouvidos com a canção dos céus e anelar... anelar esse momento quando estaremos ao lado do Mestre.

Ele também dará as boas-vindas. E Ele, também, falará. Mas não nos afastará dEle. Nos convidará a permanecer para sempre como hóspedes sobre seu cenário.

²⁴ Com apreço a Erik Ketcherside por ter-me contado esta história.

CAPÍTULO 24

O DOM DA INFELICIDADE

Dentro de você, na profundidade de seu ser, mora uma pequena cotovia. Escute. Ouça-a cantar. Sua ária lamenta o pôr-do-sol. Seu solo indica a chegada do amanhecer.

É a canção da cotovia.

Não calará até ver o Sol.

Nos esquecemos de sua presença, é tão fácil de ignorar. Outros animais são de maior tamanho, mais barulhentos, mais exigentes, mais imponentes.

Porém nenhum é tão constante.

Outras criaturas da alma podem alimentar-se com maior facilidade. Ficam satisfeitas com maior rapidez. Alimentamos o leão que rosna por poder. Acariciamos o tigre que exige afeto. Domamos o potro que resiste ao controle.

Mas que fazemos com a cotovia que anela a eternidade?

Porque disso trata sua canção. Essa é sua tarefa. Do cinza canta uma melodia dourada. Erguida no tempo trina um verso que o tempo não limita. Assomando-se pela mortalha da dor, vislumbra um lugar onde a dor não existe. Sobre esse lugar canta.

E embora tratemos de ignorá-la, não o conseguimos. Nós somos essa ave e sua canção nos pertence. Nossa canção do coração não será silenciada até que vejamos o amanhecer.

Deus "*pôs na mente do homem a idéia da eternidade*" (Ec 3:11, PJFA), diz o homem sábio. Mas não é preciso um sábio para saber que os anseios das pessoas vão além da terra. Quando vemos dor, anelamos. Quando vemos fome, nos perguntamos o por quê. Mortes sem sentido. Lágrimas intermináveis, perdas desnecessárias. De onde vêm? Para onde conduzirão?

Acaso a vida não vai além da morte?

E assim canta a cotovia.

Tentamos silenciar esta terrível e pequena voz. Como um pai que cala seu filho, colocamos um dedo sobre lábios franzidos e solicitamos silêncio. *Agora estou demasiado ocupado para falar. Estou demasiado ocupado para pensar. Estou demasiado ocupado para perguntar.*

E assim nos dedicamos à tarefa de nos mantermos ocupados.

Mas às vezes ouvimos este canto. E de vez em quando permitimos que a canção nos sussurre que existe algo mais. *Deve haver algo mais.*

E enquanto escutamos a canção, sentimos consolo. Enquanto estejamos inconformados, buscaremos. Enquanto saibamos que existe um país distante, seguiremos abrigando esperança.

Compreendi que o único desastre fundamental que costuma nos suceder é o de sentir que estamos em casa aqui sobre a terra. Enquanto sejamos estrangeiros, não esqueceremos nossa verdadeira pátria ²⁵.

A infelicidade sobre a terra cultiva a fome pelo céu. Ao produzir em nós uma profunda insatisfação, Deus capta nossa atenção. A única tragédia, então, é sentir satisfação prematura. Conformar-se com a terra. Sentir-se à vontade em terra estranha. Contrair aliança com os babilônios e esquecer-se de Jerusalém.

Não somos felizes aqui porque este não é nosso lar. Não somos felizes aqui porque não se supõe que sejamos felizes neste lugar. Somos *"como peregrinos e forasteiros"* neste mundo (1 Pedro 2:11, ACF).

Pegue um peixe e coloque-o sobre a areia da praia. Observe como suas brânquias se convulsionam e suas escamas se secam. Está feliz? Não! Como se pode conseguir sua felicidade? Cobrindo-o com uma montanha de dinheiro? Conseguindo-lhe uma cadeira de praia e um par de óculos para sol? Trazendo

²⁵ "Confissões", santo Agostinho, segundo citação de Peter Kreeft em "O céu: o anelo mais profundo da alma", Ignatius Press, São Francisco, 1989, p. 49. a inspiração para esta composição acerca da cotovia foi extraída da descrição feita por Kreeft sobre "O rouxinol no coração", pp. 51-54.

uma revista "Playfish" e um martini? Vestindo-o de lapelas cruzadas e sapatos de pele de homem?

Obviamente que não. Então, como se consegue que seja feliz? Voltamos a colocá-lo em seu elemento. O levamos outra vez para a água. Nunca será feliz na praia, simplesmente porque não foi feito para estar ali.

E você nunca será completamente feliz sobre a terra, simplesmente porque não foi feito para a terra. Ah, sim, terá seus momentos de gozo. Poderá vislumbrar momentos de luz. Conhecerá momentos ou até dias de paz. Mas não são comparáveis com a felicidade que se encontra mais à frente.

Tu nos fizeste para ti e nossos corações estão inquietos até poder descansar em ti ²⁶.

O descanso nesta terra é um descanso falso. Cuidado com quem te inste a encontrar aqui a felicidade; não a achará. Guarde-se dos falsos médicos que prometem que só é necessário uma dieta, um casamento, um trabalho ou uma transferência para encontrar gozo. O profeta anunciava a pessoas como essa: *"E curam superficialmente a ferida da filha do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz"* (Jeremias 6:14, ACF).

E nada estará bem até chegar ao lar.

Repito, vivemos alguns momentos especiais. O recém nascido sobre nosso peito, a noiva no nosso braço, o sol sobre nossas costas. Mas até esses momentos são apenas vislumbres de luz que atravessam a janela do céu. Deus flerta conosco. Nos tenta. Nos corteja. Esses momentos são os aperitivos do prato que deve vir.

"As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Coríntios 2:9, ACF).

Que versículo impressionante! Você percebe o que ele diz? *O céu supera a nossa imaginação*. Não podemos imaginá-lo. Embora estejamos em nosso momento mais criativo, nossa

²⁶ Malcolm Muggeridge, "Jesus redescoberto", Doubleday, Nova Iorque, 1979, pp. 47-48, segundo citação de Peter Kreeft, "Océu...", p. 63.

reflexão mais profunda, nosso nível mais alto, ainda assim não podemos sondar a eternidade.

Experimente isso. Imagine um mundo perfeito. Seja o que for que signifique isso para você, imagine-o. Significa paz? Então elabore uma visão de absoluta tranquilidade. Um mundo perfeito significa gozo? Então imagine sua felicidade mais elevada. Um mundo perfeito terá amor? Se for assim, faça um quadro mental de um lugar onde o amor não tenha limites. Seja o que for que signifique o céu para você, imagine-o. Fixe-o firmemente em sua mente. Deleite-se nisso. Sonhe sobre dele. Tenha saudades.

E depois sorria quando o Pai o faça lembrar que: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam".

Qualquer coisa que você imaginar é pouco. Qualquer coisa que qualquer um imaginar é pouco. Ninguém sequer se tem aproximado. Ninguém. Pense em todas as canções que falam do céu. Todas as interpretações dos artistas. Todas as lições pregadas, as poesias escritas e os rascunhos de capítulos.

Quando se trata de descrever o céu, todos somos fracassados.

Está além de nós.

Mas também está dentro de nós. O canto da cotovia. Que cante. Que cante na escuridão. Que cante ao amanhecer. Que seu canto o lembre que não foi criado para este lugar e que existe um lugar criado para você.

Mas até então, seja realista. Reduza suas expectativas a respeito da terra. Isto não é o céu, então não espere que o seja. Nunca haverá um noticiário sem más notícias. Nunca haverá uma igreja sem fofocas nem competição. Nunca haverá um carro novo, uma esposa nova ou um novo bebê que possa dar-lhe o gozo que anela teu coração. Só Deus pode fazê-lo.

E Deus o fará. Seja paciente. E preste atenção. Atenção ao canto da cotovia.

CAPÍTULO 25

COMO VER A DEUS

Uma das lembranças mais gratas de minha infância é a saudação que dava ao meu pai quando voltava do trabalho.

Minha mãe, que trabalhava no turno vespertino no hospital, saía de casa às três da tarde. Papai chegava às três e meia. Meu irmão e eu ficávamos sozinhos durante essa meia hora com instruções estritas de não sair de casa até que chegasse o pai.

Ocupávamos nossos lugares no sofá e assistíamos desenhos animados, sempre mantendo um ouvido atento à entrada do carro. Até o melhor "Pernalonga" era abandonado quando ouvíamos seu carro.

Posso lembrar como saía correndo a encontrar-me com papai e ele me alçava em seus grandes (e frequentemente suados) braços. Ao levar-me rumo a casa, colocava sobre minha cabeça seu chapéu de palha. Nos sentávamos no saguão enquanto ele tirava suas engraxadas botas de trabalho (nunca se permitia entrar com elas em casa). Quando as tirava, eu as calçava, e por um momento me convertia num caubói. Depois entrávamos e abria a marmitta onde levava seu almoço. Qualquer pedacinho que sobrasse, e quase sempre parecia sobrar algo, era para que o dividíssemos meu irmão e eu.

Era fabuloso. Botas, chapéu e sobras de comida. Que mais poderia desejar um menino de cinco anos?

Mas vamos supor por um minuto que isso fosse a única coisa que recebesse. Suponhamos que meu pai, em vez de vir para casa, simplesmente enviasse algumas coisas. Botas para que brinque com elas. Um chapéu para que eu o coloque. Petiscos para que coma.

Seria isso suficiente? Talvez sim, mas não por muito tempo. Em pouco tempo os presentes perderiam seu encanto. Em pouco tempo, ou talvez imediatamente, eu perguntaria: "Cadê o pai?".

Ou considere algo pior. Vamos supor que me chamasse e dissesse: "Max, não voltarei nunca mais para casa. Mas vou te

enviar minhas botas e meu chapéu, e cada tarde poderás brincar com eles".

Não há acordo. Isso não funcionaria. Até uma criança de cinco anos sabe que é a pessoa, e não os presentes, o que faz com que uma reunião seja especial. Não é pelas guarnições, é pelo pai.

Imagine que Deus nos faça uma oferta similar.

Dar-te-ei qualquer coisa que desejes. O que seja. Amor perfeito. Paz eterna. Nunca terás temor nem estarás sozinho. Não entrará confusão em tua mente. Não penetrarão a ansiedade nem o tédio em teu coração. Nunca terás necessidade de nada.

Não haverá pecado. Nem culpa. Nem regras. Nem expectativas. Nem fracasso. Nunca sentirás solidão. Nunca sentirás dor. Nunca morrerás.

Só que nunca me verás o rosto ²⁷.

Desejaria isso? Nem eu. Não é suficiente. Quem deseja o céu sem Deus? O céu não é céu sem Deus.

Uma eternidade indolor e imortal seria agradável, porém inadequada. Um mundo injetado de esplendor nos impressionaria, mas não é isso que procuramos. O que desejamos é a Deus. Queremos a Deus mais do que sabemos. Não é que os adicionais careçam de atrativos. Simplesmente não são suficientes. Não é que sejamos cobiçosos. Simplesmente é que lhe pertencemos e santo Agostinho tinha razão, nossos corações estão inquietos até poder descansar nEle.

Logo que o achemos estaremos satisfeitos. Moisés pode dizê-lo.

Recebeu mais de Deus que qualquer outro homem da Bíblia. Deus lhe falou de uma sarça. Deus o conduziu com fogo. Deus maravilhou Moisés com as pragas. E quando Deus se irou com os israelitas afastando-se deles, permaneceu perto de Moisés. Falava com ele *"face a face, como qualquer fala com o seu*

²⁷ Com reconhecimento para santo Agostinho, "Salmos", 127.9, segundo citação de Peter Kreeft, "O céu...", p. 49.

amigo" (Êxodo 33:11, ACF). Moisés conhecia a Deus como nenhum outro homem.

Mas isso não era suficiente. Moisés anelava mais. Moisés ansiava ver a Deus. até teve a ousadia de pedi-lhe: "*Rogo-te que me mostres a tua glória*" (Êxodo 33:18, ACF).

Um chapéu e um petisco não bastavam. Um pilar de fogo e o maná da manhã eram insuficientes. Moisés desejava ver o próprio Deus.

Acaso não o desejamos todos?

Não é por isso que ansiamos o céu? É possível que falemos de um lugar onde não há lágrimas nem morte nem temor nem noite; porém essas coisas são só os benefício do céu. A beleza do céu é a virtude de Deus. O céu é o coração de Deus.

E nosso coração terá paz quando O vejamos. "Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar" (Sl 17:15, ACF).

Satisfeitos? Certamente que não. Não estamos satisfeitos.

Nos afastamos da mesa de ocasião festiva e batemos em nossas barrigas avultadas. "Estou satisfeito", declaramos. Mas algumas horas depois nos verá, de volta à cozinha, tirando a carne dos ossos.

Acordamos depois de um bom descanso noturno e pulamos da cama. Não poderíamos voltar a dormir ainda que nos pagassem por isso. Estamos satisfeitos... por um pouco. Porém depois de uma doze horas, poderá ver que, arrastando-nos, voltamos a nos meter entre os lençóis.

Tiramos umas férias como nenhuma outra. Planejamos durante anos. Pouparamos durante anos. e lá vamos. Nos saturamos de sol, diversão e boa comida. Mas nem sequer iniciamos o caminho de volta quando começamos a sofrer pelo fim da viagem e começamos o planejamento de outra.

Não estamos satisfeitos.

Quando crianças dizemos: "Se eu já fosse um adolescente". Sendo adolescentes dizemos: "Se já fosse um adulto". Sendo adultos: "Se estivesse casado". Depois de casado: "Se tivesse

filhos". Quando somos pais: "Se as crianças fossem adultas". Numa casa vazia: "Se nossos filhos nos visitassem". Quando nos aposentamos, sentados numa cadeira de balanço, com as articulações endurecidas e a visão diminuída: "Se pudesse voltar a ser criança".

Não estamos satisfeitos. O contentamento é uma virtude difícil de alcançar. Por quê?

Porque não há nada na terra que possa satisfazer nosso mais profundo anseio. Anelamos ver a Deus. As folhas da vida se sacodem com o rumor de que O veremos... e não estaremos satisfeitos até que isso aconteça.

Não podemos estar satisfeitos. Não porque sejamos cobiçosos, mas sim porque temos fome de algo que não se encontra nesta terra. Só Deus pode satisfazer. Felipe tinha razão quando disse: "*Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta*" (Jo 14:8, PJFA).

Aí de nós!, é aí que reside o problema: "Não poderás ver a minha face", disse Deus a Moisés, "porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver" (Êxodo 33:20, PJFA).

Os Hassides do século dezoito compreendiam o risco de ver a Deus. o Rabi Uri chorava cada manhã ao deixar sua casa para ir orar. Chamava seus filhos e sua esposa a seu lado e chorava como se nunca mais voltasse a vê-los. Quando lhe perguntavam o motivo, lhes respondia desta forma: "Quando começo minha oração clamo ao Senhor. Depois oro dizendo: "Senhor, tem misericórdia de nós". Quem sabe o que possa fazer-me o poder do Senhor nesse momento, depois de eu tê-lo invocado e antes de rogar pedindo-lhe misericórdia?" ²⁸.

De acordo com a lenda, o primeiro índio norte-americano que viu o Grande Cânion se amarrou numa árvore pelo terror que sentiu. De acordo com as Escrituras, qualquer homem que tenha tido privilégio de dar uma olhadinha em Deus experimentou o mesmo.

Puro terror. Lembra das palavras de Isaias depois de sua visão de Deus? "Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um

²⁸ Annie Dillard, "A vida escrita", Harper and Row, Nova Iorque, 1989, p.9.

homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos" (Isaias 6:5, ACF).

Ao ver a Deus, Isaias ficou aterrado. Por que tal temor? Por que tremia tanto? Porque era cera diante do sol. Uma vela num furacão. Um peixinho nas cataratas do Niágara. A glória de Deus era demasiado grande. Sua pureza, demasiado genuína. Seu poder, demasiado imponente.

A santidade de Deus ilumina a condição pecadora do homem.

Para compreender isso, imaginemos que está num teatro. Nunca antes assistiu a um e sente curiosidade. Entra por trás do cenário, olha as luzes, brinca com o telão e examina os elementos de decoração. Depois vê um camarim.

Entra e senta à mesa. Olha para o grande espelho sobre a parede. O que vê é o que sempre vê ao olhar se reflexo. Nenhuma surpresa. Depois percebe que o espelho está rodeado de lâmpadas. Há um interruptor na parede. Liga.

Uma dúzia de luzes ilumina seu rosto. De repente vê o que não tinha visto antes. Manchas. Rugas. Cada pinta e cada marca são ressaltados. A luz ilumina as suas imperfeições.

Foi isso o que aconteceu a Isaias. Quando viu a Deus, não suspirou de admiração. Não aplaudiu em sinal de apreciação. Caiu para trás horrorizado, clamando: "Sou impuro e meu povo também é impuro!".

A santidade de Deus ressalta nossos pecados.

Ouçã as palavras de outro profeta: "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão **[a viva voz]** sobre ele. Sim. Amém" (Apocalipse 1:7, ACF, ênfase do autor).

Leia o versículo em outra versão: "Montado sobre as nuvens, todo olho o verá, os que zombaram dEle e o mataram o verão. Gente de todas as nações e de todos os tempos se rasgarão as vestes em lamentação. Oh, sim" (Apocalipse 1:7, The Message [tradução livre do inglês]).

A santidade de Deus ressalta o pecado do homem.

Então, que fazemos? Se é verdade que "sem santidade ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14, NVI [tradução livre do inglês]), para onde iremos?

Não podemos apagar a luz. Não podemos quebrar o interruptor. Não podemos regressar à penumbra. Para esse momento seria muito tarde.

Então, que podemos fazer?

A resposta pode ser achada na história de Moisés. Leia com cuidado, com muito cuidado, os seguintes versículos. Leia para responder a esta pergunta: que fez Moisés para poder ver a Deus? Leia atentamente o que diz Deus. É possível que passe despercebido.

"Disse mais o SENHOR: Eis aqui um lugar junto a mim; aqui te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, por-te-ei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" (Êxodo 33:21-23, ACF).

Você viu o que Moisés devia fazer? Nem eu. Percebeu quem fez a obra? Eu também.

Deus o fez! Deus é ativo. Deus deu a Moisés um lugar onde ficar em pé. Deus colocou Moisés na fenda. Deus cobriu Moisés com sua mão. Deus passou junto dele. E Deus se revelou.

Por favor, sublinhe o ponto chave. Deus equipou Moisés para poder dar uma olhadinha nEle.

Só o que Moisés fez foi pedir. Mas, ah, como pediu!

Só o que podemos fazer é pedir. Mas, ah, como devemos pedir!

Pois só ao pedir recebemos. E só ao buscar achamos.

E (é necessário que faça a aplicação?) Deus é o que nos equipará para nosso momento eterno com o Filho. Não nos proveu uma rocha, o Senhor Jesus? Não nos deu uma fenda, sua graça? E acaso não nos cobriu com sua mão, sua mão furada?

E por acaso o Pai não está a caminho para buscar-nos?

Do mesmo modo que meu pai chegava na hora certa, assim Deus virá. E assim como meu pai trazia presentes e prazeres, também Ele o fará. Mas, apesar do quão esplendorosos sejam os presentes do céu, não é isso o que estamos esperando.

Esperamos ver o Pai. E isso nos bastará.

CAPÍTULO 26

ÓRFÃOS DIANTE DA PORTA

Me contaram uma história triste esta semana, uma história sobre uma lua de mel desastrosa. Os recém casados chegaram ao hotel cedo na madrugada, com grandes expectativas. Tinham reservado uma grande suíte com complementos românticos. Mas não foi o que encontraram.

Parece que local era bastante reduzido. O pequeno quarto não tinha janelas, nem flores, só um banheiro estreito e o pior de tudo... não havia cama. Só um sofá-cama com colchão velho e molas gastas. Não era o que haviam esperado; conseqüentemente, tampouco a noite o foi.

Na manhã seguinte o noivo de pescoço dolorido desceu como um raio até o balcão do gerente e despejou sua ira. Depois de ouvir com paciência durante uns poucos minutos, o funcionário perguntou: "Abriu a porta que há no seu quarto?"

O noivo admitiu que não. Regressou e abriu a porta, que tinha pensado ser um armário. Ali, com cestas de frutas e chocolates, se encontrava um amplo dormitório!²⁹

Suspiro.

Imagina os dois de pé diante da porta que tinham ignorado? Ah, que agradável teria sido...

Uma cômoda cama em vez de um velho sofá.

²⁹ *Leadership* [Liderança], inverno 1994, p. 46:

Uma janela com cortinas em vez de uma parede branca.

Uma fresca brisa em lugar de ar viciado.

Um elaborado banheiro, não um apertado.

Porém, o perderam. Que triste. Apertados, mal-humorados e incômodos, sendo que só uma porta os separava da comodidade. O perderam porque pensaram que a porta era um armário.

Por que não investigou? Me perguntava eu ao ler a nota. Seja curioso. Investigue. Tente. Dê uma olhada. Por que aceitou a suposição de que a porta não conduzia a nenhum lugar?

Boa pergunta. Não só para o casal, mas para todos. Não para o casal que pensou que a quartinho era só o que havia, mas para todos os que se sentem fechados e apinhados no antequarto chamado Terra. Não é o que havíamos esperado. É possível que tenha seus momentos agradáveis, mas simplesmente não é o que achamos que deveria ser. Algo dentro de nós geme pedindo mais.

Compreendemos o que quis dizer Paulo ao escrever: "Nós (...) também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23, ACF).

Gememos. Essa é a palavra. Uma ansiedade interior. O eco da caverna do coração. O suspiro da alma que diz que o mundo está desencaixado. Alterado. Mal soletrado. Coxo.

Algo está mal.

O quarto é fechado demais para respirar, a cama muito dura para descansar, as paredes muito peladas para serem prazerosas.

De modo que gememos.

Não é que não tentemos. Fazemos o melhor que podemos com o espaço de que dispomos. Movemos os moveis, pintamos as paredes, baixamos a intensidade das luzes. Mas há limite no que pode ser feito a um lugar.

De modo que gememos.

Que deveríamos fazer, argumenta Paulo. Não fomos feitos para estes minúsculos quartos. *"Nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados"* (2 Co 5:4, ACF). *"Enquanto vivemos nesta tenda de campanha, suspiramos fatigados"* (2 Co 5:4, NVI, [tradução livre do espanhol]).

Nosso corpo uma tenda de campanha? Não é mau como metáfora. Passei algumas noites em tendas de campanha *. São adequadas para as férias, mas não foram criadas para uso diário. As laterais se abrem. O vento invernal entra por baixo. Os aguaceiros estivais se escoam pelo teto. A lona se desgasta e as estacas se afrouxam.

Necessitamos algo melhor, argumenta Paulo. Algo permanente. Algo indolor. Algo mais que carne e osso. E até obtê-lo, gememos.

Sei que o que lhe digo não é nada novo. Você conhece o gemido da alma. Permita-se anelar. O anelo é parte da vida. É natural ter saudade do lar quando se está de viagem.

Ainda não chegamos em casa.

Somos órfãos diante da porta do orfanato, aguardando a chegada de nossos novos pais. Ainda não chegaram, mas sabemos que vêm. Nos escreveram uma carta. E ainda não estamos familiarizados com nosso novo lar, mas temos um palpite a respeito dele. É grandioso. Nos enviaram uma descrição.

Que faremos, pois? Aqui, diante da porta onde o agora-já se encontra com a senda do ainda-não, que faremos?

Gememos. Ansiamos que nos chamem para casa. Mas até que Ele chame, esperamos. Estamos de pé no saguão do orfanato e esperamos. E como esperamos? Com paciente ansiedade.

"Mas, se esperamos o que não vemos, com **paciência** o esperamos" (Romanos 8:25, ACF, ênfase do autor).

*"Também **gememos** em nós mesmos, esperando a adoção"* (Romanos 8:23, ACF, ênfase do autor). *"Esperando **ansiosamente** nossa adoção como filhos"* (Romanos 8:23, NVI,

* No Brasil, mais conhecidas como Barracas de acampamento.

[tradução livre do espanhol], ênfase do autor). Não com tanta ansiedade que nos faça perder nossa paciência e não com tanta paciência que nos faça perder a ansiedade³⁰.

Porém, com frequência, tendemos a perder uma ou outra.

Nos tornamos tão pacientes que adormecemos! Nossas pálpebras se tornam pesadas. Nossos corações se tornam sonolentos. Nossa esperança escorrega. Cochilamos em nossos postos.

Ou estamos tão ansiosos que exigimos. Exigimos deste mundo o que só nos pode dar o mundo vindouro. Nenhuma doença. Nenhum sofrimento. Nenhuma luta. Esperneamos e sacudimos nossos punhos, esquecendo que unicamente no céu pode encontrar-se essa paz.

Devemos ser pacientes, mas não tanto que não sintamos saudades. Devemos ser ansiosos, mas não tanto que não esperemos.

Seria sábio de nossa parte fazer o que nunca chegaram a fazer os recém casados. Seria sábio abrir a porta. Deter-se à entrada. Contemplar a habitação. Conter a respiração diante da beleza.

E esperar. Esperar a que chegue o noivo para nos carregar, a nós, sua noiva, e cruzar assim o umbral.

CAPÍTULO 27

A PAISAGEM DAS TERRAS ALTAS

Estando no Colorado para umas férias de uma semana, nossa família se reuniu com várias outras e decidiu escalar o cume de uma montanha de 4200 metros. A escalaríamos do modo fácil. Iríamos de carro até passar a linha da vegetação e atacaríamos o quilometro e meio final a pé. Vocês os robustos caminhantes

³⁰ Com apreço para John R. W. Stott, "Segurança cristã: a esperança de glória", All Soul Cassettes, Londres, d28 1b.

se teriam maçado, mas para uma família com três filhas pequenas, era praticamente só o que podíamos suportar.

A travessia acabou sendo tão fatigante quanto bela. Veio-me à memória o fato de que o ar era rarefeito, enquanto a minha cintura não.

Para nossa filha de quatro anos, Sara, foi duplamente difícil. Uma queda nos primeiros minutos deixou-lhe como saldo um joelho raspado e um passo tímido. Não queria caminhar. Na verdade, se negava a caminhar. Queria que a carregassem. Primeiro nas minhas costas, depois nos braços da mamãe, depois minhas costas, depois as costas de um amigo, depois minhas costas, depois as da mamãe... bom, já imagina o quadro.

Aliás, já sabe como ela se sentia. Você também tem tropeçado, e você também tem pedido ajuda. E você também a recebeu.

Todos necessitamos de ajuda de vez em quando. Essa travessia fica íngreme. Tão íngreme que alguns de nós nos damos por vencidos.

Alguns deixam de escalar. Alguns simplesmente sentam. Continuam perto da senda, mas não caminham. Não abandonaram a viagem, mas tampouco continuaram. Não desmontaram, mas também não esporearam. Não se retiraram e ainda assim não se decidiram.

Simplesmente deixaram de caminhar. Passam muito tempo sentados em volta do fogo, falando de como as coisas eram antes. Alguns permanecem por anos sentados no mesmo lugar. Não experimentam mudanças. As orações não se aprofundam. A devoção não se incrementa. A paixão não aumenta.

Uns poucos até se tornam cínicos. Aí do viajante que os desafia a retomar a viagem, aí do profeta que ousar instá-los a ver a montanha. Aí do explorador que os lembra de seu chamado... os peregrinos não são bem-vindos aqui.

E assim o peregrino continua avançando enquanto o colono se acomoda.

Acomoda-se à igualdade.

Acomoda-se à segurança.

Acomoda-se aos montes de neve.

Espero que você não faça isso. Porém se o faz, espero que não zombe do peregrino que o chama para voltar à viagem.

Vale a pena continuar em movimento.

Ao tentar, sem êxito, convencer Sara para que caminhasse, descrevi o que iríamos ver. "Será tão bonito", disse. "Vai ver as montanhas, o céu e as árvores". Não tive sorte... queria ser carregada. Ainda assim era uma boa idéia. Mesmo quando não der resultados. Não há nada como a visão dos cumes para infundir poder numa travessia.

De passagem, também uma maravilhosa paisagem aguarda você. O escritor de Hebreus nos brinda um artigo estilo National Geographic sobre o céu. Escute como descreve o cume de Sião. Diz que quando chegemos à montanha teremos arribado à "cidade do Deus vivo (...) À companhia de muitos milhares de anjos (...) À congregação dos primogênitos que estão inscritos nos céus (...) A Deus, o Juiz de todos (...) aos espíritos dos justos feitos perfeitos (...) a Jesus, o Mediador do novo pacto (...) Ao sangue derramado que fala melhor que o de Abel" (Hebreus 12:22-24 [tradução livre do espanhol]).

Que montanha! Não é verdade que será maravilhoso ver os anjos? Poder finalmente saber como e quem são? Poder ouvi-los falar sobre as vezes que estiveram ao nosso lado, até dentro de nossa casa?

Imagine a congregação dos primogênitos. Uma reunião de todos os filhos de Deus. Sem ciúmes. Sem competições. Sem pressas. Sem divisões. Seremos perfeitos... puros. Não haverá mais tropeços. Não haverá mais quedas. Acabará a luxúria. A fofoca silenciará. Os rancores desaparecerão para sempre.

E imagine ver a Deus. Finalmente, poder contemplar o rosto de seu Pai. Sentir sobre você o olhar do Pai. Nenhum dos dois cessará jamais.

Fará o que prometeu fazer. Farei tudo novo, prometeu Ele. Restaurarei o que foi roubado. Restaurarei os seus anos pendurados em muletas e encerrados em cadeiras de rodas.

Restaurarei os sorrisos obscurecidos por causa da dor. Voltarei a executar as sinfonias aos ouvidos surdos que não escutaram e os pores-do-sol aos olhos cegos que não viram.

O mudo cantará. O pobre se dará um banquete. As feridas sararão.

Farei tudo novo. Restaurarei todas as coisas. A criança arrebatada por uma enfermidade correrá aos seus braços. A liberdade perdida por causa da opressão dançará em teu coração. A paz de um coração puro será meu presente para ti.

Farei tudo novo. Nova esperança. Nova fé. E sobretudo, novo Amor. O Amor do qual todos os outros amores falam. O Amor diante do qual todos os outros amores empalidecem. O Amor que buscaste em mil portos em mil noites... este meu Amor, te pertencerá ³¹.

Que montanha! Jesus estará ali. Anelou vê-lo. Finalmente o verá. É interessante o que o escritor diz que veremos. Não menciona o rosto de Jesus, embora o veremos. Não se refere à voz de Jesus, embora gritará. Menciona uma parte de Jesus que a maioria de nós não imaginávamos ver. Diz que veremos o sangue de Jesus. O carmesim da cruz. O líquido da vida que correu pela sua testa, pingou de suas mãos e fluíu de seu lado.

O sangue humano do divino Cristo. Cobre nossos pecados.

Proclama uma mensagem: Fomos comprados. Não podemos ser vendidos. Jamais.

Opa, que momento. Que montanha.

Acredite em mim quando digo que vale a pena. Nenhum preço é demasiadamente elevado. Se deve pagar um preço, pague-o! Nenhum sacrifício é demasiadamente grande. Se for necessário que deixe bagagem no caminho, deixe-o! Nenhuma perda será comparável. Custe o que custar, faça-o. por todos os céus, faça-o.

Vale a pena. Prometo. Uma visão do cume justificará a dor do caminho.

³¹ Veja Apocalipse 21:5.

Seja dito, de passagem, nosso grupo finalmente conseguiu escalar a montanha. Passamos aproximadamente uma hora no cume, tirando fotos e desfrutando da vista. Mais tarde, no caminho de descida, escutei a pequena Sara exclamar com orgulho: "*Consegui!*".

Ri para mim. Não foi assim, pensei. Tua mãe e eu o fizemos. Amigos e familiares te fizeram escalar esta montanha. Não foi você que o fez.

Mas não disse nada. Não disse nada porque estou recebendo o mesmo tratamento. Também você. Talvez pensemos que estamos escalando, mas alguém nos carrega. Vamos sobre as costas do Pai que nos viu cair. Vamos sobre as costas do Pai que deseja que consigamos chegar em casa. Um Pai que não se ira quando nos cansamos.

Depois de tudo, Ele sabe o que se sente ao escalar a montanha.

Ele escalou uma por nós.

CAPÍTULO 28

O NOME QUE SÓ DEUS CONHECE

Faz algum tempo, ao terminar uma reunião, me entregaram uma foto. Uma foto de um cachorro. Um instantâneo de um simples e desajeitado cachorro avermelhado.

Não é freqüente que me mostrem uma foto do cachorro. Bebês, sim. Netos, amiúde. Cônjuges, às vezes. Porém cachorros? Isso era uma novidade. Não sabia que dizer.

— Que cachorro — só consegui dizer. Se olharam, riram, e voltaram a olhar-me. Sabiam algo que eu desconhecia.

— Qual é? — perguntei.

— O chamamos Max! — proclamaram em uníssono.

De novo fiquei estupefato. Se tratava de uma brincadeira ou estavam me honrando? Um demérito ou um elogio?

Optei pelo caminho seguro.

— Eehhh... Nunca antes haviam chamado um cachorro em minha honra.

— Sabíamos que se sentiria grato — explicou ela —. Desfrutamos tanto com seus livros que quando trouxemos o cachorrinho, pensamos em você.

(Cachorrinho?).

Agradei e guardei a foto no bolso. Um pouco mais tarde me vieram à mente algumas respostas apropriadas. "Não será o primeiro Max que esteja numa casinha de cachorro", era uma delas. Pena que não pensei antes. Um amigo depois me deu um artigo onde se informava que Max era o nome mais popular para cachorros nos Estados Unidos. Então talvez tenha uma outra oportunidade.

Não posso dizer que tenha meditado muito sobre disto. Nunca pensei que tivesse muita importância. Me lembro que um menino do primário que perguntou se eu era alemão. Disse que não.

— Então por que teu nome é alemão? — eu nem sequer estava sabendo que Max fosse alemão. Assegurou-me que era. De modo que decidi averiguar.

— Por que me deu o nome de Max? — perguntei à minha mãe ao chegar em casa.

Levantou os olhos da pia e respondeu:

— Simplesmente achei que tinha cara de Max.

Tal como já disse, não prestei muita atenção ao meu nome. Mas existe um nome que tem captado minha atenção ultimamente. Um nome que só Deus conhece. Um nome que só Deus dá. Um nome singular, fora do comum, que só se assinará uma vez.

Do que estou falando? Bom, talvez não esteja sabendo, mas Deus tem um novo nome para você. Quando chegar em casa, não te chamará Alicia nem Pepe nem João nem Geraldo. O nome que sempre ouviu não será o que Ele vai usar. Quando Deus diz

que fará todas as coisas novas, fala sério. Terá um novo lar, um novo corpo, uma nova vida e, acertou, um novo nome.

"Ao que vencer darei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe" (Apocalipse 2:17, ACF).

Faz sentido. Os pais gostam de dar nomes especiais a seus filhinhos. Princesa. Tigre. Docinho. Pepe. Anjo. Tenho uma amiga a quem seu pai chama Willy. Seu nome é Priscila. Enquanto ela crescia, ele fazia brincadeira chamando-a Priscilly. Isso se converteu em Silly-Willy. Hoje ele a chama de Willy. Nenhuma outra pessoa o faz. E ainda que o fizessem, nenhum outro poderia dizê-lo do modo que o faz seu pai.

É possível que não tenha recebido um nome especial. O talvez tenha dedicado grande parte da tua vida à conquista de um nome próprio. Ou talvez seu nome, como o meu, é tão popular no reino animal. Seja o que for, qualquer nome terreno pronto logo será esquecido. O único nome que tem importância é o que Deus reservou só para você.

Ou talvez tenha recebido nomes especiais. Nomes que nunca buscou. Nomes zombadores e que ferem. Nomes como "perdedor", ou "trapaceiro", "paralítico", "infectado" ou "divorciado". Se esse é seu caso, lamento. Sabe o quanto um nome pode ferir. Mas também pode imaginar como um nome pode curar.

Especialmente quando provém dos lábios de Deus.

Não lhe parece incrível que Deus tenha reservado um nome para você? Um nome que você nem sequer conhece. Sempre imaginamos que conservaremos o nome que nos deram. Não é assim. Imagine o que isso implica. Ao que parece seu futuro é tão promissor que merece um novo título. O caminho para a frente é tão brilhante que se faz necessário um nome novo. Sua eternidade é tão especial que nenhum nome comum lhe servirá.

Assim é que Deus tem um nome reservado para você. À tua vida lhe espera mais do que jamais imaginou. À sua história lhe falta mais do que leu. À sua canção lhe espera mais do que cantou. Um bom autor reserva o melhor para o final. Um grande

compositor guarda sua obra-prima para o fim. E Deus, o autor da vida e compositor da esperança, fez o mesmo para você.

O melhor ainda não chegou.

E, portanto, insisto que não se dê por vencido.

E, portanto, lhe rogo que termine a viagem.

E, portanto, o exorto a estar presente.

Certifique-se de estar presente quando Deus sussurre o seu nome.

GUIA DE ESTUDO

Preparada por Steve Halliday

COMO USAR ESTE GUIA DE ESTUDO

Cada um destes curtos estudos está preparado não somente para interagir com as idéias contidas neste livro, mas também para orientar de novo os leitores para as Escrituras como fonte dessas idéias.

A primeira seção de cada estudo, "Pontos para refletir", seleciona porções de cada capítulo para analisar em grupo. A segunda seção, "Sabedoria da Palavra", ajuda os leitores para que cavem a maior profundidade no ponto de vista das Escrituras no que se refere ao assunto que se estuda.

Embora todos os estudos possam realizar-se separadamente, também podem considerar-se em conjunto com um ou mais estudos que tratem de temas similares. Na continuação se sugere uma lista de estudos complementares:

A voz proveniente do balde de limpeza / Heróis ocultos / Poderias ter estado na Bíblia

Por que Jesus ia a festas / Máximas

Detrás da cortina do banheiro / Provisões e graça / Sobre Oz e Deus

Os cartões de Natal de Deus / As perguntas de Gabriel

O profeta / A decisão

Qual é teu preço? / Quando te irrirem os grilos

Como vencer o herdado / Teu saco de pedras

O doce som do segundo violino / Um trabalho interno / Como ver a Deus

As boas notícias da meia-noite / O Deus que peleja por você

Como ver o que o olho não vê / Hábitos saudáveis

O dom da infelicidade / Órfãos ante a porta / A paisagem das terras altas

DFW e o Espírito Santo / O nome que só Deus conhece

CAPÍTULO 1

A VOZ PROVENIENTE DO BALDE DE LIMPEZA

PONTOS PARA REFLETIR

Algo nos acontece no trajeto. As convicções de mudar o mundo vão-se degradando até converter-se em compromissos de pagas as contas. Em vez de lograr uma mudança, conseguimos um salário. Em lugar de olhar para frente, olhamos para trás. Em lugar de olhar para fora, olhamos para dentro.

1. Têm mudado tuas convicções ao incrementar-se tua idade? De ser assim, em que forma mudaram?

2. Te agrada o que vês? Explica.

Gostamos do Moisés de quarenta anos. Mas o Moisés de oitenta? De jeito nenhum. Demasiado velho. Demasiado cansado. Cheira a pastor. Fala como estrangeiro. Que impacto causaria em Faraó? Não era o homem indicado para a tarefa.

E Moisés teria estado de acordo. "Já tentei antes", diria ele. "Esse povo não quer ajuda. Só me deixa aqui para cuidar de minhas ovelhas. São mais fáceis de conduzir".

Moisés não teria ido. Você não o teria enviado. Eu não o teria enviado.

Mas Deus sim o fez.

1. Terias encarregado a Moisés a tarefa de tirar Israel da escravidão? Explica.

2. O que você acha que terá visto Deus em Moisés? O que você acha que Ele pode chegar a ver em você?

A voz da sarça é a voz que sussurra para você. Te lembra que Deus ainda não acabou com você. Claro que é possível que aches que sim acabou. Talvez penses que já estás na descida. Quiçá penses que tem um outro para realizar a tarefa.

Se é isso o que você pensa, reconsidere.

1. De que forma te lembra "a voz da sarça" que Deus ainda não acabou com você?

2. Alguma vez viveste alguma experiência de "sarça ardente"? De ser assim, descreve-a.

3. Para que coisa acha que Deus ainda pode estar chamando-te?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Êxodo 6:28-7:6. Que opinião tinha Moisés de si mesmo? Que opinião tinha Deus de Moisés? Qual foi a opinião que ganhou?

Leia Hebreus 11:24-28. De acordo com esta passagem, como logrou Moisés fazer o que fez? De que forma se relaciona isto com você?

Leia Filipenses 1:6. Qual é a promessa que se dá neste versículo? Como pode mudar tua maneira de viver? Afeta isto tua forma de vida pessoal? Explica.

CAPÍTULO 2

POR QUE JESUS IA A FESTAS

PONTOS PARA REFLETIR

Acho que é significativo que a gente comum de um pequeno povoado desfrutasse de estar com Jesus. Creio que vale a pena destacar que o Todo Poderoso não se comportava de maneira arrogante. O Santo não era santarrão. Aquele que tudo sabia não era um sabichão. O que fez as estrelas não tinha a cabeça metida nelas. Aquele que possui tudo o que há na terra nunca a percorreu com altivez.

1. Você acha importante que a gente desfrutasse de estar com Jesus? explica.

2. Com uma única palavra descreve o rasgo da vida de Jesus de que se fala acima

De onde tiramos a idéia de que um bom cristão é um cristão solene? Quem iniciou o rumor de que o que identifica um discípulo é uma cara alargada? Como criamos esta idéia de que os verdadeiramente dotados são os de coração pesaroso?

1. Você vê o cristão como alguém "solene"? explica.

2. Onde pensas que se originou a idéia do cristão de coração pesaroso?

3. Outros te considerariam um cristão de cara longa? Explica.

Assim que, perdoem-me, diácono Pó-Seco e irmã Coração-Triste. Lamento arruinar sua marcha fúnebre, mas Jesus era uma pessoa amada. E seus discípulos devem tê-lo sido também. Não falo de libertinagem, bebedeira e adultério. Não apóio a transigência, a grosseria nem a obscenidade. Sou somente um cruzado em favor da liberdade de desfrutar de uma boa piada, dar vida a uma festa enfadonha e apreciar uma noite divertida.

1. Descreve tua reação do que Max intui no parágrafo anterior.

2. Como reages ante o diácono Pó-Seco e a irmã Coração-Triste com os quais te encontras? Como achas que reagiria Jesus?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia João 2:1-11. qual é a impressão de Jesus que obténs desta passagem? Por que pensas que o incluiu João em seu Evangelho?

Leia Mateus 11:18-19. Quais são as partes certas desta acusação contra Jesus e quais as falsas? Que é o que diz esta passagem acerca do modo de vida de Jesus? Como se relaciona isto com o ponto que destaca Max?

Leia 1 Tessalonicenses 5:16. Que significa estar "gozoso"? Por que é significativo que este seja um mandado? Quão bom és em obedecer este mandado?

CAPÍTULO 3

HERÓIS OCULTOS

PONTOS PARA REFLETIR

João não tem a aparência do profeta que seria a transição entre a lei e a graça. Não tem o aspecto do herói.

Os heróis rara vez parecem sê-lo.

- 1.** Como é que os heróis rara vez parecem sê-lo?
- 2.** Qual é tua imagem de um herói?

...por cada herói de luzes, existem dezenas que estão nas sombras. A prensa não lhes presta muita atenção. Não atraem multidões. Nem sequer escrevem livros!

Mas detrás de cada avalanche há um floco de neve.

Detrás de um desprendimento de rochas, há uma pedrinha.

Uma explosão atômica começa com um átomo.

E um avivamento pode começar com um sermão.

1. Quantos "heróis que não são de luzes" você conhece?
2. O que os converte em heróis?

Porém seria bom que mantivéssemos os olhos abertos. É possível que o Spurgeon de amanhã esteja cortando sua grama. E o herói que o inspira poderia estar mais perto do que você imagina.

Poderia estar em teu espelho.

1. Você tem sido herói para alguém?
2. Poderias chegar a sê-lo?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Marcos 1:1-8. Como descreverias a João na linguagem moderna? De que maneira o ajudaram sua aparência e seu estilo de vida a cumprir com sua missão?

Leia 2 Coríntios 4:7-11; 6:4-10; 11:22-28. Que aprendes acerca de Paulo através destas passagens? Que coisa nelas descreve o tipo de herói que ele era? Te alentam ou te desanimam estas passagens? Por quê?

CAPÍTULO 4

PODERIAS TER ESTADO NA BÍBLIA

PONTOS PARA REFLETIR

Na evangelização o Espírito Santo ocupa o centro do cenário. Se um discípulo ensina, é porque o Espírito ensina ao discípulo

(Lucas 12:12). Se o ouvinte é convencido, é porque o Espírito tem penetrado (João 16:10). Se o ouvinte se converte, é pelo poder transformador do Espírito (Romanos 8:11).

1. De que maneira você viu o Espírito Santo operar em sua vida no processo de evangelização?

2. Qual é a diferença que marca para você o fato de que o Espírito Santo opere a teu lado na evangelização?

Em você opera o mesmo Espírito que operou em Felipe. Alguns não acreditam em mim. Continuam sendo cautelosos.

1. Em que se parece a obra do Espírito Santo em tua vida com a obra na vida de Felipe? Em que se diferencia?

2. Você é um dos "cautelosos"? Explica.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Atos 8:26-40. Enumera os passos que deu Felipe sob a direção do Espírito. Que princípios eficazes de evangelização podes obter desta passagem? Quais utilizas? Quais não utilizas? Explica.

Leia Romanos 8:13-14; Gálatas 5:16-18. Que ensinam estas passagens acerca da guia do Espírito? Que é o que se promete? Quais são as advertências que se dão?

CAPÍTULO 5

MÁXIMAS

PONTOS PARA REFLETIR

Aprendemos a brevidade por meio de Jesus. seu sermão mais importante pode ler-se em oito minutos (Mateus 5-7). Sua

história mais conhecida pode ler-se em noventa segundos (Lucas 15:11-32). Fez um resumo da oração em cinco frases (Mateus 6.9-13). Silenciou acusadores com um desafio (João 8.7). resgatou uma alma com uma oração (Lucas 23:43). Fez o resumo da lei em três versículos (Marcos 12:29-31) e reduziu todos seus ensinamentos a um mandado (João 15:12).

Declarou seu objetivo e voltou para sua casa.

1. Por que é tão poderosa a brevidade? Que a faz tão efetiva?

2. Qual das máximas de Max deste capítulo te impressionou mais? Por quê?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Lucas 15:11-32. Por que pensas que esta é a história mais conhecida de Jesus? Que a faz tão poderosa?

Leia Mateus 6:9-13. Enumera os elementos de oração que se acham nesta passagem. Pões em prática estes elementos em tua vida de oração? Explica.

Leia Marcos 12:29-31. Como estes mandados resumem todo o ensinamento da Bíblia? Como encaixam entre si?

CAPÍTULO 6

OS CARTÕES DE NATAL DE DEUS

PONTOS PARA REFLETIR

Se nossa maior necessidade tivesse sido a informação, Deus nos teria enviado um educador.

Se nossa maior necessidade tivesse sido a tecnologia, Deus nos teria enviado um cientista.

Se nossa maior necessidade tivesse sido o dinheiro, Deus nos teria enviado um economista.

Mas como a nossa maior necessidade era a de perdão, Deus nos enviou um Salvador.

1. Estás de acordo em que nossa maior necessidade era a do perdão?

2. Explica por que pensas que é assim.

Ele se fez como nós, para que pudéssemos chegar a sermos como Ele.

1. De que modo se fez como nós?

2. De que modo podemos chegar a sermos como Ele?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Mateus 1:18-2:12. Se escrevesse uma mensagem de cartão de Natal comercial baseada nesta passagem, qual elemento da história destacarias? Por quê?

Leia Lucas 2:1-20. Se escrevesse uma mensagem de cartão de Natal comercial baseada nesta passagem, qual elemento da história destacarias? Por quê?

CAPÍTULO 7

DETRÁS DA CORTINA DO BANHEIRO

PONTOS PARA REFLETIR

Nunca me surpreendeu o juízo de Deus, mas ainda me deixa pasmo sua graça,

1. Alguma vez te surpreendeu o juízo de Deus? e sua graça? Explica.

2. Por que geralmente nos surpreende mais a graça que o juízo?

Pareceria ser que Deus antes bem procura a forma de lograr que cheguemos ao lar em vez de buscar formas que impeçam nossa chegada. Te desafio a achar uma alma que tenha se aproximado de Deus buscando graça e não a tenha achado.

1. Que formas usou Deus para fazer-te chegar ao "lar"?

2. Aceita o desafio de Max, você consegue pensar uma pessoa bíblica que tenha procurado a graça de Deus, mas não a tenha achado? Quão importante resulta isto? Por quê?

Não estou a favor de diluir a verdade nem de comprometer o evangelho. Porém se um homem de coração puro chama de Pai a Deus, não posso chamar a esse mesmo homem de irmão? Se Deus não estabelece a perfeição doutrinária como requisito para a membresia familiar, deveria fazê-lo eu?

1. Que acreditas que quis dizer Mas com sua expressão "um homem de coração puro"?

2. Que aconteceria se a "perfeição doutrinária" se estabelecesse "como requisito para a membresia familiar"?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Lucas 19:1-10. Como mudou a graça a Zaqueu? Você acha que a graça o surpreendeu? E aos que estavam por perto? Explica.

Leia Lucas 15:3-7. A quem dirigiu Jesus esta parábola? Por que resulta isso importante? Qual era seu ponto principal? Que podes aprender acerca da graça por médio desta parábola?

CAPÍTULO 8

AS PERGUNTAS DE GABRIEL

PONTOS PARA REFLETIR

Nos assombra ainda a vinda de Deus? Não continua nos surpreendendo o evento? O Natal continua causando-nos o mesmo mudo assombro que provocou dois mil anos atrás?

1. Te surpreende ainda a vinda de Deus?
2. Como você se mantém preparado para permitir que Deus te surpreenda?

E por que será que de uns cem filhos de Deus, aproximadamente, somente dois se detiveram para considerar seu Filho? O que é este demônio de dezembro que nos rouba os olhos e imobiliza as línguas? Não é esta a temporada para fazer uma pausa e propor as perguntas de Gabriel?

1. A tragédia não é que não as possa responder, senão que estou demasiado ocupado para formulá-las.
2. Como explicas "este demônio de dezembro que nos rouba os olhos e imobiliza as línguas"?
3. Qual das perguntas de Gabriel te intriga mais? Por quê?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Lucas 1:5-20;26-38. Compara o versículo 18 com o versículo 24. Por que pensas que Gabriel reagiu de maneira tão diferente ante estas perguntas? Pensas que Gabriel tenha sido de "personalidade" muito amável? Explica.

Leia Daniel 8:15-19; 9:20-22. Que aprendes acerca da personalidade de Gabriel através destas passagens? Qual pensas que seria tua reação se ele se aparecesse a você?

CAPÍTULO 9

QUAL É TEU PREÇO?

PONTOS PARA REFLETIR

—Escolha. Só escolha uma opção e o dinheiro será seu.

Uma voz grave desde outro microfone começa a ler a lista:

"Ceda seus filhos em adoção".

"Prostitua-se por uma semana".

"Renuncie a sua cidadania".

"Abandone sua igreja".

"Abandone sua família".

"Mate um desconhecido".

"Realize uma mudança cirúrgica de sexo".

"Abandone sua esposa".

"Mude de raça".

—Essa é a lista —proclama o animador—. Agora, faça sua eleição.

1. Como responderias se fosses um dos participantes deste programa?

2. Qual é teu preço?

A um estudante foi-lhe pedido uma vez que definisse as palavras "eu" e "meu". Respondeu: "Pronomes agressivos".

1. Qual é o problema dos "pronomes agressivos"?
2. Qual é o custo do egoísmo?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Lucas 12:13-21. Qual é o ponto referente à cobiça que destaca Jesus nesta passagem? Qual é seu ponto principal?

Leia Deuteronômio 10:14-15. De acordo com esta passagem, por que não tem sentido a cobiça? Qual é a conexão entre os versículos 14 e 15?

Leia Hebreus 13:5-6. Qual é o mandado negativo que se dá aqui? Qual é o mandado positivo? Qual é a razão que se dá para obedecer os mandados? Que se produz como resultado da obediência aos mandados?

CAPÍTULO 10

PROVISÕES E GRAÇA

PONTOS PARA REFLETIR

Também nós fomos agraciados com uma surpresa. Ainda maior que a da mulher. Pois embora sua dúvida fosse grande, ela podia pagá-la. Nós não temos a possibilidade de pagar a nossa.

A nós, igual que à mulher, foi-nos entregue um presente. Não só na caixa registradora, senão perante o tribunal.

E nós também nos convertemos em esposa. Não só por um momento, senão para a eternidade. E não somente por provisões, mas para o banquete.

1. De que modo "fomos agraciados com uma surpresa"?
2. Por que não temos a possibilidade de pagar nossa dívida?

3. Que presente se nos entregará diante do tribunal?
4. Em que forma nos convertemos em esposa?
5. Qual é o banquete que nos menciona Max?
6. Pensas que assistirás ao banquete? Explica.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Romanos 5:6-11. Para quem morreu Cristo (versículo 6)? Por que isto é um exemplo de graça? Que resultado produz o abraçar a graça (versículo 11)? Isto é característico em tua experiência. Explica.

Leia Apocalipse 19:6-9. Como nos alenta este acontecimento que se descreve nesta passagem? Quem são os participantes principais? Esperas estar ali? Sim ou não, por quê?

CAPÍTULO 11

A DECISÃO

PONTOS PARA REFLETIR

Amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. A estes encomendo meu dia. Se tiver êxito, agradecerei. Se falhar, buscarei Sua graça. E depois, quando este dia tenha acabado, colocarei minha cabeça sobre meu travesseiro e repousarei.

Escolho a Deus.

1. Que opinas acerca da filosofia de vida expressada no parágrafo anterior? Dá resultado? Explica.
2. Que significa Max ao dizer: "Escolho a Deus"? Como se escolhe a Deus?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Gálatas 5:22-23. Por que não há lei contra as coisas enumeradas nesta página? Com que se comparam estas coisas nos versículos 19-21? Em qual lista você se situa com maior frequência?

Leia Deuteronômio 30:19-20 e Josué 24:14-15. Quais são as opções que estas passagens nos brindam? Em que se parecem estas opções às que devemos escolher? Que decisão você tomou? Explique.

CAPÍTULO 12

O PROFETA

PONTOS PARA REFLETIR

Um se veste como Jesus, porém o outro se comporta como Jesus.

Um se apresentou como embaixador de Cristo; o outro nem precisou fazê-lo.

Um despertou minha curiosidade, mas o outro tocou meu coração.

1. Qual destes dois homens gostaria mais de conhecer? Explica.

2. Com qual destes dois homens te resultaria mais agradável passar um semana? Explica.

E algo me dizia que se Jesus estivesse presente, em pessoa, em Santo Antônio, e eu me encontrasse com Ele na loja, não o reconheceria pelo rastelo, pela vestimenta ou pela grande Bíblia.

Porém o reconheceria pelo seu bom coração e suas palavras amáveis.

1. Como pensas que se vestiria Jesus se andasse pelas ruas de nosso mundo atual? Seria possível reconhecê-lo entre uma multidão de pessoas? Explica.

2. Como pensas que se comportaria?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia 1 João 2:3-6. Como podemos saber se conhecemos a Jesus (versículo 3)? Que sucede à pessoa que obedece a Palavra de Deus (versículo 5)? Que devemos fazer se declaramos que conhecemos a Jesus (versículo 6)?

Leia Lucas 6:43-45. Como podes distinguir entre uma "árvore" ruim e uma boa? Que tipo de "fruto" diriam outros que você produz?

Leia Efésios 5:1-2. Quais são os mandados que se nos dão nesta passagem? Que exemplo nos dá?

CAPÍTULO 13

QUANDO TE IRRITEM OS GRILOS

PONTOS PARA REFLETIR

Quando nos maltratam, nossa resposta animalística é sair a caçar. Instintivamente fechamos nossos punhos. Procurar vingança é algo muito natural. O qual, em parte, é o que constitui o problema. A vingança é natural, não espiritual. Vingar-se é a lei da selva. Conceder graça é a lei do reino.

1. O que com maior frequência caracteriza tua resposta ao maltrato, a "lei da selva" ou a "lei do reino"?

2. Dá um exemplo de teu modo de reagir ante o maltrato.

A vingança é irreverente. quando devolvemos um golpe estamos dizendo: "Sei que a vingança é tua, Deus, mas o que acontece é que achei que não ias castigar o suficiente. Pensei que seria melhor tomar esta situação em minhas próprias mãos. Tens tendência a ser um tanto suave".

1. Alguma vez você teve a sensação que se descreve no parágrafo anterior? Explica.

2. Qual foi o resultado se alguma você agiu segundo este sentimento?

O perdão aparece com mais facilidade com uma lente de grande alcance. José utiliza uma para poder ver todo o quadro. Recusa focalizar a traição de seus irmãos sem olhar também a lealdade de Deus.

1. Como é que o perdão aparece com mais facilidade com uma "lente de grande alcance"?

2. Por que se dificulta com "uma lente de tele-objetiva"?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Provérbios 20:22. Qual é o mandado negativo que se dá aqui? Qual é o mandado positivo? De que modo operam ambos em conjunto?

Leia Gênesis 50:15-21. Tinha José o direito de estar irado pela forma em que o maltrataram seus irmãos? Como reagiu ele? Qual foi o resultado? Como pensas que terias reagido se fosses José?

CAPÍTULO 14

COMO VER O QUE O OLHO NÃO VÊ

PONTOS PARA REFLETIR

A vida é mais do que o olho percebe.

Pois disso se trata a fé. A fé é confiar no que o olho não pode ver.

Os olhos vêem o leão que espreita. A fé vê o anjo de Daniel.

Os olhos vêem tormentas. A fé vê o arco-íris de Noé.

Os olhos vêem gigantes. A fé vê Canaã.

1. Estás de acordo em que "a fé é confiar no que o olho não pode ver"?

2. Trata-se de mais que isso? Explica.

—Somente pulo em braços grandes.

Se acharmos que os braços são fracos, não pularemos.

Por isso, o Pai flexionou seus músculos.

1. Como Deus tem demonstrado seus "braços grandes" em tua vida?

2. Qual tem sido a maior "flexão de braços" que tenhas experimentado?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Hebreus 11:1-3. Como se define a fé nesta passagem? Como o expressarias com tuas palavras?

Leia o Salmo 20. Que lições de confiança podes aprender desta passagem? Que promessas se dão? Qual é a esperança que se expressa?

Leia Efésios 1:19-20. Esta passagem ajuda a edificar tua própria fé? Explica. Como usa Paulo esta passagem em Efésios?

CAPÍTULO 15

COMO VENCER O HERDADO

PONTOS PARA REFLETIR

Não podemos escolher nossos pais, mas sim podemos escolher nossos mentores.

- 1.** Que mentores você escolheu?
- 2.** Por que escolheste estes indivíduos em particular?

Talvez teu passado não seja algo do qual jactar-te. Talvez tenhas sido testemunha de horrível maldade. E agora você, igual que Josias, deves tomar uma decisão. Te sobreporás ao passado e produzirás uma mudança? Ou permanecerás sob o controle do passado e elaborarás escusas?

1. Selecciona uma palavra que descreva como você se sente a respeito de seu passado: Agradecido? Irritado? Desanimado? Orgulhoso? Deprimido? Abençoado?

2. De que modo às vezes permitimos que o passado nos controle? Alguma vez você se permitiu cair nesta modalidade? Explique.

A vida espiritual nasce do Espírito! Teus pais podem te ter dado teus genes, mas Deus te dá graça. É possível que teus pais sejam responsáveis de teu corpo, mas Deus se fez cargo de tua

alma. É possível que teu aspecto venha de tua mãe, mas a eternidade te vem de teu Pai, teu Pai celestial.

1. De que forma muda este princípio toda a nossa perspectiva?

2. Que tipo de herança espiritual você tem agora? Descreva-a.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia 2 Reis 21. Descreve a herança de Josias. Como você acha que se sentia a respeito dela?

Leia João 3:1-8. Como explicou Jesus que podemos receber uma herança espiritual? Que devemos fazer? Como se moveu o Espírito em tua vida? De onde proveio o "vento"?

Leia 2 Coríntios 5:17. Que significa estar "em Cristo"? O que se ganha? O que se perde?

CAPÍTULO 16

O DOCE SOM DO SEGUNDO VIOLINO

PONTOS PARA REFLETIR

Faz demasiado tempo que tocas o segundo violino. Necessitas dar um passo por conta própria.

1. Alguma vez você recebeu um conselho semelhante à declaração antes mencionada?

2. Alguma vez você deu tal conselho? Qual foi o resultado de obrar segundo esse conselho?

Viver dos elogios dos outros consiste numa dieta errática.

1. Que significa a declaração anterior?
2. Como constitui uma "dieta errática"?

Até o dia de hoje, quando o sol brilha e a lua reflete e se ilumina a escuridão, ela não se queixa nem fica ciumenta. Só faz o que sempre deveu fazer.

A lua ilumina.

1. Qual é o resultado de fazer aquilo para o qual foste criado?
2. Você conhece esta sensação? Explica.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia 1 Coríntios 12:12-30. Como poderia a lua ter-se evitado muito sofrimento ao aceitar o conselho desta passagem? Existe aqui uma lição para você? De ser assim, qual é?

Leia Romanos 12:3-8. Como poderia ter evitado algo de dor à lua o conselho que se brinda no versículo 3? Como encaixa nos lineamentos traçados no resto da passagem?

Leia Isaias 43:5-7. Para que fomos criados, segundo Isaias? Como "glorificamos" a Deus? Você o faz? Explica.

CAPÍTULO 17

TEU SACO DE PEDRAS

PONTOS PARA REFLETIR

É possível que tenhas te aproximado da religião, mas não de Deus? Será que congregaste numa igreja, mas nunca viste a Cristo?

1. Alguma vez te aproximaste à "religião" em vez de aproximar-te a Deus? De ser assim, que aconteceu?

2. Como é possível ir à igreja e não ver a Cristo? Você vê a Cristo quando assiste à igreja? Explica.

Vai a Ele. Sê sincero com Ele. Admite que tens segredos da alma que nunca enfrentas-te. Ele já os conhece. Somente espera que lhe peças ajuda. Somente espera que lhe dêes tua sacola.

Adiante. Te alegrarás de tê-lo feito.

1. Como você se chega a Jesus? Alguma vez você se aproximou dEle desta forma?

2. Pergunta-te o que levas dentro de teu saco. Você entregou essas coisas a Ele? Se a resposta é não, por quê?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia 2 Coríntios 7:5-13. Qual é a conexão entre contristar-se e arrepende-se nesta passagem (veja especialmente o versículo 10)? Que produz tristeza segundo Deus?

Leia Mateus 11:28-30. Que nos diz Jesus que façamos nesta passagem? Como o fazemos? Qual o resultado? Você experimentou um "descanso" assim? Explique.

CAPÍTULO 18

SOBRE OZ E DEUS

PONTOS PARA REFLETIR

O poder que necessitas é em realidade um poder que já tens. Só é necessário que busques com a suficiente profundidade, o tempo necessário, e não haverá nada que não podas fazer.

Te parece familiar? Te parece patriótico? Te parece... cristão?

1. Quando foi a última vez que ouvis-te uma declaração similar à anterior? Descreve.

2. Alguma vez te pareceram cristãs tais declarações? Explica-te.

O cristianismo "faça-você-mesmo" não resulta de grande alento para o exausto e o cansado.

1. Que quis dizer Max com "cristianismo faça-você-mesmo"?

2. Que não é de grande incentivo para o cansado um cristianismo como este?

O mágico diz: "Olha dentro de você e encontra teu eu". Deus diz: "Olha dentro de você e encontra a Deus".

O primeiro te levará a Kansas.

O último te levará ao céu.

Você escolhe.

1. Como poderia interpretar-se errado a frase "olha dentro de você e encontra a Deus", de Max?

2. Como você acha que deveria ser interpretada?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Mateus 19:17. Qual era a intenção de Jesus ao fazer esta declaração ao jovem? Que queria que compreendesse? O jovem, captou a mensagem? Explica.

Leia 1 Coríntios 6:9-11. Qual era a mentira que Paulo não queria que acreditassem os coríntios? De que modo radical tinham mudado suas vidas? Quem produziu a mudança?

Leia Romanos 1:17. Segundo este versículo, de onde provém a justiça? Como se relaciona a fé com este assunto? Em que se diferencia isto da mensagem do mágico?

CAPÍTULO 19

UM TRABALHO INTERNO

PONTOS PARA REFLETIR

Não se pode corrigir um problema interno desde fora.

1. A que "problema interno" se refere Max?
2. Por que não pode corrigir-se desde "fora"?

A sociedade pode renovar, porém só Deus re-cria.

1. Por que não pode re-criar-se a sociedade?
2. Por que Deus não realiza uma simples renovação?

A próxima vez que soem os alarmes em teu mundo, pergunta-te três coisas:

Existe em minha vida algum pecado sem confessar?

Existe em meu mundo algum conflito sem resolver?

Há em meu coração alguma preocupação não rendida ao Senhor?

1. Faça para você mesmo as perguntas que Max enumera acima.

2. Quais são tuas respostas? Há alguma coisa que você deva fazer? Quê?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia o Salmo 32:1-5. Em princípio, como tratou Davi com seu próprio pecado? Que aconteceu? Como respondeu então ele? Que sucedeu?

Leia o Salmo 51:10. De que maneira resulta esta uma oração para cada crente de qualquer época? Forma parte de tua vida de oração? Explica.

Leia 1 Pedro 5:7. Qual é o mandado que se dá. Que razão se dá para este mandado? Como podemos obedecer este mandado num sentido prático?

CAPÍTULO 20

AS BOAS NOTÍCIAS DA MEIA-NOITE

PONTOS PARA REFLETIR

Existe alguém que tem a mão sobre o acelerador deste trem, ou será que o motorista pulou antes de aparecer a curva da morte?

- 1.** Alguma vez você se fez uma pergunta como a anterior?
- 2.** De ser assim, quais eram as circunstâncias?

A promessa do Messias vai enfiando quarenta e duas gerações de pedras em bruto, até formar um colar digno do Rei que veio. Assim como prometeu.

- 1.** Te surpreendem os antepassados que compõem a árvore genealógica do Messias? Sim ou não, por quê?
- 2.** Como é que esta genealogia resulta "digna do Rei que veio"?

3. Por que você acredita que Deus decidiu registrar sua árvore genealógica?

O motorista não abandonou o trem. A guerra nuclear não é uma ameaça para Deus. as economias não intimidam os céus. Líderes mortais jamais descarrilaram o plano.

Deus cumpre sua promessa.

1. De que forma pode uma firme crença na verdade antes expressada manter-nos com a cabeça fora da água?

2. Como se manifesta esta verdade em teu mundo?

3. Que evidência bíblica podes citar?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia João 16:33. Qual é a promessa que nos faz Jesus nesta passagem? Que é a advertência que nos faz? Que significa "confiai"? Por que devemos confiar?

Leia Daniel 4:34-35. Que lição aprendeu Nabucodonosor quanto ao controle de Deus sobre o universo? Qual é a frase desta passagem que te resulta mais memorável? Por quê?

Leia Isaias 43:11-13. Que disse Deus de si mesmo a respeito de seu controle do universo? Que frase desta passagem é mais importante para você? Por quê?

CAPÍTULO 21

HÁBITOS SAUDÁVEIS

PONTOS PARA REFLETIR

Escolhe um momento do passado não muito remoto. Um ano ou dois atrás. Agora formula-te umas poucas perguntas. Como se compara tua vida de oração atual com a daquele então? E o que dá? Se incrementou tanto a quantidade como o gozo? E que acontece com tua lealdade para a igreja? Podes notar que crescestes? E teu estudo bíblico? Estás aprendendo a aprender?

1. Formula-te as perguntas que Max enumera acima.
2. Como vãs nestes aspectos?

O crescimento é um objetivo do cristão. A maturidade é um requisito.

1. Como o crescimento é um objetivo do cristão?
2. Como a maturidade é um requisito?

Ali estão. Quatro hábitos que vale a pena adotar. Acaso não resulta agradável que alguns hábitos sejam bons para você? Faz deles parte de tua vida e cresce. Não cometas o erro do pequeno menino. Não permaneças demasiado perto do lugar por onde entraste. É arriscado descansar na borda.

1. Realiza uma avaliação pessoal quanto a tua atuação em cada um dos hábitos que enumera Max.
2. Quais são teus pontos fortes? Tuas fraquezas?
3. Que poder fazer para melhorar?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Colossenses 1:9-12. Que petições específicas fez Paulo aos colossenses? Como podem estas ajudar a dar forma a nossa vida de oração?

Leia 1 Pedro 2:2-3. Qual é o mandado que se nos dá aqui? Qual é o resultado prometido? Qual é a motivação que se dá?

Leia 2 Pedro 3:18. Que significa crescer em graça? E significa crescer em conhecimento? Qual a relação entre ambos?

CAPÍTULO 22

DFW E O ESPÍRITO SANTO

PONTOS PARA REFLETIR

Seja qual for o médio de transporte, a travessia pode acabar sendo exaustiva. Não seria maravilhoso descobrir uma escada mecânica para o coração?

- 1.** Que quer dizer Max ao mencionar uma "fita transportadora para o coração"?
- 2.** Você gostaria de uma? Explique.

A próxima vez que necessites descansar, repousa. Ele te manterá orientado no sentido correto. E a próxima vez que consigas avançar... agradece a Ele. Ele é quem aporta o poder.

E a próxima vez que desejes dar-te por vencido? Não o faça. Por favor, não o faça. Vira na próxima esquina. Talvez te surpreenda o que vãs encontrar ali.

Além disso, te espera um vôo rumo ao lar que não desejarás perder.

- 1.** De que forma cumpre o Espírito Santo cada um dos aspectos que Max enumera acima? Você os experimentou em sua vida? Explique.
- 2.** De que se trata este "vôo para o lar" ao que faz referência Max? Como se fazem reservas para o mesmo?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Colossenses 1:28-29. Qual era a meta de Paulo quanto a seu ministério? Que se requeria para conseguir esta meta? Haverá alguma diferença no que diz respeito a nós? Explica.

Leia Hebreus 10:32-36. Como anima o escritor a seus leitores a não se dar por vencidos? Que razões esgrime? Que promessa dá? Qual é a advertência que oferece?

CAPÍTULO 23

O DEUS QUE PELEJA POR VOCÊ

PONTOS PARA REFLETIR

Se você não sabe o que fazer, o melhor é ficar quieto até que Ele faça sua parte.

1. O que você opina deste conselho?
2. Te resulta difícil fazer caso do mesmo? Explica.

—Se um cara te sujeita contra o chão e bate em você, e teu pai está a uma distância que possa ouvir-te e te disse para chamá-lo sempre que necessite de sua ajuda, o que farias?

—Chamaria meu pai.

—Pois foi o que eu fiz. O único que eu faço. Quando a batalha é demasiado grande, peço a Deus que se ocupe. Chamo o Pai para que peleje por mim.

1. Como logramos que o Pai peleje por nós em nosso viver cotidiano?
2. Que significa isto? Que podemos esperar?

A Ele corresponde pelejar. A nós corresponde confiar.

Só confiar. Não dirigir. Não questionar. Não arrebatá-lhe a direção do carro. Nos corresponde orar e esperar. Não é preciso nada mais. Não é necessário nada mais.

1. Que significa "confiar" em teu caso pessoal?
2. Como se relacionam o agir em fé e o esperar em oração?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Êxodo 14: De que maneiras confiou Moisés em Deus neste capítulo? De que maneiras pelejou Deus por ele? Qual foi o resultado?

Leia 2 Crônicas 20:1-30. De que formas confiou Jeosafá em Deus nesta passagem? De que formas pelejou Deus por ele? Qual foi o resultado? Que efeito te produz a declaração do rei no versículo 12b?

Leia o Salmo 115. Quais eram as dificuldades com as que se enfrentava o povo nesse momento? Como reagiu? Que fez Deus? como pode seu exemplo ajudar-nos?

CAPÍTULO 24

O DOM DA INFELICIDADE

PONTOS PARA REFLETIR

A infelicidade sobre a terra cultiva a fome do céu. Ao produzir em nós uma profunda insatisfação, Deus capta nossa atenção. A única tragédia, então, é sentir satisfação prematura. Conformar-se com a terra. Sentir-se a gosto em terra estranha. Contrair enlace com os babilônios e esquecer-se de Jerusalém.

1. Como a insatisfação pode chamar-se um exemplo de graça?

2. Que significa "contrair enlace com os babilônios e esquecer-se de Jerusalém"? Alguma vez sentes a tentação de fazer isto? Explica.

E você nunca será completamente feliz sobre a terra, simplesmente porque não foi feito para a terra. Ah, sim, terás teus momentos de gozo. Poderás vislumbrar momentos de luz. Conhecerás momentos ou até dias de paz. Mas não são comparáveis com a felicidade que se encontra mais à frente.

1. Por que diz Max que não fomos feitos para a terra?

2. Qual seria o problema de chegar a ser verdadeiramente feliz na terra?

Reduz tuas expectativas a respeito da terra. Isto não é o céu, então não esperes que o seja. Nunca haverá um noticiário sem más notícias. Nunca haverá uma igreja sem fofocas nem competência. Nunca haverá um carro novo, uma esposa nova ou um novo bebê que possa dar-te o gozo que anela teu coração. Só Deus pode fazê-lo.

1. De que maneira prática podemos reduzir nossas expectativas a respeito da terra?

2. Dá vários exemplos.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Eclesiastes 3:11. Que significa que "colocou a eternidade no coração deles (os homens)"? Como se revela isto?

Leia 1 Pedro 2:11. Em que se diferencia o modo de vida de um "estrangeiro" ou de um "peregrino" do modo de vida dos nativos? Como batalham contra a alma os desejos carnis? De que modo ajuda nesta batalha o viver como estrangeiro?

Leia 1 Coríntios 2:9-10. Por que resulta este ser o melhor quadro do céu que podemos compreender? Te dá esperança esta passagem? Explica.

CAPÍTULO 25

COMO VER A DEUS

PONTOS PARA REFLETIR

Quem deseja o céu sem Deus? O céu não é céu sem Deus.

1. Por que o céu sem Deus deixaria de ser céu?
2. Desejarias viver num lugar assim? Explica.

O contentamento é uma virtude difícil de lograr. Por quê?

Porque não há nada na terra que possa satisfazer nosso mais profundo anseio. Anelamos ver a Deus. As folhas da vida se sacodem com o rumor de que sim o veremos... e não estaremos satisfeitos até que isso aconteça.

1. Estás de acordo com a explicação de Max acerca do motivo pelo que resulta difícil lograr o contentamento?
2. Haverá outros motivos pelos que resulte difícil lográ-lo? explica.

Ao ver a Deus, Isaias ficou aterrado. Por que tal temor? Por que tremia tanto? Porque era cera diante do sol. Uma vela num furacão. Um peixinho nas cataratas do Niágara. A glória de Deus era demasiado grande. Sua pureza, demasiado genuína. Seu poder, demasiado imponente.

A santidade de Deus ilumina a condição pecadora do homem.

1. Define a santidade de Deus.

2. Por que deveria aterra a Isaias?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Êxodo 33:12-23. Terias pedido o que pediu Moisés segundo aparece no versículo 18? Que significa que não podia ver o "rosto" de Deus? como se relaciona isto com a santidade de Deus?

Leia Isaias 6:1-7; Hb 12:14; Apocalipse 1:12-18. como reagem em linha geral as pessoas ante a santidade manifesta de Deus? Por que sucede assim? Que sugere isto em quanto a nosso modo de relacionarmos com Deus?

Leia o Salmo 17:15. Que será o que finalmente nos satisfará, segundo Davi? Por que deveria satisfazer-nos?

CAPÍTULO 26

ÓRFÃOS ANTE A PORTA

PONTOS PARA REFLETIR

A terra não é o que havíamos esperado. É possível que tenha seus momentos agradáveis, mas simplesmente não é o que achamos que deveria ser. Algo dentro de nós geme pedindo mais.

1. De que maneira não cumpriu a terra com tuas expectativas?

2. Você "geme" por algo mais? Explica.

Ou estamos tão ansiosos que exigimos. Exigimos deste mundo o que só nos pode dar o mundo vindouro. Nenhuma doença. Nenhum sofrimento. Nenhuma luta. Esperneamos e

sacudimos nossos punhos, esquecendo que unicamente no céu pode encontrar-se essa paz.

1. Alguma vez você se descobre exigindo o que verdadeiramente pertence ao mundo vindouro?

2. De ser assim, que o provoca? Qual é o resultado?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Romanos 8:18-25. De que maneira a esperança de "redenção" torna mais suportáveis nossos "gemidos"? Como se manifesta este gemer? Qual é nossa esperança final?

Leia 2 Coríntios 5:1-10. Com que propósito nos fez Deus (versículos 4-5)? Onde entra o viver pela fé (versículo 7)? Qual é nossa meta enquanto isso (versículo 9)? Qual é a motivação que se dá (versículo 10)?

CAPÍTULO 27

A PAISAGEM DAS TERRAS ALTAS

PONTOS PARA REFLETIR

Todos necessitamos ajuda de vez em quando. Esta travessia fica empinada. Tão empinada que alguns de nós nos damos por vencidos.

1. Você sente alguma vez a tentação de dar-se por vencido?

2. Quais são as circunstâncias que provocam este desejo?

O sangue humano do divino Cristo. Cobre nossos pecados.

Proclama uma mensagem: Fomos comprados. Não podemos ser vendidos. Jamais.

1. Que sensação te produz a declaração acima mencionada?
2. Explica o motivo.

Acredita em mim quando digo que vale a pena. Nenhum preço é demasiado elevado. Se deves pagar um preço, paga-o! Nenhum sacrifício é demasiado grande. Se for necessário que deixes bagagem no caminho, deixa-o! Nenhuma perda será comparável. Custe o que custar, faça-o. por todos os céus, faze-o.

1. Qual é o preço que se te pode exigir que pagues em tua vida? Que sacrifícios talvez devas fazer?

2. Qual "bagagem" será necessário que "deixe no caminho"? Qual bagagem poderão abandonar outros mediante tua ajuda?

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Hebreus 12:22-24. Como se descreve nosso futuro nesta passagem? Qual é o quadro que se representa? Isto te dá ânimo? De ser assim, como? Se não for assim, por quê?

Leia 1 Coríntios 6:19-20. A quem pertences segundo esta passagem? Como sucedeu isto? Como devemos responder?

Leia Romanos 8:35-39. Terá ficado fora da lista algum possível inimigo? Quão seguro é nosso destino? Como se assegura este destino? Como te faz sentir isto? Por quê?

CAPÍTULO 28

O NOME QUE SÓ DEUS CONHECE

PONTOS PARA REFLETIR

Não te parece incrível que Deus tenha reservado um nome para você? Um nome que nem sequer conheces? Sempre imaginamos que conservaremos o nome que nos deram. Não é assim. Imagina o que isso implica. Ao parecer teu futuro é tão promissório que merece um novo título. O caminho para frente é tão brilhante que se faz necessário um nome novo. Tua eternidade é tão especial que nenhum nome comum te servirá.

1. Alguma vez você teve um "nome segredo"? Alguma vez você deu a outro um nome segredo? De ser assim, qual foi o propósito destes nomes? Que sensação produziam na pessoa que os recebia?

2. Se te concedessem um "nome segredo" baseado num rasgo de teu caráter, qual seria o rasgo pelo que mais te agradaria ser reconhecido?

À tua vida lhe espera mais do que jamais imaginas-te. À tua história lhe falta mais do que lês-te. À tua canção lhe espera mais do que cantaste. Um bom autor se reserva o melhor para o final. Um grande compositor guarda sua obra-mestre para o fim. E Deus, o autor da vida e compositor da esperança, fez o mesmo para você.

1. Te resulta fácil acreditar que "a tua vida lhe espera mais do que jamais imaginas-te"? Explica.

2. Que é o que aguardas com mais ânsias do mundo vindouro. Descreve.

SABEDORIA DA PALAVRA

Leia Isaias 56:3-5. A que problemas se referiu Deus nestes versículos? Sobre que a gente sentiu a tentação de pensar? Alguma vez você teve esses pensamentos? De ser assim, explica. Que promete Deus no versículo 5?

Leia Apocalipse 2:17. Que significa ser um "vencedor"? Que se promete a tal pessoa? Você tem a esperança de ser tal pessoa? Explica.

Leia Sofonias 3:17. Qual é o papel que cumpre Deus neste versículo? Como nos anima? Este versículo te gera alguma expectativa para o futuro? Te estimula? Explica ³².

³² Lucado, Max, 2001. "Quando Deus sussurra teu nome", Caribe-Betania Editores: Nashville.